



ETNOS
FACES DA DIVERSIDADE





ETNOS
FACES DA DIVERSIDADE

Ministério da Cultura, Santander e Santander Cultural apresentam

ETNOS

FACES DA DIVERSIDADE

CURADORIA DE **MARCELLO DANTAS**



Patrocínio



Apoio



Produção



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO
FEDERAL

SANTANDER CULTURAL

15 DE AGOSTO A 7 DE OUTUBRO DE 2018



O Santander Cultural convida para um passeio pela cultura de todos os continentes por meio da exposição **ETNOS – Faces da Diversidade**. A mostra apresenta 165 máscaras que expressam a multiplicidade da representação facial como instrumento de reconhecimento da identidade humana.

Para compor o projeto, o curador Marcello Dantas partiu de uma frase emblemática de Joseph Campbell: “Os mitos são sonhos públicos; os sonhos são mitos privados”. Mitologista, escritor, conferencista e professor universitário, Campbell se deteve, ao longo de toda a sua carreira, sobre os mitos de diversas culturas mundiais e estabeleceu semelhanças e conexões entre os ciclos de transformação de muitas delas.

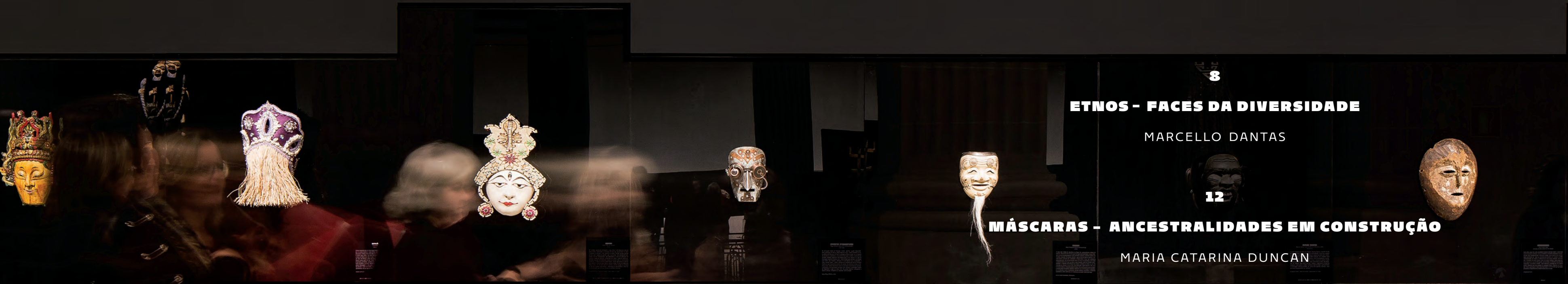
Propondo um mergulho vertical nesse universo de similaridades e diferenças, as peças selecionadas para a exposição vão desde máscaras ritualísticas africanas até vestuários do Teatro Nô japonês – passando ainda por figurinos do Carnaval de Veneza e Colômbia, por peças das culturas coreanas e japonesas, por indumentárias chinesas e indígenas, e por fantasias de *cosplay*, do cinema e da cultura pop.

Ao considerar que as máscaras nos dão a possibilidade de falar uma linguagem universal que não depende de idiomas, a exposição nos convida a refletir sobre a existência de uma comunicação não verbal que se estabelece, primordialmente, por meio de símbolos. A sensação de mistério e encantamento proporcionados pela evidência de uma linguagem capaz de prescindir do discurso des- constrói convicções e concepções prévias e nos estimula à formulação de perguntas para as quais podem existir várias e distintas respostas.

ETNOS – Faces da Diversidade reforça nosso compromisso de continuar estimulando a formação de um público qualificado e capaz de refletir sobre diferentes manifestações culturais e estéticas. Um olhar atento e curioso para a multiplicidade de expressões que o ser humano se habilitou a produzir desde tempos ancestrais até a contemporaneidade foi o que nos conduziu para a construção desse projeto tão singular que agora entregamos, em primeira mão, ao público gaúcho.

MARCOS MADUREIRA
Presidente Santander Cultural





8

ETNOS - FACES DA DIVERSIDADE

MARCELLO DANTAS

12

MÁSCARAS - ANCESTRALIDADES EM CONSTRUÇÃO

MARIA CATARINA DUNCAN

16

EXPOSIÇÃO

EXHIBITION

76

TEXTOS EM INGLÊS

ENGLISH TEXTS

ETNOS

FACES DA DIVERSIDADE

MARCELLO DANTAS
CURADOR

“Os mitos são sonhos públicos; os sonhos são mitos privados”.
Joseph Campbell

O que diferencia uma etnia de outra não são os corpos, não são os anseios de felicidade e nem o instinto de vida e de amor. O que diferencia uma etnia de outra são as visões de mundo, as culturas e, para capturá-las, há um atalho. Em praticamente todos os grupos étnicos, encontramos o uso de artefatos faciais: máscaras, adornos ou pinturas. Elas remetem a poder, transgressão, anonimato, sexualidade, sabedoria, guerra, humor, demônios, morte. A máscara carrega o símbolo de quem somos e do que queremos incorporar ao vesti-la. Os primeiros exemplares encontrados datam de mais de 9.000 anos atrás; elas são uma das manifestações criativas mais ancestrais do homem, e, curiosamente, se manifestaram em todo o mundo de forma autóctone, sem necessariamente serem influenciadas em cascata. As máscaras são a mais antiga evidência de nosso desejo de transcender e de nos conectarmos com uma dimensão mítica.

A ideia de **ETNOS** é reconhecer, por meio das máscaras, a diversidade cultural em que hoje convivemos no planeta e, ao mesmo tempo, identificar, dentro de tanta diferença, algo em comum em nossa essência humana – um mote tão desafiador quanto sutil. Uma inspiração é a abordagem do mitólogo Joseph Campbell, autor de *O poder do mito*¹ e *O herói de mil faces*², sobre o papel que tais instrumentos desempenham na vivência dos mitos (algo próximo do que são as imagens no inconsciente coletivo). Campbell nos revela que existe uma unidade mítica dentro da diversidade exterior, como se, por meio de distintas portas, pudéssemos chegar ao mesmo Olimpo mítico. O passaporte para alçar esses voos são as máscaras.

Com sua leitura no horizonte, apresentamos uma extensa coleção de exemplares em uso na atualidade: das máscaras ritualísticas africanas às do Teatro Nô japonês, dos artefatos do Carnaval de Veneza e da Colômbia a peças coreanas, chinesas e de culturas ameríndias. Justapondo essas trajetórias longínquas no tempo, há igualmente máscaras de fetiche, de contraventores contemporâneos, e várias oriundas da cultura pop, como do cinema e do *cosplay*. A premissa é que elas participem de rituais vivos na atualidade – no sentido mais amplo daquilo que hoje pode ser reconhecido como ritual. A diversidade existe dentro do tempo contemporâneo, que é simultâneo – na sucessão de tempo, ela não apresenta desafio algum.

Por vários motivos, a vida urbana moderna se destituiu de grande parte dos rituais que conectavam o indivíduo a seus grupos de origem. A apresentação de uma criança à sociedade, a entrada na vida adulta, o casamento, a morte, o trabalho coletivo nas lavouras, os ciclos da natureza: nada, ou muito pouco, dessas ocasiões para exercitar papéis simbólicos restou. Em oposição a essa carência de sentido, começaram a surgir novas ritualísticas nas últimas décadas, como diferentes formas de *role playing* e usos simbólicos na mídia de massas, tais como os super-heróis, o renascimento dos ritos de Carnaval e outras festas pagãs, além de muitas modalidades de comunhão de grupos à distância no mundo digital – por exemplo, o uso de máscaras nas redes sociais. As máscaras rituais se perpetuam.

A máscara também tem o atributo fundamental de ocultar a face de seu portador. Na era digital, a relação entre máscara e



identidade ganha mais complexidade. Com o reconhecimento facial e a inteligência artificial, o rosto é lido como um conjunto de dados que diferencia cada indivíduo, um reconhecimento permanente que suprime o anonimato e revê o sentido de privacidade. Por trás de cada um desses objetos reside o único espaço de privacidade que ainda nos resta, o exíguo espaço que separa um rosto de uma máscara. Nesse contexto, o simples ato de se mascarar pode ser subversivo – símbolo de revolta e de não conformidade. O artefato torna-se uma arma, um recurso para quebrar um controle imposto, alheio ao consentimento pessoal. Em mais de 20 países da Europa, Américas e Oceania, o uso de máscaras em manifestações públicas já é ilegal. Para além do anonimato, a simbologia da máscara aciona medos profundos: um mascarado em um aeroporto hoje representa ameaça tão iminente quanto uma bomba. Ocupam nosso imaginário alguns atos brutais de nossa História recente, relacionados à figura de carrascos, de membros de grupos extremistas como o Setembro Negro, da Ku Klux Klan, e Jihadi John, do Estado Islâmico, e suas execuções televisionadas. A máscara empodera indivíduos, os liberta de eventuais amarras e os conecta a ideais que podem levá-los à cometer atrocidades.

O mundo do cinema encontrou o das máscaras em 1898, apenas três anos depois da invenção dos irmãos Lumière, com a primeira imagem etnográfica em movimento – e nunca mais se separaram. Alfred Cort Haddon, autor do registro pioneiro, levou uma câmera ao Estreito de Torres, em Papua-Nova Guiné, e eternizou a performance de um aborígene portando uma máscara em um ritual. Esse filme é uma das pérolas da pesquisa dessa exposição. Esse símbolo tornou-se universal na cultura midiática e conformou uma nova linguagem partilhada, com manifestações produzidas e consumidas globalmente. O cinema e as máscaras se encontraram nesse momento e nunca mais se separaram. Surgiram heróis, super-heróis e vilões, preciosamente mascarados para caracterizar o mito que desejavam invocar. A história do cinema no século XX atualiza a narrativa das máscaras, mascarados e do desmascarar.

As máscaras também encarnaram ritos da música pop, com artistas como Daft Punk, Björk, Kiss e Gorillaz, que encontraram nelas uma maneira de transitar entre o universo pop e a criação de códigos que sua música suscita, mas que suas faces não simulam.

Artistas visuais como Pascale Marthine Thayou, Miguel Moreira e Silva, Beau Dick e Pierre Huyghe também fizeram o uso da máscara como artifício criativo, invocando uma reinterpretacão de mitos sob uma ótica atual, e entendendo a máscara como

um agente que traduz, como poucos, a força que uma obra pode ter sobre quem é imantado por ela. O filme de Huyghe, *Untitled (Human Mask)*, mostra o poder transformador que uma máscara de Teatro Nô japonês exerce sobre um macaco, que, ao utilizá-la, incorpora gestos humanos e comportamentos que desafiam nosso entendimento do que é um símio.

Mas o que há em cada exemplar desse heterogêneo conjunto reunido em **ETNOS** que seja capaz de interligar toda e qualquer cultura? As máscaras mostraram um caminho para reconhecer a necessidade humana de experimentar outro estado de consciência e de espírito, de exercer um poder validado por seu grupo. São um artifício que toda a humanidade encontrou, não importa a sua origem no planeta ou realidade cotidiana. Se, por um lado, elas permitem incorporar códigos reconhecidos pela sua cultura de origem, quanto mais nos tornamos diversos e miscigenados mais aprendemos a reagir a esses códigos. Essa reação nos certifica de que a diversidade se interiorizou em nós.

Passamos a entender que as máscaras são onipresentes e que criam uma linguagem universal de si mesmas. Uma linguagem que não depende dos idiomas e que permite que nos comuniquemos por símbolos que não haviam, até então, se universalizado. A beleza de uma linguagem não verbal como a das máscaras é que ela abre nossa cabeça para a formulação de perguntas para as quais não temos respostas. O artefato físico da máscara é a evidência dessa linguagem. O que existe na sutil conexão entre essas diversas manifestações culturais é algo que pertence somente à percepção humana. **ETNOS** quer mostrar conexões que permitem entendermos a nós mesmos dentro dessa nova paisagem em que a diversidade nos une mais do que a identidade. Em que o que não conhecemos nos empodera mais do que aquilo que nos é familiar. Em que as perguntas sem respostas nos levam a lugares muito mais interessantes do que o saber raso da indexação.

O ser humano não se basta, e essa busca por outra dimensão é algo que sempre se manifestou, seja onde for. Mas no presente essas buscas se conectaram. Nunca a diversidade foi algo tão visível para tantos, e nunca foi tão evidente o desafio e a oportunidade de se conviver num lugar tão repleto de signos.

NOTAS

1. CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas-Athena, 2014.
2. CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 1989.



MÁSCARAS

ANCESTRALIDADES EM CONSTRUÇÃO*

MARIA CATARINA DUNCAN
CURADORA INDEPENDENTE

Os espelhos estão cheios de gente.

Os invisíveis nos veem

Os esquecidos nos recordam

Quando nos vemos, os vemos

Quando nos vamos, se vão?

GALEANO, Eduardo. *Espelhos*.
Porto Alegre: L&PM, 2008.

Cada máscara é uma, são muitas, são todas e nenhuma. Cada máscara contém uma intenção, um destino e um potencial que superam as limitações físicas da matéria para acessar esferas simbólicas de representação e conexão. A máscara se comunica por si só e também através de nós, possibilitando a criação de pontes de acesso entre mundos, entre subjetividades, entre gêneros, entre espécies. Não se limita a um personagem, um arquétipo ou um objeto artístico; dentro da cultura em que se insere, a máscara pode ser compreendida como instrumento de aprendizagem, de rememoração e conexão com a história, a cosmologia, os aspectos políticos e ancestrais de um determinado grupo. Estamos falando de sujeitos ativos e não de objetos passivos e, por isso, seguiremos nos referindo a cada máscara como instrumento, considerando sua individualidade e capacidade de se comunicar.

Ao encarar a falta de um olho vivo por trás dessas faces, caímos com facilidade na armadilha da objetificação; é preciso lembrar que aquilo que faz a coisa viva não são os olhos dentro dela, mas sim, fora. Essas figuras não têm idade, e podem ter seis meses ou seiscentos anos, pois nascem de novo a cada vez que alguém as vê. Ver não é o mesmo que olhar: para que possamos ver, será preciso passar por uma operação, pois há dentro de nós

um corpo estranho, uma bactéria parasita enraizada há centenas de anos chamada colonização. Como o próprio nome indica, essa colônia se infiltra em nosso pensamento, nossas maneiras de ver, ouvir, falar, pensar, tomar decisões, comer... Precisamos nos despir do pensamento colonial e desenraizá-lo; ele não vai deixar de ter existido, mas agora, com distanciamento, poderemos olhar com liberdade. Como quando estamos doentes e nos curamos, não deixamos de ter estado doentes – o passado não se apaga, mas deve cessar. A transformação de cura se dá pela identificação da doença e, quando estivermos curados, poderemos finalmente parar de confundir sujeitos com objetos e enxergar o outro como um.

A invasão de terras alheias é tão antiga quanto a história do ser humano; confrontos e encontros que podem se dar de diversas maneiras surgem de um impulso demasiadamente humano. Seja na Ásia, na África, na Europa ou nas Américas, uma das consequências diretas desses processos de troca ou de guerra é a destituição identitária dos povos oprimidos. Máscaras podem ser encontradas como fundamentos culturais, religiosos e políticos nas sociedades originárias e contemporâneas do mundo todo e, consequentemente, tiveram de ser retiradas, saqueadas e deslocadas dentro dos regimes colonizadores mais recentes. Essa

prática pode ser evidenciada nas coleções dos maiores museus etnográficos da Europa e dos Estados Unidos, que contêm máscaras sagradas de povos do mundo todo como objetos exóticos. Enquanto alguns as percebem como objetos curiosos, sujeitos são desprovidos de partes cruciais de sua essência. Precisamos olhar com cuidado, para não repetirmos os equívocos que destituem povos de suas próprias culturas, um processo de esvaziamento, desinteresse e aniquilação da memória. A concepção de conservação ocidental não é aplicável ao objetivo de uma máscara, feita para se comunicar; ela nunca está parada ou alheia àquilo que acontece à sua volta. Todos os exemplares presentes nesta exposição estão vivos, e esse encontro de forças ancestrais tão diversas se faz necessário agora. O mundo através da máscara não é estático: estamos diante de instrumentos ativos, que pertencem a uma longa tradição de mutação. *Etnos* é um radical que confere sentido a uma determinada situação. Temos muito o que (des)aprender.

Em sua utilidade de resistência, a máscara pode ser utilizada como arma e desvio. A Careta de Acupe, no Recôncavo baiano, era utilizada por escravos para assustar os senhores dos engenhos e fazendas, permitindo fugas e alimentando o imaginário de que demônios sobrenaturais habitaram aquelas terras. A máscara de Guy Fawkes, também conhecida como máscara de V de Vingança, foi utilizada como símbolo da Conspiração da Pólvora (movimento inglês do final do século XVIII), e é disseminada como um ícone anarquista pertencente a um cérebro global horizontalizado, sem líderes definidos e em constante resistência contra a opressão, utilizada em protestos e boicotes de desobediência civil em todo o mundo.

Máscaras são todas as outras faces que nos permitem ser e, para ser, é preciso permitir também que o outro seja. O encontro com a máscara ou com o mascarado é um encontro de alteridade, como disse Achille Mbembe em seu livro *A crítica da razão negra*: “falar de um é, na realidade, evocar o outro”.¹ Ao falarmos da luz, evocamos a sombra, posto que nada pode ser se não houver alteridade. Em um contexto “pós-colonial”, o problema da identidade étnica tem de passar pela política. Vivemos em uma sociedade patológica, que diagnostica como estranho tudo aquilo que não pode ser compreendido pelo pensamento ocidental.

Para o povo Dogon, na atual região do Mali, as máscaras eram utilizadas como instrumentos de conexão ancestral entre matéria e espírito, origem e finalidade, em ritos para luta e sus-

pensão do luto. Há uma linguagem específica de máscaras, chamada *Sigi-So*, ensinada a todos os homens do território Dogon durante a adolescência como rito iniciático. Para essa população, as máscaras atravessam mundos, e seguir com elas para além do rito é seguir para outro mundo e deixar a Terra. A ancestralidade é viva, implica as linhagens passadas, mas só pode existir no presente. Ancestralidades estão sendo produzidas constantemente e podem se materializar através e a partir do uso de máscaras.

A interioridade de toda uma sociedade é deformada diante dos olhos de outra e, para superarmos essas contradições, precisaremos de novas condições de convivência. Na disposição das máscaras dentro desta exposição, não existe um centro esclarecedor que determina a alteridade de tudo que o circunda: estamos falando de muitos centros, todos únicos, que continuam se multiplicando. Cada máscara corresponde à sua unidade, cada uma delimita sua diferença, mas todas correspondem a uma só natureza. Há diferenças, fato, e por isso será preciso conviver.

A partir de uma perspectiva não linear do tempo, na qual tudo se sobrepõe e intercala, outras dimensões habitam o agora, e talvez o futuro não seja tão distante do passado. Um indivíduo se transfigura em animal, super-herói ou ancestral, podendo, assim, atravessar mundos e circular entre dimensões com o auxílio de cantos, palavras, rezas e ritos. Diante de cada uma, é possível vislumbrar subjetividades, geografias, corpos, cores e cheiros distintos, pertencentes a diversos tempos, que acontecem ainda hoje. Quais são as músicas entoadas para esses seres acordarem? Quais rostos e corpos os carregam? Quem os teme? Quem os adora? Quem os conquista? Que forças os movem? Que ficções os materializam?

Para imaginar, basta estar vivo. Independente do contexto, a força é inerente e emana dos corpos em contato com cada uma dessas máscaras. Representantes de suas culturas, elas se comunicam de um universo e de um tempo distantes, mas estranhamente familiares. Diante dessa força, o passado se faz presente, o futuro se assemelha ao passado e o tempo é suspenso para que uma nova conexão se instaure entre aqueles que já passaram, aqueles que aqui estão e aqueles que em breve virão.

No Brasil, a *Cazumba* expressa referências simbólicas originárias do povo Banto, da África ocidental, que foi escravizado ao longo de três séculos, e sua resistência se faz presente através de nossa cultura, língua e religião. *Cazumba* vem da palavra quimbundo *casumbi*, sendo aqui transformada em figura central

para os ritos de bumba meu boi no Maranhão. *Cazumba* não é ser humano ou animal: está entre a magia e o lúdico. Fusão dos espíritos de ambos, cercado de magia e responsabilidades, esse espírito não pertence a ninguém, mas sem ele nada acontece.

Quase nenhuma das máscaras que conhecemos tem seu autor identificado, exceto aquelas que foram produzidas mais recentemente por pessoas que se reconhecem e intitulam artistas. O anonimato de seus criadores faz com que sejam reconhecidas apenas por sua terra natal. A identificação dos construtores e inventores de máscaras é mantida como um segredo, guardado apenas pelo criador e pela criatura. A necessidade de impor uma assinatura a um objeto retira dele sua autonomia, e ele passa a pertencer a uma só pessoa, perdendo sua identidade própria de ser no mundo.

As variações de nomenclatura em torno de um objeto evidenciam diferentes concepções de mundo sobre o que pertence a quem, quem cria o quê. As máscaras não são criadas apenas por aqueles que as constroem, mas por toda uma comunidade: aquele que a veste, que a manipula, e aquele que a vê. Nesse sentido, somos todos criadores e testemunhas, fazendo nascer, o tempo todo, aquilo que observamos e compartilhamos. Novas configurações de pensamento e conhecimento se instauram e operam no imaginário comum.

Em quase todas as culturas e épocas, as máscaras são agentes participativos de nossa relação com o desconhecido. Feita de gesso, madeira, metal, tecido, plástico ou o que bem entender, suas funções ocupam um similar espaço social. Elas surgem de crenças e necessidades básicas para incorporar aspectos de adoração e culto e, assim, vislumbrar outras formas de vida. Como descrito pelo antropólogo Pedro Cesarino em uma entrevista concedida a Beatriz Labate, “é como se nossa sociedade, marcada pela hegemonia do sentido da visão, procurasse cada vez mais alteridades sensoriais em que ‘o não ver’ possa revelar ‘outras formas de ver’”.² Nesse trecho, Cesarino descreve o momento em uma peça em que o ator se deita na rede e coloca a máscara para entender, para poder ver mais precisamente, já que não está enxergando com os olhos apenas. Dessa forma, ele ativa seus sentidos para ver para além do corpo físico, pela alma. A sociedade ocidental promove uma cultura em que só se crê naquilo que se vê, dando um peso maior à visão do que a qualquer um dos outros sentidos. Precisamos aprender a ver de novo, pelos olhos de dentro.

Quando mascaramos algo, escondemos, criamos uma nova camada de entendimento: cobrir para descobrir. Trata-se do momento em que o ser humano decide personificar aquilo que ele não é para falar precisamente sobre aquilo que ele é. Máscaras atuam como instrumentos para construção de novas narrativas. Em ação, esses artefatos dançam e atualizam o mito e o conto, engajando as pessoas numa vivência de aprendizagem presencial.

Modelos culturais também podem ser postos em prática em uma aprendizagem coletiva por meio do uso da máscara: é o que ocorre, por exemplo, no teatro grego a partir do século V a.C. Atores utilizavam máscaras para criar narrativas que os protegiam como indivíduos e permitiam que sua expressão alcançasse a vastidão do público. Oriundas dos cultos a Dionísio, no teatro as máscaras entram em ação narrativa em performance e, com o auxílio de cantos, ativam a força de cada personagem. O ator era conhecido como aquele que possuía duas caras – termo de uso pejorativo hoje, mas que, em alguma instância, implica um poder de dissimulação. A palavra “hipócrita” deriva do termo grego *hyporites*, que significa ator.

O uso da máscara implica necessariamente um apagamento, mesmo que parcial, daquele que a veste. Essa função de velar e esconder permite também uma espécie de proteção, dada pelo anonimato. Ao prevenir o reconhecimento, pode-se garantir uma espécie de imunidade contra aquilo ou aqueles que o veriam como mau. No caso das máscaras de dragões chineses, sua função é de afastar maus espíritos.

A *balaclava*, por exemplo, de origem russa, foi fabricada para cobrir quase todo o rosto durante a guerra da Crimeia, em 1854. Ela foi adotada mundialmente por bombeiros, para se proteger do fogo, por praticantes de esquí, para se proteger do frio, e por esquadrões policiais e militares, a fim de não serem identificados. Na Bolívia, meninos e meninas se escondem por trás dessas máscaras, que já se tornaram símbolo da cidade e ganharam diversas releituras: ali, a *balaclava* é utilizada por engraxates nas ruas de La Paz, conhecidos como “lustra botas”, os quais cobrem seus rostos a fim de proteger suas identidades e dignidade familiar, já que este é considerado um trabalho impuro.

A diferença cultural se torna problemática quando se produz um julgamento sobre as máscaras, com intuito de classificação, aprovação ou negação. O conflito de interpretações explicita os perigos de uma narrativa única. A máscara garante a proteção

contra o julgamento alheio, além de garantir a possibilidade de ver o outro sem ser visto por ele.

O filósofo Jean-Paul Sartre utilizou a metáfora do poder de “ver sem ser visto” em 1948, ao ampliar as vozes de jovens poetas negros francófonos, como Aimé Césaire e Léopold Senghor: “O que você espera escutar, quando o barulho que silenciou as vozes de homens negros for retirado? [...]. Quando essas cabeças, que os nossos pais forçaram sobre o chão, se levantarem, você espera encontrar adoração em seus olhares? Nessa antologia, homens negros estão de pé, eles nos examinam; e quero que você sinta, como eu, a sensação de ser visto. Considerando que homens brancos têm aproveitado, por três mil anos, o privilégio de ver sem serem vistos”. Com essa metáfora em torno do poder do olhar como representação colonial, Sartre já enviava os sinais sobre a situação intolerável da colonização. Nesse texto, ele introduz a ideia de globalização, uma nova percepção sobre o planeta que habitamos: para que essa forma de ver possa existir, outras deverão entrar em colapso.

Máscaras integram sistemas sociais diversos e são aplicadas com variadas funções; seus significados dependem da fantasia, imaginação e desejo de seus condutores. A vida sem memória ou imaginação está sozinha; juntos somos um, mais fortes e potentes em nossos cantos e entoações, entre festas e lutas, inícios e fins. Seus usos se assemelham, mas nunca são iguais: a diferença tem que ser reconhecida, aceita e transcendida. Nos dias de hoje, uma polarização da sociedade avança e nos interpela constantemente – o desejo de segregação nunca foi tão avassalador. Corremos o risco de perder de vista aquilo que temos em comum: a própria diferença. Por isso, é preciso lembrar que a uniformidade não é o estado natural das coisas: a diferença é, provavelmente, a estrutura mais profunda que nos torna humanos. Será preciso celebrar o dissenso, a incompreensão, a multiplicidade do tempo e a diversidade cultural. O mundo não pode ser compreendido a partir de uma única linguagem, uma única história, um único deus, um único mito. Somos multidão. A raça humana sempre se apegou a noções de fronteira, territorialização física ou mental; precisamos perceber os abismos e rachaduras que permitem a união, por onde é possível deixar entrar a luz. Nas palavras de Jota Mombaça, precisamos “abrir rachaduras na colonialidade” para explorar o que acontece quando pessoas se unem, aceitando as suas diferenças como pontos em comum. Caminhamos pelos caminhos da contradição.

Estamos aqui, juntos, compreendendo, através de nossos corpos, a emergência de outros saberes. Esta exposição propõe a ampliação de formas de construção de identidades livres e, para isso, é preciso desconstruir as identidades fixas, questionar autenticidades e des-generalizar tudo. Sujeitos universais não nos cabem mais: identidade é sempre um processo e, portanto, não pode ser rígida.

* Texto comissionado

NOTAS

1. MBEMBE, Achille. *A crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014, p. 79.
2. CESARINO, Pedro. Mito, Antropologia e Teatro: Entrevista com o antropólogo Pedro Cesarino. *Ponto urbe – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*. São Paulo, v. 7, p. 1-9, 2010.
3. SENGHOR, Léopold. *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*. Paris: PUF, 1976, p. 229.
4. MOMBAÇA, Jota. Episódios do Sul Não Existe o Pós-Colonial. Disponível em: <www.goethe.de/ins/br/lp/prj/eps/sob/pt16117914.htm />. Acesso em: 28 jul. 2018.

BIBLIOGRAFIA

BUENO, André P. *Cantos de máscaras no Nordeste brasileiro e na África Central e do Oeste: pistas para uma análise comparativa*. Revista MAE-USP 20, 2010.

BORGATTI, Jean M. *Likeness and beyond: Portraits from Africa and the World*: Centre for African Art, 1990.

CAMPBELL, Joseph. *As transformações do mito através do tempo*. Cultrix, 1992.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Paz Terra, 2018.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado: Pesquisas de antropologia política*. Cosac Naify, 2013.

DONATO, Hernâni. *Dicionário de Mitologia*. Editora Cultrix, 1982.

ESPEJO, Elvira (ed.). *Máscaras: Los diversos rostros del alma*. MUSEF Editores, 2014.

GALEANO, Eduardo. *Espelhos*. Siglo Veintiuno editores, 2008.

GALEANO, Eduardo. *Espelhos*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

GRIAULE, Marcel. *Masques dogon*. Musée de L’Homme / Institut d’Ethnologie, 1963.

LABATE, Beatriz; CESARINO, Pedro. Mito, Antropologia e Teatro: Entrevista com o antropólogo Pedro Cesarino. *Ponto urbe – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*. São Paulo, v. 7, p. 1-9, 2010.

MBEMBE, Achille. *A crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

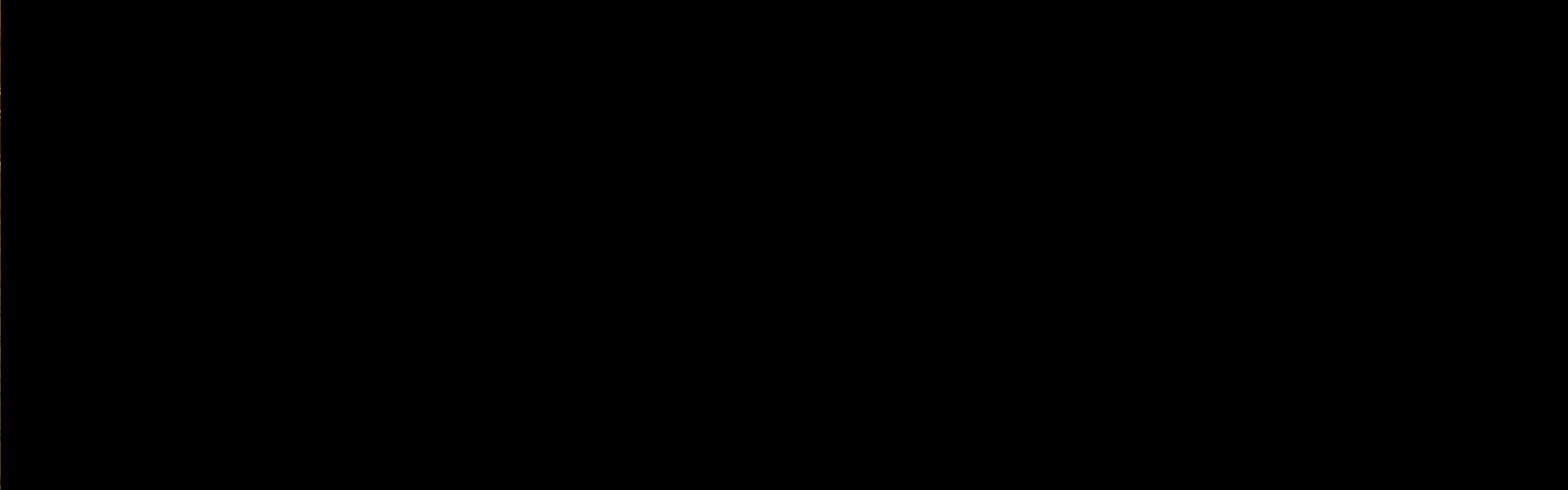
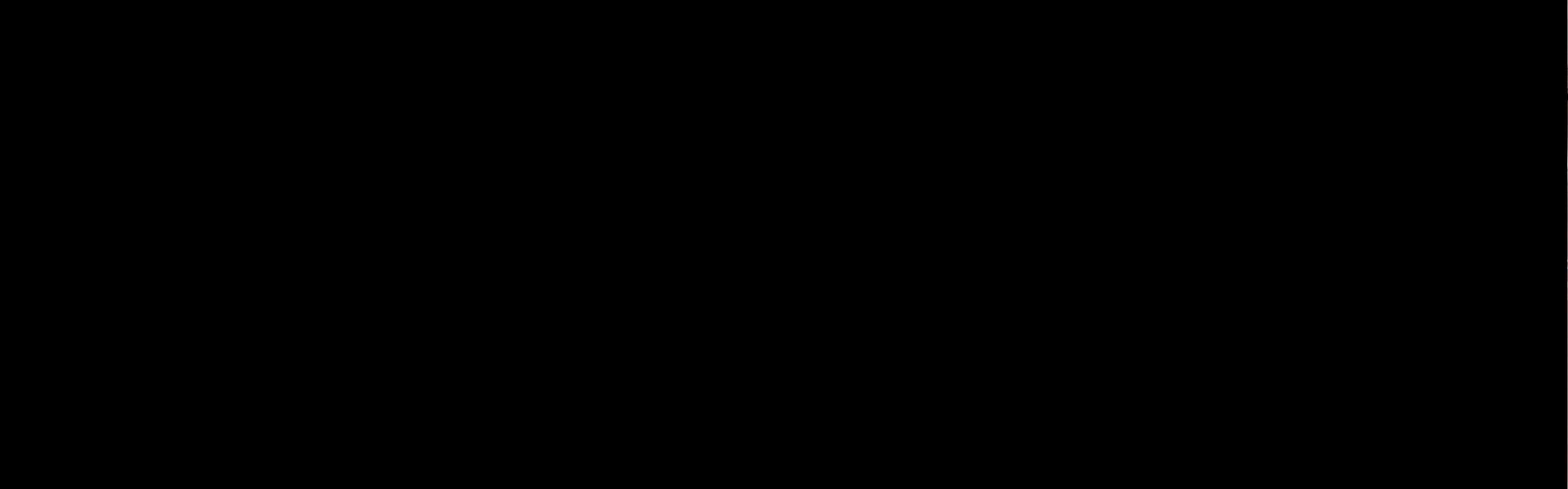
MBEMBE, Achille. Episódios do Sul. *Por que julgamos que a diferença seja um problema?* Goethe Institut, 2017. Disponível em: < https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/mag/20885952.html/>. Acesso em: 28 jul. 2018.

MOMBAÇA, Jota. Episódios do Sul. Não Existe o Pós-Colonial, Goethe Institut, 2018. Disponível em: <www.goethe.de/ins/br/lp/prj/eps/sob/pt16117914.htm />. Acesso em: 28 jul. 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula G. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Almedina, 2010.

SARTRE, Jean-Paul (1948). *Orphée Noir*. *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française par Léopold Sédar Senghor*. Paris: Gallimard, 1976).







RODA-CAPUZ (APAPAATAI)

Ritos do povo Waurá
BRASIL

Nativos do Alto Xingu, no Mato Grosso, o povo Waurá presta reverência aos *apapapaatai*, espíritos monstruosos capazes tanto de produzir doenças, quanto de fornecer a cura para elas. Quando uma pessoa adoece pela ação de um desses espíritos, é feito um rito com máscaras gigantescas, para transmitir ao enfermo a forte potência xamânica dos *apapaatai*, passível de ser capturada por objetos rituais. Uma vez restabelecido, o paciente se torna um *amunaw* (“dono do ritual”), obrigado a alimentar e cuidar dos *apapaatai* que o adoeceram. Uma parte considerável da produção agrícola dos Waurá se destina a oferendas a esses espíritos, que também podem assumir a forma de seres extra-humanos, como o fogo, ou de animais, como o sapo e o morcego. O paradoxo envolvido no seu modo de ação, que engloba doença e cura no mesmo princípio, remete ao conceito grego do *phármakon*, a um só tempo veneno e remédio.

Acervo Museu do Índio, Rio de Janeiro
SOBRENATURAL



MEDUSA

Figurino da cantora Björk
ISLÂNDIA

Formado em Grego Clássico pela Universidade de Oxford, o artista autodidata James Merry se inspirou na paixão pela Grécia para criar esta máscara para a cantora islandesa Björk. Mito milenar, até hoje adaptado em quadrinhos, filmes e *games*, a Medusa é a encarnação do feminino ameaçador, sob a forma de uma mulher monstruosa e fatal. Uma das versões do mito conta que ela era uma linda sacerdotisa do templo de Atena, que foi assediada por Posêidon e desrespeitou seu voto sagrado, ao se deitar com ele no templo. Furiosa, Atena decidiu amaldiçoá-la: transformou seus belos cabelos em serpentes e sua bela face num rosto tão terrível, que seria capaz de petrificar quem o encarasse. A única mortal entre as três Górgonas, Medusa teve a cabeça decepada pelo herói Perseu, que lutou contra ela olhando sua imagem no reflexo do escudo.

Acervo James Merry

PODER + SOBRENATURAL + MORTE

KANAGA

Ritos do povo Dogon
MALI

De acordo com a mitologia dogon, suas mais de 70 máscaras foram criadas pelos espíritos dos arbustos, presenteadas às formigas e depois roubadas por um pássaro, que as levou até uma mulher chamada Sadimbe. Com o poder que obteve dançando mascarada, Sadimbe aterrorizou os homens da aldeia, que se juntaram para retirar as máscaras (e o poder) dela. Até hoje, somente os homens podem vestir máscaras como a Kanaga, que representa um deus criador sob a forma de um pássaro mítico, de pernas e braços esticados numa dupla cruz, organizando o universo em zonas superiores e inferiores. Ela é usada em ritos fúnebres, para defender os vivos e ajudar os mortos a chegar ao mundo dos espíritos, e pode fazer parte de grandes festivais de renovação da agricultura e da fertilidade humana, celebrados a cada 60 anos. Vestindo saias vermelhas de fibra de hibisco, que remetem ao sangue menstrual, mascarados dançam tocando as pontas das máscaras no chão, simbolizando a concretude do encontro entre o natural e o sobrenatural.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

CRIAÇÃO + PODER + SOBRENATURAL + MORTE



JERO LUH

Ano-Novo balinês
INDONÉSIA

Jero Luh e seu marido Jero Gede representam os espíritos ancestrais dos habitantes de Bali e desempenham a função de protegê-los. Nos festejos de Ano-Novo, os balineses saem de aldeia em aldeia portando grandes máscaras do casal ancião, assim como nas procissões que antecedem as cerimônias de cremação. Esculpidas no estilo *Barong Landung*, conhecido pela confecção de peças míticas e enormes, as máscaras de Jero Luh e Jero Gede têm o poder de levar a cura e a fertilidade a quem precisa. Calma e elegante, Jero Luh, em particular, é reverenciada como a dama da compaixão e adorada por defender os fiéis das forças malignas que pretendem importuná-los.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa

PODER + SOBRENATURAL



GRAS-DKAR

Ano-Novo tibetano
TIBETE

No Tibete, a chegada do Ano-Novo é celebrada com uma série de festividades, que se estendem por vários dias. Uma delas, que acontece no segundo dia do ano, é chamada de Gras-Dkar: a performance de artistas folclóricos que perambulam pelas ruas da cidade, entretendo os moradores. Em geral, portam máscaras como a exposta aqui, que representa um bardo, tipo de poeta encarregado de transmitir histórias e lendas oralmente. Segundo a tradição, os mascarados passam de casa em casa improvisando cantos e danças, inspirados pela figura mítica do sacerdote Padmasambhava, que cumpriu um importante papel no século VIII, na difusão do budismo no Tibete. Observando e participando do Gras-Dkar, os tibetanos acreditam que estão atraindo bênçãos de boa sorte para todo o ano que se inicia.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa

SABEDORIA

CARA GRANDE (YPÉ)

Festa Tawa do povo Tapirapé
BRASIL

Em 1947, uma das últimas aldeias do povo Tapirapé, da Amazônia, foi quase destruída num ataque kayapó. Aos sobreviventes só restou se render aos invasores e também aos Karajá, outro antigo rival. A máscara Ypé simboliza essa rendição, ao incluir referências dos dois povos agora aliados. Na Cara Grande, uma cruz vermelha ao redor dos olhos, feita de penugem de arara, retrata a pintura facial de urucum, típica dos Kayapó e dos Karajá. Já a arrumação de penas num cocar, em torno da cabeça, varia conforme o povo representado. Na festa conhecida como Tawa, mascarados encenam uma dança em que um Tapirapé resiste aos ataques dos inimigos e, depois, carrega um por um para a oca principal da aldeia. Mais do que uma fantasia de transmutar a derrota em vitória, a festa ritualiza uma incorporação das culturas inimigas. Incorporação simbolizada pela boca aberta, cheia de dentes feitos de espinhas de peixe, que remetem à agressividade entre os povos rivais, mas também à possibilidade de uma cultura se alimentar das outras.

Acervo Museu do Índio, Rio de Janeiro

HIBRIDISMO + PODER



RAVANA

Dança Chhau de Saraikela
ÍNDIA

Com dez cabeças e vinte braços, Ravana é o terrível rei dos demônios na mitologia hinduísta, dotado de grandes poderes, como o dom de produzir tempestades e terremotos. Capaz de assumir a figura que desejar, desde a forma humana até a forma de uma montanha, seu corpo original é coberto de cicatrizes: marcas das várias lutas que travou contra os deuses. Símbolo da própria essência do mal, conquistou seu trono por meios violentos, expulsando do reino de Lanka o meio-irmão Kubera, deus da riqueza. Ravana se engajou também numa série de batalhas épicas contra o herói Rama, sétimo avatar do deus Vishnu, que, ao final, conseguiu derrotá-lo. O embate entre Rama e Ravana é um dos temas principais da Dança Chhau, rito de máscaras tradicional de cidades indianas como Saraikela, que encena enredos sagrados hinduístas representando os conflitos e o triunfo do bem sobre o mal.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
TRANSGRESSÃO + PODER + SOBRENATURAL + HIBRIDISMO



RAINHA DOS DEMÔNIOS

Teatro Lhamo [Estilo clássico de arte dramática tibetana, envolvendo música, teatro e dança]
TIBETE

O Teatro Lhamo tibetano é um tipo de arte dramática voltada para o entretenimento popular, mas seus fundamentos são profundamente enraizados em práticas religiosas budistas. Antes de qualquer peça, é encenado um prólogo com o intuito de purificar o espaço e sacralizar o tempo, transformados no espaço e no tempo das narrativas míticas. Só então podem ter início os enredos tradicionais, alguns incluindo personagens demoníacos, geralmente representados por máscaras da cor vermelha, que denota força. Um desses personagens, símbolo de furor e violência, é a Rainha dos Demônios, com nove cabeças distribuídas em três fileiras, cujos caninos indicam que são ogros, ou seres mitológicos malignos conhecidos como Rakshasa. Tanto durante quanto após a peça, a luta dos deuses contra os demônios é um elemento fundamental nas encenações. Antes de deixar o palco, os atores jogam no ar punhados de farinha e emitem gritos de louvor, celebrando o triunfo e a glória dos deuses.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
SOBRENATURAL

MAHAKOLA

Sanni Yakuma [Rito sagrado de exorcismo do povo cingalês]
SRI LANKA

Mahakola é o líder de um grupo de dezoito demônios, retratados no topo da cabeça de sua máscara sagrada, cada qual responsável por produzir um tipo de sintoma ou enfermidade: cólera, cegueira, pneumonia, furúnculos, pestes e outras doenças. Usada em cerimônias religiosas consideradas medicinais, a máscara de Mahakola faz parte de um rito de exorcismo. Chamado no idioma cingalês de *Sanni Yakuma* (*sanniya*: “enfermidade”; *yakuma*: “ritual demoníaco”), o rito costuma iniciar apresentando Mahakola cercado por cobras e pelos demônios, representados por suas próprias máscaras. Até que o exorcista entra em ação para aplacar os ânimos de um demônio específico, em nome de um determinado paciente e de sua família. Quando a cerimônia chega ao fim, a área é ritualisticamente limpa, para impedir que qualquer influência negativa permaneça no local.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
PODER + SOBRENATURAL



DIABO

Miguel Moreira e Silva [Artista contemporâneo]
PORTUGAL

A palavra “diabo” deriva do grego *diábolos*, que significa “aquele que desune, inspira ódio ou inveja”. Essa figura de discórdia está presente no relato bíblico sobre Lúcifer, o anjo mais belo do Céu, que se insurgiu contra Deus e foi expulso para o Inferno. Já a figura do diabo de modo mais geral, como a encarnação sobrenatural do mal, é recorrente em diferentes contextos culturais, com uma multiplicidade de formas e nomes: Satanás, Belzebu, Anticristo e muitos outros. Esta multiplicidade inspirou o artista Miguel Moreira e Silva a compor uma série de máscaras, todas intituladas *Diabo*. Marcado pela tradição milenar de confecção de máscaras em Trás-os-Montes, o distrito de Bragança, onde vive Moreira e Silva, festeja o final do carnaval com um cortejo de diabos na quarta-feira de cinzas, anunciando o início do período de privações da quaresma.

Acervo Miguel Moreira e Silva
SOBRENATURAL

ZAKPEI GE

Ritos do povo Dan
COSTA DO MARFIM E LIBÉRIA

Entre a grande variedade de máscaras do povo Dan, algumas têm a função de promover o controle social, transmitindo regras de conduta. Na época de secas, entram em cena os Zakpei Ge, uma espécie de brigada de incêndio mascarada e amparada pela sabedoria de seus antepassados. Eles inspecionam o uso do fogo para cozinhar e fazem travessuras como derrubar painéis ou castigar cozinheiras descuidadas. Começam a inspeção por volta de meio-dia, para ter certeza de que não haverá nenhum foco de incêndio potencializado pelos perigosos ventos da tarde. A ornamentação branca na faixa dos olhos remete ao contato com o mundo ancestral, o que legitima a ação desses mascarados.

Coleção Ivani e Jorge Yunes
PODER + SOBRENATURAL + SABEDORIA



VIDENTE

Ritos do povo Grebo
LIBÉRIA

As máscaras do povo Grebo são famosas pelo fato de que o pintor espanhol Pablo Picasso era proprietário de duas delas, que teriam inspirado seu trabalho, sobretudo na fase cubista. Algumas exibem mais de um par de olhos, representando figuras de videntes, capazes de enxergar além do mundo físico. A polaridade entre o que se vê e o que se esconde também marca a estrutura hierárquica do povo Grebo, chefiado por um líder que precisa permanecer em isolamento quase absoluto, na floresta. Com função protetora, este tipo de máscara se associa a ritos de preparação para a guerra, evocando poderes espirituais necessários para a vitória dos guerreiros.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

PODER + SOBRENATURAL

AÑA

Arete Guasu / Danza de los Añas [Carnaval de povos
Guarani-Chané]
PARAGUAI

O *Arete Guasu* (“Festa Grande”) é a ocasião em que povos Guarani-Chané, habitantes de diversas regiões entre Paraguai, Bolívia, Argentina e Brasil, celebram a abundância das colheitas ao final de um ano agrícola. Neste rito sagrado, é aberto um portal que inaugura um tempo mágico, conectando os vivos e os mortos. Estes últimos são simbolizados pelos *Añas*: espíritos ancestrais incorporados por mascarados que são acolhidos pela população em festa. Com uma longa barba branca, denotando a idade avançada, e plumas de pássaro no formato de um par de asas, remetendo ao voo leve que permite o deslocamento de um local ao outro, a máscara exposta representa uma das diferentes variedades de *Añas*. Apesar de terem sido associados ao diabo por missionários franciscanos durante a colonização espanhola, eles são celebrados por alguns povos em ritos que agregam elementos da fé cristã, dando mostras de uma miscigenação que tornou possível a sobrevivência de crenças pré-colombianas.

Acervo Fundação Memorial da América Latina, São Paulo

SOBRENATURAL + MORTE + HIBRIDISMO



CARETA DE CAZUMBA

Bumba meu boi do Maranhão
BRASIL

O Boi-bumbá ou Bumba meu boi é uma tradição folclórica celebrada em diversos estados brasileiros. Ela gira em torno da história do escravo que matou o boi favorito do patrão, porque sua esposa grávida sentiu um desejo irresistível de comer a língua do animal. Apavorado pela ira do fazendeiro, o casal só encontrou alívio ao perceber que o boi, magicamente, havia ressuscitado, acontecimento celebrado nas Festas do Boi, em geral na época de São João. No Maranhão, a encenação original ganha personagens especiais e mascarados: os Caretas de Cazumba se destacam dos demais brincantes pela irreverência e pelas travessuras. Além de divertir o público, é função dos Caretas dar início à apresentação e ajudar o escravo Pai Francisco a matar o boi. Geralmente composta de traços animais e bestiais, “quanto mais feia, mais bonita a Careta é”, afirma Abel Teixeira, artesão celebrado pela confecção das máscaras, inclusive da peça exposta.

Acervo Museu Casa do Pontal, Rio de Janeiro

TRANSGRESSÃO + HIBRIDISMO



CAPORAL

Morenada
BOLÍVIA

Difundida em diferentes países latino-americanos, sobretudo na Bolívia, a *Morenada* é uma dança tradicional em que o negro é o personagem principal. Presentes na colonização espanhola na região do Caribe, mas não na região dos Andes, os escravos vindos da África eram estrangeiros vistos com estranhamento pelos povos andinos. Para alguns pesquisadores, a *Morenada* deriva de uma zombaria indígena em relação ao sistema de comércio de escravos africanos. A tradição engloba uma série de personagens mascarados, entre eles o Caporal, uma espécie de chefe ou capataz das tropas de morenos. Os grossos lábios e a língua para fora simbolizam o grande esforço dos escravos no trabalho e os olhos azuis representam a mestiçagem entre os povos.

Acervo Fundação Memorial da América Latina, São Paulo

TRANSGRESSÃO + HIBRIDISMO



GORILA (NGIL)

Ritos do povo Fang
GABÃO

Caçadores e agricultores por tradição, os Fang se tornaram célebres por seu conhecimento dos animais, ervas e outras plantas das florestas equatoriais. Essa proximidade com os seres vivos que os rodeiam se faz presente na metafísica do povo Fang. A reverência aos espíritos da floresta se materializa em máscaras como esta, que retrata um gorila (*Ngil*), mas com traços muito próximos aos humanos. Seu uso mais frequente está associado a ritos iniciáticos, apesar de também ter sido usada com uma função judiciária, na punição de feiticeiros. A cor branca, que domina grande parte da máscara, se associa à ancestralidade, esfera com o poder necessário para exercer a punição. Durante a colonização francesa, os Fang sofreram influências do cristianismo, assimiladas à sua cultura em sincretismo com outras crenças. É comum que algumas aldeias celebrem a Páscoa cristã, mas os festejos transcorrem em quatro dias de música e dança, e incluem a ingestão de bebidas psicodélicas.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

PODER + SOBRENATURAL

MÁSCARA FACIAL GEOMÉTRICA

Ritos do povo Winiaama
BURKINA FASO

Como alguns povos vizinhos, os Winiaama são célebres por suas máscaras de animais, representados com um estilo típico de padrões geométricos coloridos de preto, branco e vermelho. Algumas máscaras são tão estilizadas, que é difícil deduzir qual o animal retratado. Também são frequentes as representações de figuras humanas no topo. Elas simbolizam os espíritos da natureza incorporados em cada máscara, que garantem o bem-estar e a fertilidade da aldeia, em geral, e do dono da máscara e sua família, em particular. Para que isso aconteça, mascarados dançam em diversas ocasiões, especialmente em cerimônias para honrar os mortos e seus espíritos. O significado dos padrões geométricos e outros conhecimentos sobre as máscaras são exclusivamente masculinos, transmitidos aos meninos púberes em ritos iniciáticos, junto com outras tradições sociais e regras morais.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

PODER + SOBRENATURAL + MORTE



MOO GUMS (CROOKED BEAK)

Beau Dick [Artista contemporâneo do povo Kwakwaka'wakw, nativo da costa oeste canadense]
CANADÁ

Chamada *Moo Gums* pelo artista Beau Dick, esta máscara representa o *Crooked Beak* (“bico torto”), um pássaro monstruoso e devorador de humanos. As quatro faces retratadas na máscara remetem às quatro bruxas contratadas para matar Gitsalis, um chefe tão adorado que disseminava a inveja. O feitiço criado por elas, à base de excrementos, cabelos e roupas, foi tão poderoso que ele adoeceu. Seus súditos o deixaram numa caverna e comunicaram às bruxas que ele estava morto. Elas desfizeram o feitiço, com medo de se contaminarem. E Gitsalis, já absorvido pelo mundo dos espíritos da floresta, conseguiu retornar sob uma forma sobrenatural, capaz de se teletransportar para a aldeia, e um tanto agressiva, precisando ser domado por meio de ritos. A máscara do *Crooked Beak* o acompanha nesse retorno e nesses ritos. Na cerimônia de *Hamat’sa* (Dança do Canibal), ele é um dos três pássaros a serviço do Baxwhbak-walanuxsiwe, o Canibal no Extremo Norte do Mundo.

Coleção particular / Cortesia Galeria Fazakas, Vancouver

PODER + SOBRENATURAL + MORTE

MSQRD (MASQUERADE)

Aplicativo de filtros para selfies

ESTADOS UNIDOS

Que tal vestir a máscara virtual de um tigre ou de um macaco? Ou de personagens marcantes como Harry Potter? De heróis como o Homem de Ferro e vilões como o Coringa? Tudo isso é possível com o aplicativo gratuito MSQRD. Agora é sua vez. Venha brincar de se mascarar.

Coleção particular

CRIAÇÃO + PODER + HIBRIDISMO



LEÃO

Ano-Novo chinês

CHINA

Há muitos séculos, um monge chinês sonhou que havia uma série de atrocidades assolando seu povo. Quando acordou, assustado, questionou como poderia evitar tanto sofrimento. Teve, então, uma visão: uma besta sagrada descia do céu para proteger a Terra, expulsando dela todas as forças negativas. Esta lenda costuma ser narrada como a origem da Dança do Leão, símbolo de boa sorte, representado por uma grande máscara manipulada por dois dançarinos, que sincronizam movimentos acrobáticos de artes marciais para mexer as patas dianteiras e traseiras. Apesar de não ser nativo da China, o felino foi introduzido no território há mais de dois mil anos: líderes do Oriente Médio enviavam leões de presente aos imperadores chineses, a fim de conquistarem o direito de negociar com os comerciantes locais. Atualmente, a Dança do Leão é celebrada no Ano-Novo do calendário chinês, o registro cronológico mais antigo que existe, que contabiliza o tempo presente como o ano de 4716.

Acervo da Associação Gaúcha de Dança do Leão e Dança do

Dragão, Porto Alegre

SOBRENATURAL



CHIFRUDO

Cavalhada de Pirenópolis

BRASIL

Em diversas regiões do Brasil, durante a Festa do Divino Espírito Santo (50 dias depois da Páscoa), acontece a Cavalhada, um misto de danças e competições, que envolvem disputas entre dois exércitos de cavaleiros. Sua origem remonta aos torneios entre mouros e cristãos na Idade Média, na Europa. Mas em municípios brasileiros como Pirenópolis, Goiás, o evento acrescentou traços profanos aos religiosos. Foliões usando máscaras de animais, com destaque para a famosa máscara do Chifrudo, circulam a cavalo pelas ruas da cidade, fazendo algazarra e brincando de casa em casa. Figuras altivas, os mascarados podem se tornar autoritários ou mesmo invasivos, herança de um tempo de segregação social, quando somente os ricos podiam ter seus cavalos. Num jogo de inversão de papéis, não só o homem se faz de bicho, mas o plebeu se faz de cavaleiro, enquanto durar a diversão.

Acervo Fundação Memorial da América Latina, São Paulo

TRANSGRESSÃO + PODER



WAGGIS

Carnaval da Basileia

SUÍÇA

Situada na fronteira com a Alemanha e a França, não surpreende que a terceira maior cidade da Suíça inclua em seu carnaval a caricatura do estrangeiro. Os Waggis representam camponeses franceses que saíam da Alsácia, no século XIX, para vender seus produtos no mercado da Basileia. No próprio dialeto alsaciano, o nome Waggis remete a um personagem alegre e *bon vivant*, que trabalha de dia e se diverte de noite. O nariz grande, em destaque na máscara sorridente, simboliza a reputação ligada aos excessos (inclusive de álcool). Nas 72 horas de duração do carnaval na Basileia, os Waggis se portam como bufões e se autorizam a fazer travessuras normalmente inaceitáveis no resto do ano, como bombardear transeuntes com cascatas de confetes.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO



ESPÍRITO

Festa da Moça Nova, povo Ticuna

BRASIL

O povo Ticuna, que habita uma região fronteira do Amazonas com o Peru e a Colômbia, mantém um rito de passagem da infância à idade adulta conhecido como Festa da Moça Nova. Quando ocorre a primeira menstruação, a menina é mantida por três meses em isolamento, em contato apenas com a mãe e talvez uma tia. Neste período, ela está vulnerável às influências de espíritos malignos – representando um estado de “impureza”, que outras culturas também associam ao sangramento e à sexualidade feminina. Ao final, os pais convidam a comunidade para a festa de iniciação, oferecendo comes e bebes. Trombetas, flautas e tambores são preparados para a cerimônia, acompanhando a chegada dos espíritos malignos, incorporados por dançarinos mascarados. Eles tentam se apossar da menina, mas acabam expulsos. Também durante o rito, os cabelos da iniciada são arrancados fio por fio, para que no lugar da criança nasça a nova mulher.

Acervo Museu do Índio, Rio de Janeiro

SEXUALIDADE + SOBRENATURAL

HIENA

Ritos do povo Bamana
MALI

Entre os Bamana, o *N'tomo* é uma sociedade iniciática de crianças ainda não circuncidadas, que precisam aprender a ficar caladas e sofrer em silêncio, antes de progredirem para outras associações, como a *Kore*. A cada sete anos, uma faixa de meninos púberes participa de um rito de passagem *kore*, em que precisam ser simbolicamente mortos, para deixarem o universo das mulheres e dos bebês. Após um período de reclusão no mato, em que são submetidos a desafios e provações, eles se transformam em homens adultos, tão fortes e habilidosos quanto os animais da floresta. Inspiradas nesses animais, existem diferentes classes de iniciados, cada qual com suas máscaras: macacos (*Sulaw*), leões (*Jaraw*) e hienas (*Surukuw*), sendo esta última exemplificada pela peça aqui exposta.

Coleção particular

HIBRIDISMO + PODER + SOBRENATURAL + MORTE



KPLEKPLE

Ritos dos povos Wan e Baulê
COSTA DO MARFIM

No início do século XX, o povo Baulê adotou uma cerimônia já mantida pelo povo Wan, conhecida como Dança Goli. Durante ritos comemorativos e agrícolas, ou no funeral de alguém respeitável e de alto escalão, a aldeia se envolve em festejos ao longo de um dia inteiro, muitas vezes animados pelo consumo de vinho de palma. Um dos tipos de máscara que faz parte da dança, a *Kplekple* representa um búfalo, com traços levemente humanos, como símbolo da busca por um equilíbrio entre o mundo dos homens e o mundo selvagem. Ela costuma ser usada por jovens travessos que, durante os festejos, perseguem mulheres ou crianças, agitados pelas canções entoadas. Os ritos goli também se realizam em situações de perigo, como modo de pedir proteção às forças sobrenaturais que zelam pela aldeia.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

HIBRIDISMO + TRANSGRESSÃO + PODER + SOBRENATURAL

URSO (JUKUMARI)

Diablada, Morenada e carnavais de países andinos
BOLÍVIA

O *Jukumari* é uma figura folclórica inspirada no urso-de-óculos da América do Sul, originalmente negro, mas às vezes representado branco, como um híbrido do urso polar. Seu mito narra a história de uma mulher raptada e engravidada por um urso, que dá à luz ao pequeno Juan, metade besta, metade humano. Para fugir com a mãe da caverna onde o pai os mantém cativos, Juan o mata. Passa a viver só com ela, até se tornar um excelente guerreiro, de força descomunal e inteligência proporcional à sua grande cabeça. O mito se apoia em semelhanças entre ursos e humanos, como o tempo de permanência do filhote com a mãe (que inspira a imagem do ursinho de pelúcia) e a capacidade de ficar em pé, liberando as patas dianteiras para lutar (como um guerreiro no embate corpo a corpo). Sua máscara se faz presente em diversas festividades andinas, como os carnavais, as *Diabladas* (danças em que os bailarinos usam máscaras de demônios) e as *Morenadas* (danças em que os bailarinos se fantasiam como negros).

Acervo Fundação Memorial da América Latina, São Paulo

HIBRIDISMO + JUSTIÇA + SEXUALIDADE + PODER



MÁSCARA DE BOBO DE CARVANAL

Bloco dos Bobos
BRASIL

Um antigo mito grego narra a história de seres primordiais que viviam reunidos dois a dois, cada par numa forma completa, até que foram separados por decisão dos deuses. Desde então, cada metade passou a buscar seu complemento, uma busca que costuma ser associada à origem do amor. Unindo os rostos de um homem e uma mulher numa forma única, a máscara exposta suscita uma associação com o mito grego, mas também com o ideal da convivência pacífica entre brancos e negros. Permitindo ao mascarado um jogo de encarnar ora um personagem, ora o seu oposto, a máscara foi confeccionada para o tradicional Bloco dos Bobos, que anima o carnaval do povoado pesqueiro de Tatuamunha, no município alagoano de Porto das Pedras. Grandes, coloridas e variadas, as máscaras dos Bobos são elaboradas com goma de tapioca, papel e tinta a óleo, e são exibidas por foliões em desfiles e brincadeiras entre o sábado de carnaval e a quarta-feira de cinzas.

Coleção Celso Brandão

HIBRIDISMO + TRANSGRESSÃO

MURASURA

Krishnattam
ÍNDIA

O *Krishnattam* é uma arte sagrada, tradicional do estado indiano de Kerala, que mistura teatro, dança e máscaras numa apresentação sobre a história de Krishna, deus responsável pela manutenção do universo. Entre os vários personagens representados por mascarados estão os *asuras*, considerados antideuses ou propriamente demônios. Dois deles são Narakasura e seu assistente Murasura – este último morto por Krishna, o que conferiu ao deus o título de *Murāri* (assassino de Mura). Contam as escrituras que, no embate com Krishna, Murasura pulou para fora da água com três bocas abertas, como se estivesse prestes a engolir três mundos, e atacou o Garuda, águia mitológica montada por Krishna. Depois, o demônio cresceu até o céu, mas Krishna não se intimidou: despedaçou-o em sete partes, dando origem a sete filhos, que contra-atacaram o deus, em vingança. Ao final da batalha, Krishna conseguiu enviar os sete para o *Yamaloka*, o correlato do inferno na cosmologia hinduísta.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa

TRANSGRESSÃO + SOBRENATURAL



O MÁSKARA

Cosplay [Do inglês costume + play: convenções de fãs que se fantasiam como personagens de filmes, séries e games]
ESTADOS UNIDOS

Protagonista dos quadrinhos criados por Mike Richardson nos anos 1980, o *Máskara* é um dos maiores símbolos do poder transformador do gesto de se mascarar. Após achar ao acaso uma máscara misteriosa, o tímido Stanley Ipkiss decide experimentá-la. E se apavora ao perceber que, magicamente, ela parece aderir a seu rosto e alterar sua personalidade. Com o poder de suspender todas as suas inibições, a máscara o converte num homem autoconfiante e ousado, o que rende boas cenas de humor na adaptação para o cinema (dir.: Chuck Russell, EUA, 1994). Assim como o exemplar usado por Jim Carrey no filme, a réplica exposta se inspira na máscara de Loki, deus da trapaça e da travessura na mitologia *viking*, capaz de assumir a forma que quiser. Apesar de promover intrigas e confusões, Loki é respeitado por conquistar para os deuses alguns dos seus bens mais preciosos. É ele quem dá a Odin sua lança e quem ajuda Thor a recuperar seu martelo roubado pelos gigantes.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + PODER + SOBRENATURAL

PALHAÇO

Wayang Topeng [Teatro de máscaras tradicional javanês]
INDONÉSIA

Apesar de originário da ilha de Java, o teatro de máscaras *Wayang Topeng* também é bastante difundido na ilha de Bali, onde cada apresentação segue uma ordem de danças e encenações. Em geral, começa com a performance de dois Ministros, repleta de vigor e de traços humorísticos, seguida pela entrada do Velho Sábio, que demonstra dignidade, mas não deixa de ser enganado pela idade avançada. Em seguida, entra o Rei, e depois um inimigo que o ameaça, mas é logo derrotado pelo Guerreiro real. Chega então a vez de uma figura que se faz presente em diversas culturas, épocas e roupagens: um palhaço, ou melhor, quatro deles. Os dois primeiros têm as máscaras desprovidas de mandíbulas, para se fazerem entender pelo público enquanto entoam falas importantes para a trama. Os outros dois assumem um estilo mais caricato e bufão: arrancam risadas da plateia com seus tiques e movimentos burlescos, confirmando o potencial transgressor da comédia, apreciada em tantos países do mundo.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
TRANSGRESSÃO



CARA DE CERÂMICA (MARIWIN)

Ritos do povo Matis
BRASIL

Autodenominados de *Matses* (“seres humanos”), os Matis acabaram acatando o nome que os não indígenas, como os funcionários da Funai, deram a eles. Nativos do Amazonas, são reconhecidos pelo forte hábito de enfeitar a face com tatuagens, perfurações ornamentais e outros adornos. Eles contam às crianças histórias sobre os *mariwin*, espíritos ancestrais incorporados por mascarados, que usam chicotes de talo de palmeira para disciplinar os pequenos. Nos ritos que evocam a presença desses espíritos, os adultos levam meninos e meninas, a partir de dois ou três anos, para serem açoitadas. O objetivo não é maltratar, e sim torná-las mais vigorosas e capazes de suportar as dores das tatuagens, das perfurações, da vida. Para os Matis, bater faz crescer: nos períodos de entressafra, se há escassez de alimentos, eles vestem seus adornos cerimoniais e batem sobre as plantações, para estimular seu desenvolvimento.

Acervo Museu do Índio, Rio de Janeiro
SOBRENATURAL + PODER

MAMUTHONES

Carnaval de Mamoiada [Aldeia na província de Nuoro, interior da Sardenha]
ITÁLIA

As celebrações carnavalescas na aldeia de Mamoiada obedecem a uma tradição milenar, marcando o final do período do inverno e a esperança da renovação pela primavera. A maior atração da festa é o cortejo de Mamuthones e Issohadores, mascarados, que encenam memórias arcaicas e agropastoris da Sardenha. Vestindo um colete de lã de carneiro negra e um conjunto de sinos de bronze que pode pesar até 40 quilos, os Mamuthones usam máscaras de madeira escura com traços grotescos e pontiagudos. Um híbrido de homem e besta, o personagem parece simbolizar o destino de ambos ao perambular pelas montanhas e pastos da ilha. Ao mesmo tempo, representa a identidade de um povo subjugado por dominações subsequentes. Os Issohadores, com seus chapéus pretos e túnicas vermelhas, representam os estrangeiros dominadores, que enlaçam mulheres jovens da multidão durante o cortejo. Enquanto isso, os Mamuthones chacoalham seus sinos, pesados como o sofrimento de um prisioneiro.

Coleção particular
PODER + HIBRIDISMO

CAMPONÊS (TLACOLORERO)

Dança dos Tlacoleros
MÉXICO

De origem pré-hispânica, a Dança dos Tlacoleros é uma das tradições mais importantes do folclore mexicano em estados como Oaxaca e Guerrero. Relacionada com o ciclo agrícola, a dança deve seu nome à palavra *tlacocol*, que na língua asteca descreve a ação de preparar a terra para a semeadura. O rito encena a história de camponeses (*tlacoleros*) que têm sua colheita e seu gado atacados por um tigre, então se organizam para procurar, caçar e vender o animal. Simbolicamente, representa o esforço do homem para controlar as forças da natureza que ameaçam sua subsistência. Além dos grandes *sombreros*, imitando chapéus vestidos por trabalhadores rurais para se protegerem do sol, os foliões fantasiados de *tlacoleros* usam chicotes, produzindo sons interpretados como trovoadas. Desse modo, clamam por uma boa estação chuvosa, para que as colheitas sejam proveitosas.

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas
PODER



FO GLU

Ritos do povo Grebo
LIBÉRIA

As máscaras do povo Grebo podem se prestar a diversos papéis. Aquelas chamadas de *Fo Glu* são usadas em rituais para a proteção do plantio, da fauna e da flora local. Têm a função de ajudar a identificar o melhor momento para plantar a noz de areca, a semente de uma palmeira muito apreciada pelos Grebo. Além de fornecer fibras e palmas para diferentes utilidades e aplicações, a árvore fornece a própria noz, que costuma ser mascada e depois descartada, tendo um efeito estimulante parecido com o da nicotina. Podendo também ser ralada e usada como tempero, a noz apresenta um sabor fresco e apimentado. O consumo causa uma leve sensação de euforia, como um relaxamento alegre. E também faz parte da tradição de alguns povos asiáticos, sendo muito popular na Índia e nas Filipinas.

Coleção Ivani e Jorge Yunes
SOBRENATURAL



COELHO (DYOMMO)

Ritos do povo Dogon
MALI

Um mito dogon narra a história de um caçador e de seu cachorro, que capturou um coelho. Antes de matá-lo e devorá-lo, o homem esculpiu em madeira uma estátua da caça. Encenado em ritos de passagem, em que o jovem iniciado incorpora o coelho e dança até cair no chão, este mito ilustra a avidez do povo Dogon de representar o mundo inteiro à sua volta. À medida que novas mudanças transformam o seu mundo, eles agregam novas máscaras às danças. Estrangeiros, policiais e turistas já foram retratados, mas as máscaras ligadas a eventos, personagens e animais míticos continuam frequentes em ritos fúnebres ou cerimônias que marcam o fim de um período de luto. No exemplar aqui exposto, há traços humanos que se somam aos do animal, como a barba abaixo do queixo, remetendo a uma figura ancestral. Já os desenhos em ziguezague, na testa, remetem à fronteira entre o céu e a terra, ou entre o mundo dos vivos e o dos mortos.

Coleção particular
HIBRIDISMO + PODER + SOBRENATURAL + MORTE



LEI GONG

Danças de exorcismo Nuo
CHINA

Lei Gong, o deus do trovão no folclore chinês, nasceu de um ovo quebrado por um trovão e se tornou imortal quando comeu dois damascos de uma árvore encantada. Transformado num monstro com asas e bico de pássaro, buscou a iluminação espiritual, até se converter na principal divindade associada às tempestades. Ao lado da esposa Dian Um, deusa do relâmpago, ele lidera seus cúmplices Yun Tong (que cria as nuvens), Yu Zi (que traz as chuvas) e Feng Bo (que agita os ventos). Munido de um martelo e um tambor, Lei Gong produz sons horripilantes para punir malfetores que incorrem em crimes morais. Ele está entre as divindades invocadas nos rituais *Nuoxi*: cerimônias de exorcismo da tradição chinesa nuo, que envolvem danças e encenações com máscaras montadas com o intuito de afastar espíritos malignos.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa

PODER + SOBRENATURAL + HIBRIDISMO



YANGALEYA

Ritos do povo Djimini (Senufo)
COSTA DO MARFIM

Os Djimini são um subgrupo do povo Senufo, que por muitas gerações cultivaram o hábito de construir suas moradias ao redor do baobá, uma árvore gigantesca que pode viver mais de mil anos. Grande parte dos Djimini segue uma mistura religiosa de práticas cristãs e pagãs, que inclui crenças animistas, isto é, a aposta de que não só o baobá, mas também outros seres da natureza e do universo são dotados de espíritos. A mitologia djimini é repleta de animais sagrados, como o Yangaleya: um pássaro mítico da mesma espécie do calau, representado com traços humanos e chifres de búfalo ou touro selvagem. Cultuado como um animal primordial, o Yangaleya é considerado um símbolo de fertilidade e, ao mesmo tempo, um ajudante encarregado de orientar as almas dos mortos.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

HIBRIDISMO + SEXUALIDADE + SOBRENATURAL + MORTE



GARUDA (CHUNG)

Dança Tsechu [Festival budista no décimo dia do calendário lunar butanês]
BUTÃO

Criatura recorrente em diversas mitologias asiáticas, Garuda é o rei dos pássaros, conhecido no Butão como *Chung* (águia) e considerado um dos quatro animais sagrados que trazem a felicidade, ao lado do *Tak* (tigre), do *Druk* (dragão) e do *Seng* (leopardo-das-neves). Seus chifres, apontando para o alto, simbolizam o fato de que *Chung* reina sobre os céus, observando e controlando o espaço aéreo com seus três olhos. Sua máscara é usada como ícone de coragem e poder, em danças religiosas do Festival Tsechu.

Coleção particular

HIBRIDISMO + PODER + SOBRENATURAL

TORITO

Carnaval de Barranquilha / Dança do Congo
COLÔMBIA

Em diferentes culturas, o touro é visto como a incorporação da fúria desenfreada da natureza, que o homem procura controlar, por meio da domesticação, ou derrotar, por meio de embates simbolizados pelas touradas em países como Espanha e Portugal, onde o que está em jogo é a demonstração da superioridade humana sobre os seres selvagens. No Carnaval de Barranquilha, a figura do Torito se reveste de traços pertencentes ao primeiro caso, do touro domesticado – e até mesmo simpático. Ele lidera a quadrilha de animais participantes da Dança do Congo, uma festa de rua que presta homenagem aos escravos africanos que trabalharam no Caribe colombiano. Desde o século XIX, a festividade recria tribos guerreiras congolesas, representadas por foliões de turbante, munidos com um facão de madeira, que improvisam passos de dança acompanhados por mulheres e pelos brincantes mascarados de animais.

Coleção particular

PODER

BOE

Carnaval de Ottana [Aldeia na província de Nuoro, interior da Sardenha]
ITÁLIA

Com longos chifres apontando para o céu, a máscara do Boe (“boi”) é típica do carnaval da pequena aldeia de Ottana, na ilha da Sardenha, e também dos festejos pelo Dia de Santo Antônio (17 de janeiro), quando grandes fogueiras são acesas pelas ruas. Cobertos por lã de carneiro branco e por um punhado de sinos de bronze barulhentos, os mascarados encarnam o espírito do animal e saem em cortejo se comportando como verdadeiros bovinos. Alguns chegam a se jogar no chão, implorando por bebidas e bombons. Cada boi interage com um *Merdule*, um pastor também mascarado que se ocupa de enlaçar e controlar o bicho rebelde, eventualmente batendo nele com seu cajado. A encenação representa o embate entre o instinto e a razão humana, ou o esforço do homem para dominar e domesticar as forças da natureza, ideia presente em diversos ritos culturais, como as touradas espanholas. Ao zombar da sua própria condição durante o carnaval, os trabalhadores rurais renovam as energias para investir em mais um ano de trabalho agropastoril.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + PODER



RAPOSA (KITSUNE)

Ritos xintoístas
JAPÃO

No universo do xintoísmo, um antigo sistema de crenças e ritos espirituais que permeia a cultura japonesa, a raposa (*kitsune*) pode se manifestar de duas formas: a forma *zenko* – reverenciada como a mensageira sagrada do deus Inari, espírito ligado à riqueza e à abundância, sobretudo da colheita do arroz – e a forma *yako* – representada na máscara exposta aqui, considerada astuta e sorrateira, sempre inclinada a enganar os homens por meio de dons sobrenaturais. Dons como a habilidade de assumir uma aparência humana (geralmente a de belas mulheres ou anciãos) ou a capacidade de invadir os sonhos de alguém, podendo, num extremo, levar uma pessoa à loucura. Quanto mais velha e sábia a raposa, mais poderosa ela é, e mais caudas ela tem, chegando a ter no máximo nove.

Acervo Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, São Paulo

SOBRENATURAL + TRANSGRESSÃO + SABEDORIA



MARIMONDA
Carnaval de Barranquilha
COLÔMBIA

No folclore colombiano, a Marimonda é um ser mágico que defende as florestas, semelhante ao Curupira no Brasil, com a diferença de que se trata de uma bela mulher, que seduz os caçadores para castigá-los. Contam que seu espírito habita o corpo do macaco-aranha, animal zombeteiro e brincalhão, nativo das matas caribenhas. A máscara da Marimonda se inspira nos traços do primata, com o detalhe de que o rabo se desloca para o nariz, sugerindo uma associação com a sensualidade envolvida no mito. Confeccionada inicialmente a partir dos restos de uma almofada velha, a máscara demonstra o ímpeto de um povo, sem muitos recursos, de se entregar à brincadeira livre e eufórica durante o carnaval. Nos figurinos atuais, os foliões acrescentam gravatas, zombando da classe dirigente colombiana, que enriquece sem trabalhar.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + SEXUALIDADE + SOBRENATURAL

HANUMAN
Hanuman Jayanti [Festival religioso hinduísta em homenagem ao Deus Macaco Hanuman]
TAILÂNDIA

Certo dia, os deuses Shiva e Parvati se transformaram em macacos e se entregaram a jogos amorosos na floresta. Como resultado, Parvati engravidou. Fiel a suas responsabilidades divinas, Shiva não podia ter filhos. Então, pediu ao deus do vento Vayu para levar o bebê do ventre de Parvati para o de Anjana, um espírito feminino com a forma de um macaco que orou para receber um filho. Assim nasceu o deus macaco Hanuman, um símbolo de astúcia, devoção e coragem nos tempos de dificuldade. Depois de uma juventude marcada por travessuras e confusões, Hanuman prova sua bravura e sua lealdade ao Senhor Rama, lutando em seu nome contra o demônio Ravana. Representada em amuletos de proteção ou em estátuas guardiãs dos templos da deusa Kali (uma das manifestações de sua mãe Parvati), a divindade do macaco branco é cultuada por fiéis em busca de forças para enfrentar os obstáculos da vida. Sua máscara é usada em danças religiosas, sobretudo durante o *Hanuman Jayanti*, nas quais o mascarado pode saltar fogueiras, como se vencesse um obstáculo.

Coleção particular

JUSTIÇA + SOBRENATURAL



DEUS MACACO (HUN BATZ)
Dança dos Macacos
GUATEMALA

Segundo a mitologia maia, celebrada até hoje pelo povo guatemalteco, os gêmeos Hun Batz e Hun Chouen tinham muitos talentos, sobretudo para a arte e a música, mas não para os esportes. Já seus irmãos, também gêmeos, tinham uma habilidade esportiva excepcional, por isso eram chamados de Herói Gêmeos. Essa habilidade suscitou a inveja de Hun Batz e Hun Chouen, que os convocaram a várias disputas, inconformados com as derrotas. Até que os Heróis Gêmeos tramaram um plano: desafiaram os irmãos a buscar pássaros na copa de uma árvore e magicamente fizeram a árvore crescer muito, quase tão alto quanto o sol, de modo que os adversários ficaram presos lá em cima. Para descer, eles resolveram se enrolar nos cintos como se fossem rabos, e neste momento foram misteriosamente transformados em macacos. Adorados como divindades da Arte e da Música, os deuses macacos são associados também ao sol – o que aproxima o mito maia do mito grego de Apolo, deus solar e patrono das artes.

Acervo Fundação Memorial da América Latina, São Paulo

PODER + SOBRENATURAL



MACACO
Ritos do povo Baulê
COSTA DO MARFIM

Para o povo Baulê, o universo é habitado por forças sobrenaturais que podem influenciar as vidas das pessoas de maneiras positivas ou negativas. Muitas dessas forças exigem a criação de objetos tangíveis, para que possam ser localizadas no espaço e canalizadas em ritos coletivos. Dentre esses objetos, se incluem as numerosas máscaras e estatuetas que retratam o macaco, um animal sagrado e representado com traços semelhantes aos humanos. Para que um bom espírito habite a máscara ou estatueta, elas precisam ser esculpidas pelos artesãos com grande amor e beleza. Entre suas múltiplas funções, a máscara de macaco Baulê é usada em atividades divinatórias, para determinar as causas de possíveis infortúnios e para aplacar maus espíritos.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

SOBRENATURAL



KPONYUGO
Ritos do povo Senufo
COSTA DO MARFIM

O povo Senufo usa diferentes tipos de máscaras, de acordo com a ocasião. Em alguns ritos de iniciação, é narrado um mito em que meninos são devorados por Kponyugo (“cabeça de poro”), uma espécie de monstro que depois os vomita na forma de homens adultos. Representação desse violento ser mítico, a máscara aqui exposta pertence à categoria *ponyugo* (“cabeça dos mortos”), classificadas como máscaras funerárias, mas usadas também em ritos de passagem que envolvem uma morte simbólica, para que haja um renascimento transformador.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

PODER + SOBRENATURAL + MORTE

ZEBRA
Carnaval de Barranquilha
COLÔMBIA

Figura e fundo se confundem no contraste de listras sobre o corpo da zebra, equino selvagem e dificilmente domesticável, dono de um coice tão forte que pode quebrar a mandíbula de um leão. No Carnaval de Barranquilha, a máscara da zebra remete à figura do estrangeiro: é um animal nativo da África, continente de onde vieram os escravos que trabalharam em colônias no Caribe, deixando sua influência na cultura e nos festejos colombianos. Carregado de grande força simbólica, a zebra também remete ao anonimato tantas vezes envolvido no ato de se mascarar: quando andam em bandos, elas se misturam até enganar os olhos do predador, que se torna incapaz de calcular a quantidade de animais e de diferenciar um do outro. Essa qualidade de iludir o julgamento de alguém está por trás da expressão brasileira “dar zebra”, isto é, acontecer uma situação diferente do esperado. Neste caso, é possível que haja ainda uma associação com o que seria um resultado totalmente imprevisível no jogo do bicho, já que a zebra não pertence ao repertório de 25 animais do jogo de azar.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO





TIGRE
Carnaval de Barranquilha / Dança do Congo
COLÔMBIA

As referências simbólicas ao tigre, felino que fascina por sua elegância, mas aterroriza por seu instinto predador, remontam a civilizações antigas como a Mesopotâmia, chamada “terra entre dois rios” – o Tigre e o Eufrates, que percorrem atualmente os territórios do Iraque, do Kuwait e da Síria. Nos mitos babilônios, o Tigre nasceu dos olhos de Marduk, o criador, assim como o Eufrates. Mas a associação entre o animal, com seus movimentos sinuosos, e o rio, com seu desenho geográfico curvilíneo, não é a única possível. No Carnaval de Barranquilha, a figura do tigre faz parte da fauna de espécies exóticas que brincam a Dança do Congo. A dança presta homenagem aos escravos trazidos da África para trabalhar na Colômbia. Embora seja originário da Ásia, o tigre se inclui entre os dançarinos mascarados, como mais uma representação da figura do estrangeiro trazido de longe, admirável por sua força e beleza.

Coleção particular
PODER



TIGRE (TECUANI)
Dança dos Tecuanes
MÉXICO

Na língua *nahuatl*, falada pelos antigos povos astecas, *Tecuani* significa “algo que come”. Nada mais adequado para nomear uma dança que simboliza a luta entre predadores e presas na cadeia alimentar. Bailarinos mascarados exibem a perseguição, captura e morte de um cervo por um tigre. Durante a dança, alguns personagens são feridos pelo felino e cuidados pelo doutor. No final, o tigre é morto pelos caçadores, e sua pele é devorada pelos abutres. Assim como a maioria das máscaras representam animais, a matéria-prima na confecção delas também é, em grande parte, de origem animal: é comum o uso de pele de bezerro e pelo de crina de cavalo. Muito popular no estado mexicano de Guerrero, a Dança dos Tecuanes encena de forma bem-humorada o embate entre o homem e a natureza selvagem, exaltando o ideal de vitória da civilização, representado pelo saber médico e pela posse de armas de fogo.

Acervo Fundação Memorial da América Latina, São Paulo
TRANSGRESSÃO + PODER



LA URSA
Carnaval do Recife
BRASIL

“A La Ursa quer dinheiro, quem não dá é pirangueiro!”, gritam foliões fantasiados de ursos no carnaval de rua do Recife. A brincadeira teve origem no século XIX, por influência de colonos italianos que trouxeram para o Brasil o imaginário de povos ciganos, ligados a um universo circense que incluía a apresentação de ursos amestrados. Na sua versão mais tradicional, o rito carnavalesco envolve um domador, um caçador e, é claro, La Ursa, representada por um mascarado que dança amarrado ao domador por uma corda, mas às vezes ousa escapar e simula ataques ao público. Nessa hora, o caçador recaptura o animal para vendê-lo ao domador, numa encenação acompanhada por um coro de canções irreverentes, algumas com duplo sentido, associando a imagem do urso à figura de um amante.

Coleção particular
TRANSGRESSÃO

ELEFANTE
Ritos do povo Guro
COSTA DO MARFIM

Máscaras que representam búfalos, macacos e vários tipos de pássaros são encontradas em ritos de diferentes povos da África. É mais raro que se utilizem máscaras de elefantes: com frequência, são considerados animais da realeza, e o uso dessas máscaras se torna um privilégio de certas linhagens. Entre os Guro, o elefante é reverenciado como um animal de trânsito, capaz de transitar entre dois mundos, seja entre o mundo humano e o mundo dos bichos, ou entre o mundo natural e o mundo sobrenatural. As máscaras de elefante guro são usadas apenas por membros da sociedade iniciática Gye, podendo ser utilizadas em funerais ou como máscaras de caça.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

PODER + SOBRENATURAL + MORTE

GANESHA
Ganesha Chaturthi [Festival religioso hinduísta em homenagem ao Deus Ganesha]
TAILÂNDIA

Para não ter filhos, o deus Shiva tinha raros encontros com sua amada deusa Parvati. E quando os tinha, exercia um rigoroso autocontrole tântrico para não ejacular. Desejosa de se tornar mãe, ela decide ter um filho por conta própria, dando à luz um guerreiro bravo e protetor da morada materna. Quando Shiva vai visitar Parvati, Ganesha não permite que ele entre. O rapaz consegue vencer todo o exército do grande deus, mas tem sua cabeça decepada por ele. Desesperada, Parvati ordena que Shiva traga a cabeça do primeiro ser vivo para salvar seu filho. É assim que Ganesha recebe sua cabeça de elefante, sobre o corpo humano e dotado de quatro braços. Um dos deuses mais adorados do panteão hinduísta, ele é cultuado pela inteligência e habilidade de remover os obstáculos, promovendo a fartura e o sucesso. Suas máscaras são usadas em festivais religiosos como o *Ganesha Chaturthi*, nos quais o mascarado costuma apresentar características de fartura: em geral gordo, pode aparecer rodeado de mulheres e servos.

Coleção particular

SOBRENATURAL + SABEDORIA + HIBRIDISMO



CADELA MARAVILHA (PERRA MARAVILLA)
Dança dos Tlacololeros
MÉXICO

A Dança dos Tlacololeros, apreciada em estados mexicanos como Oaxaca, encena a história de um grupo de camponeses que persegue um tigre, com a ajuda do faro aguçado de sua cadela Maravilha. Representada por um dançarino com máscara de cão, é ela quem encontra e aponta o esconderijo da caça. À medida que os foliões avançam pela rua, a cadela e o tigre se provocam e chegam a se enfrentar, até que os camponeses interrompem seu desfile e formam um círculo ao redor dos dois, para ver quem vai ganhar a briga. Em seus movimentos vivazes e festivos, os mascarados tematizam a discrepância entre o animal domesticado, a serviço do homem, e o animal selvagem, ícone de uma natureza ameaçadora, até que a civilização humana seja capaz de controlá-la.

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas

PODER





ESPÍRITO DOS TRONCOS

Ritos de povos esquimós do Alasca
ESTADOS UNIDOS

No estado norte-americano do Alasca, onde as árvores são mais escassas do que gostariam os povos esquimós, a madeira é considerada um bem precioso para a sobrevivência. Ela é usada para atividades fundamentais como a construção e o aquecimento das casas, além da fabricação de trenós, barcos, remos, arcos, flechas e armadilhas de pesca. Não é por acaso que os esquimós usam um bem tão precioso também na fabricação de máscaras cerimoniais. Eles encenam danças sagradas para pedir que, com o sopro da primavera, o degelo dos rios traga peixes em abundância, além dos troncos que chegam flutuando com a correnteza. Para os esquimós, não só os animais, mas também a madeira é dotada de um espírito e de sentimentos próprios, sendo capaz de atos de gratidão ou retaliação, exigindo tanto respeito quanto qualquer ser vivo.

Coleção particular

PODER + SOBRENATURAL

“PASSAPORTE”

Deslocamentos do povo Dan
COSTA DO MARFIM

Certos povos africanos criaram o hábito de produzir um tipo de máscara chamado de “passaporte”: uma miniatura carregada pelo usuário, como forma de identificação da sua etnia de origem enquanto ele estiver fora da sua terra natal. Alguns objetos também se revestem dessa função: permitem que seus donos atravessem territórios regidos por uma jurisdição diferente da sua. É o caso do *récade* (bastão) para os Fon, ou da *manilha* (dinheiro) para muitos povos da África Central e Ocidental. O exemplar aqui exposto tem as características de uma máscara “passaporte”, só não se sabe ao certo se produzida pelos Dan – embora sejam típicas desse povo as máscaras de metal em miniatura são usadas especialmente por mulheres, como objetos de prestígio.

Coleção Ricardo Azevedo Leitão

PODER



OGUM

Candomblé
BRASIL

No início dos tempos, homens e orixás caçavam e plantavam usando instrumentos de madeira ou pedra. Apesar do grande esforço na caça e no plantio, a fome e a escassez rondavam a Terra. Os orixás se reuniram para decidir como limpar um terreno de mata, tentando aumentar a área de lavoura. Mas seus instrumentos eram frágeis. Um a um, fracassaram na missão. Até que Ogum, que conhecia o segredo da forja, empunhou seu facão de ferro e limpou o terreno. Os orixás se admiraram pelo valor do metal, não só para a agricultura, mas também para a caça e a guerra. Em troca do segredo da forja, ofereceram a Ogum um reinado. Cultuado pelos candomblecistas como orixá guerreiro, Ogum chega nos terreiros movimentando sua espada, para trazer força e coragem a quem precisa lutar. Não por acaso, sua figura se apresenta com um elmo de metal na cabeça, dotado da força simbólica de uma máscara de guerra.

Coleção particular

CRIAÇÃO + PODER + SABEDORIA



KU KLUX KLAN

Terrorismo / Supremacia Branca
ESTADOS UNIDOS

Como os fantasmas que aterrorizam a imaginação infantil, cobertos por lençóis brancos com furos nos olhos, os membros da Ku Klux Klan provocam medo com sua presença macabra. Ao se mascarar em grupo, à imagem de um carrasco branco, cada membro se identifica aos demais, enfraquecendo sua individualidade para fortalecer a identidade do clã. Protegidos pelo anonimato, praticaram atos criminosos de violência contra negros, asiáticos, judeus e católicos entre os séculos XIX e XX, e até hoje conquistam simpatizantes que, na contramão da lei e da história, ousam defender ideais de segregação.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + PODER



BALACLAVA

Terrorismo / Estado Islâmico
SÍRIA

Além da proteção contra o frio, a *balaclava* oferece proteção contra o julgamento alheio. A possibilidade de ver o outro, sem ser visto por ele, cria uma relação desigual de poder. Em certos casos, há um efeito de desumanização do mascarado, que se sente livre para cometer transgressões ou até atrocidades. Com o rosto coberto por uma *balaclava*, diante de uma câmera, um membro do grupo terrorista Estado Islâmico, conhecido como Jihadi John, assumiu a ousadia necessária para degolar prisioneiros de diferentes nacionalidades, durante a Guerra da Síria. Em vídeos que correram a internet entre 2014 e 2015, ele vestia a máscara do carrasco contemporâneo, exibindo seus atos aos rostos nus de milhões de espectadores.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + JUSTIÇA + PODER + MORTE

ALGOZ

Fetiche sexual
HOLANDA

O gesto de ocultar o rosto esconde a imagem mais reveladora da identidade, os traços que se refletem no espelho, o retrato no documento de identificação. A barreira da máscara reduz as inibições, dando ao mascarado a coragem de fazer o que nunca faria de cara limpa. No uso da máscara sadomasoquista, pode entrar em cena uma associação à figura viril do algoz, capaz de subjugar a vítima, numa fantasia em que a excitação sexual se associa a um jogo de poder e dominação.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + SEXUALIDADE + PODER



CAPUZ DE BONDAGE

Fetich sexual
HOLANDA

O *bondage* (“escravidão”, em inglês) é um tipo de fetich em que a principal fonte de prazer resulta do ato de amarrar ou imobilizar o parceiro. Em geral, está vinculado à dinâmica de dominação/submissão envolvida em práticas sexuais sadomasoquistas. Um capuz de *bondage*, também chamado de máscara *gimp*, permite que um outro tenha poder sobre os orifícios do rosto do mascarado. Alguns desses orifícios configuram zonas erógenas, como os olhos (que podem ser vendados ou expostos a estímulos visuais excitantes) e a boca (que pode ser tapada ou aberta, num jogo de controle sobre a excitação oral).

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + SEXUALIDADE + PODER

V
Anonymous [Legião de internautas anônimos de diversas partes do mundo, que se articulam em atos políticos dentro ou fora da rede]

INGLATERRA

Baseado nos quadrinhos de Alan Moore e David Lloyd, o filme *V de Vingança* (dir.: James McTeigue, EUA / Inglaterra, 2005) popularizou a máscara de V, um libertário que enfrenta o governo opressor de uma Inglaterra distópica. Ele convoca a população de Londres a assistir à explosão do Parlamento britânico usando máscaras com o rosto de Guy Fawkes (soldado católico que tentou explodir o Parlamento em 1605, mas acabou preso e esquartejado). A narrativa inspirou a adoção das mesmas máscaras pelos membros audaciosos do *Anonymous*, em protestos como o Occupy Wall Street e a Primavera Árabe, em 2011, ou as Jornadas de Junho no Brasil, em 2013. Mais do que esconder a identidade de cada membro, a máscara reforça o pertencimento a um cérebro global horizontalizado. Sem líderes definidos, os *Anonymous* lutam contra diferentes tipos de opressão, lançando mão de técnicas criativas de ativismo digital (como o “*hacktivismo*”) e ação direta (protestos, boicotes, desobediência civil).

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + JUSTIÇA + PODER



DAFT PUNK

Thomas Bangalter [Músico]
FRANÇA

Ambos filhos de famílias de imigrantes, o franco-mexicano Thomas Bangalter e o franco-lusitano Guy-Manuel de Homem Cristo se juntaram nos anos 1990 para formar o duo Daft Punk, conhecido como “os Beatles da música eletrônica”. Desde o início da carreira, faziam apresentações com os rostos cobertos por sacos de lixo e compareciam a sessões de fotos usando máscaras assustadoras, num jogo entre repelir e atrair a atenção do público, ora para as máscaras, ora para a música. Com a ajuda de amigos designers, desenvolveram suas célebres máscaras de robôs, algumas inclusive com ar-condicionado e sistema de comunicação interno, para serem usadas em shows. Com seus traços tecnológicos e futuristas, as máscaras guardam um aspecto quase alienígena, como uma espécie de metáfora para a condição estrangeira dos mascarados.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO



QHAPAQ QOLLA (DE CUSCO)

Festa de Nossa Senhora do Carmo
PERU

Celebrada entre 15 e 19 de julho, a Festa de Nossa Senhora do Carmo, chamada no Peru de *Virgen del Carmen*, é uma ocasião em que proliferam os ritos populares com máscaras. Um dos mais tradicionais é a Dança do Qhpaq Qolla – nome que, no idioma quíchua falado pelos Incas, significa o “poderoso habitante de Qollasuyo”. Os dançarinos mascarados prestam homenagem a comerciantes que viajavam até Cusco com suas lhamas e alpacas para trocar lã, fibras, queijos e outras mercadorias por produtos cultivados pelos agricultores locais, como milho, feijão e folhas de coca. Confeccionada de lã, a máscara do Qhapaq Qolla original é branca, mas a peça aqui exposta sofreu uma releitura: foi adornada com as cores da bandeira de Cusco, remetendo à miscigenação entre os dois grupos de comerciantes na formação de um só país. Frequentemente interpretada como um sinal de apoio à causa LGBT, a bandeira com as cores do arco-íris hoje confunde estrangeiros em busca de turismo gay e suscita debates entre a população da antiga capital do império inca.

Coleção Luiz Filipe Carvalho

PODER + HIBRIDISMO



SALVADOR DALÍ (ASSALTANTE DA SÉRIE CASA DE PAPEL)

Crimes urbanos na América Latina
ESPANHA

Lançada pela Netflix em 2017, a série *Casa de Papel* se tornou um sucesso internacional, contando a história de um grupo de mascarados que invade a Casa da Moeda espanhola para praticar o roubo do século. Apesar da intenção de imprimir o dinheiro para si mesmos, os assaltantes foram tomados como heróis, por aplicarem um golpe num ícone do capitalismo financeiro, imune à crise socioeconômica que afeta vários países do mundo. A máscara usada pelos ladrões, representando o rosto e os bigodes irreverentes do pintor espanhol Salvador Dalí, evoca a ousadia de um artista que preferia desafiar a realidade a se submeter a ela. A popularidade da série na América Latina foi comprovada no início de 2018: somente em abril, quadrilhas no Brasil, na Argentina e no Chile foram interceptadas enquanto praticavam crimes de invasão, roubo e tráfico de drogas, trajadas como os assaltantes de Casa de Papel.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + JUSTIÇA + PODER

NKISI

Ritos do povo Bakongo
REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

Quem se assustou com o vilão Pinhead, que tem o crânio todo coberto por alfinetes no filme de terror *Hellraiser: Renascido do inferno* (dir.: Clive Barker, Inglaterra, 1987), não poderia imaginar que o povo Bakongo, na República Democrática do Congo, concebeu uma figura semelhante, mas com uma função sagrada e sobrenatural. Uma máscara ou estátua com lâminas e pregos fincados na madeira, entre os Bakongo costuma denotar uma promessa feita por uma pessoa ou por um grupo. Uma promessa que precisa ser cumprida: caso seja quebrada, acreditam que o desrespeito resultaria em morte. São peças baseadas nas estatuetas de poder conhecidas como *Nkisi*, objetos mágicos que promovem um intercâmbio contínuo entre o mundo dos vivos (visível) e o mundo dos mortos (invisível).

Coleção Ivani e Jorge Yunes

PODER + SOBRENATURAL + MORTE



MASQUE REJETÉ

Pascale Marthine Tayou [Artista contemporâneo]
CAMARÕES

Desde os anos 1990, o camaronense Pascale Marthine Tayou ganhou notoriedade por buscar redefinir artisticamente a cultura pós-colonial, levantando questões sobre a globalização. A peça aqui exposta é parte da sua série *Masques Rejetés* (“máscaras rejeitadas”), que associam referências de povos tradicionais africanos a elementos globais e contemporâneos. O artista se inspira num estilo de representação da boca semelhante ao dos *Nkisi*, do Congo, e dos olhos semelhante ao de povos que vivem no Gabão, além de outros grupos que cobrem a linha dos olhos com uma cor branca, remetendo à sabedoria sacerdotal. Mas produz um curioso efeito ao adornar a máscara com um moderno par de óculos escuros, além de acrescentar, ao alto da cabeça, pequenos objetos de plástico, matéria-prima problemática nos debates sobre reciclagem de materiais, que também interessam ao repertório do artista.

Cortesia: Do artista / Galleria Continua, San Gimignano, Pequim, Les Moulins, Havana

HIBRIDISMO + CRIAÇÃO + TRANSGRESSÃO



HEISHI-TORI

Dança Bugaku [Estilo tradicional de dança de máscaras importado da China no século VIII]
JAPÃO

No Japão medieval, um grupo de bárbaros narigudos chega à casa de um anfitrião, que os acolhe pedindo que seu serviçal Heishi-tori ofereça vinho aos visitantes. Quando estão bêbados o bastante, os estrangeiros se levantam e começam a dançar movimentando seus grandes narizes. Exceto um deles, enganado pelo astuto Heishi-tori, que troca as taças, toma o vinho em seu lugar e sai dançando cambaleante, totalmente embriagado. Este é o enredo da apresentação chamada *Kotokuraku*, típica do repertório da Dança Bugaku: um modo de arte milenar que mistura música, coreografias e encenações teatrais. Os dançarinos costumam vestir requintados trajes budistas, com máscaras igualmente sofisticadas, denotando a origem elitista da dança, apreciada apenas pela nobreza até se popularizar, no século XX.

Coleção Media Art League, Tóquio, Nova York, Toronto

TRANSGRESSÃO



NARIZ DE PALHAÇO

Palhaçaria

ORIGEM DESCONHECIDA

A figura do palhaço remonta a milhares de anos: há indícios de que bufões já divertiam os faraós do Egito por volta de 2.500 a.C. Mas não se conhece ao certo a origem do nariz vermelho, considerado a menor máscara do mundo. Uma hipótese comum é a associação com a figura do bêbado: patético, trôpego, suscitando a alegria e o riso, sobre um fundo de tristeza. Usado no circo, no teatro, em protestos políticos, óperas e carnavais, o nariz de palhaço reduz ao mínimo o gesto transformador de se mascarar, potencializando, num pequeno objeto, a carga simbólica de uma tradição transcultural.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO

ATSARA

Festivais budistas butaneses

BUTÃO

Com suas máscaras e seus trejeitos irreverentes, os *atsaras* são personagens indispensáveis em qualquer festival religioso no Butão. Eles divertem os monges e o público, ajudam os dançarinos com suas fantasias, fazem piadas lascivas e, quando as cerimônias começam a se tornar tediosas, distraem a multidão com suas travessuras. Caracterizados à imagem dos *acharyas*, mestres religiosos da Índia, são os únicos que têm permissão para zombar da religiosidade, numa sociedade em que os assuntos sagrados são tratados com a maior seriedade e respeito. Nessas ocasiões festivas, eles dão voz a uma liberdade de expressão e movimentos, que é bem-vinda e tolerada pela ordem religiosa vigente. Seu caráter transgressor também se representa pela força do vermelho que salta aos olhos no seu traje e na própria máscara, adornada com uma espécie de adereço fálico no topo da cabeça.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO



DROPFACE

Carnaval da Basileia

SUIÇA

Na segunda-feira que antecede a quarta-feira de cinzas, quando o relógio bate às quatro da madrugada, foliões com máscaras munidas de pequenos faróis começam a percorrer as ruelas do centro antigo da Basileia, tocando músicas de carnaval. Na segunda à tarde, e também na quarta, os blocos desfilam por uma rota planejada, abrindo caminho pela multidão de espectadores. E quando chega a noite, pequenos grupos perambulam de bar em bar, cantando e fazendo encenações espirituosas, com máscaras que exibem caricaturas, muitas vezes cômicas. *Dropface* é um exemplo delas: representa um bêbado alegre – como muitos brincantes carnavalescos, aliás – e um bocado simpático, que bebe tanto que o álcool pinga do seu nariz, como de uma torneira aberta.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO

NOOHMAHL

Beau Dick [Artista contemporâneo do povo

Kwakwaka’wakw, nativo da costa oeste canadense]

CANADÁ

Os Kwakwaka’wakw contam que, certa vez, um ancestral encontrou uma aldeia flutuante, onde viviam criaturas sobrenaturais com narizes enormes, escorrendo constantemente. Quando voltou para casa, ele mesmo passou a ter o nariz escorrendo constantemente, tanto que começou a agir de modo irracional e a comer o próprio muco. No Cerimonial de Inverno, os Kwakwaka’wakw reencenam esse encontro, por meio da máscara do *Noohmahl*, o “dançarino doido”. Sujo e imprudente, ele é uma espécie de bufão que quebra coisas e constrange a plateia a se comportar, encarnando um paradoxo ético recorrente nos mitos e ritos de várias culturas: o modo mais adequado de agir é ensinado pelo personagem mais inadequado.

Cortesia Galeria Fazakas, Vancouver

TRANSGRESSÃO

NINJA TOBI

Cosplay [Do inglês *costume* + *play*: convenções de fãs que se fantasiam como personagens de filmes, séries e games]
JAPÃO

Seguindo a tradição japonesa do *mangá* (revista em quadrinhos) e do *anime* (desenho animado), a série *Naruto* criou um grande mistério: quem é o rosto por trás da máscara do vilão Tobi, líder de um grupo de ninjas ávidos por conquistar o mundo? A resposta é o guerreiro Obito Uchiha, que durante a Terceira Guerra Mundial Ninja ofereceu seu olho esquerdo ao companheiro Kakashi Hatake, ficando apenas com o olho direito. Dotado de poderes sobrenaturais, o olho que restou ao Ninja Tobi é a única parte de seu rosto visível através da máscara. Com ele, Tobi consegue enxergar objetos por trás de nevoeiros, antever os movimentos do oponente numa luta ou hipnotizar criaturas mágicas. Usada por fãs em eventos *cosplay*, sua máscara remete à força do olhar, para além das funções mais corriqueiras do olho.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + PODER



GUAN YU (DEUS DA GUERRA)

Ópera chinesa
CHINA

Uma das obras mais importantes da literatura chinesa é o *Romance dos três reinos*, escrito por Luo Guanzhong no século XIV, mas ainda vivo em populares adaptações para a ópera. Misturando eventos históricos e fictícios, a trama original tem quase mil personagens, entre eles Guan Yu, um dos maiores guerreiros da Antiga China, que viveu entre os anos 160 e 220. Sua força extraordinária, simbolizada na cor vermelha da máscara, rendeu-lhe o título de Deus da Guerra, cultuado por budistas e taoístas. A máscara exposta não é diretamente usada na ópera: ela serve de modelo para o estilo de maquiagem tradicional de Guan Yu, reproduzido a cada apresentação como uma máscara pintada sobre a pele do artista. O Deus da Guerra é tão adorado que, na cidade de Jingzhou, foi erguida uma estátua de 48 metros e 1320 quilos em sua homenagem, representando a imagem solene e grandiosa do general que se tornou um herói mítico.

Coleção Ai Weiwei

JUSTIÇA + PODER



SKIN TAL (ANA AMARI)

Cosplay [Do inglês *costume* + *play*: convenções de fãs que se fantasiam como personagens de filmes, séries e games]
ESTADOS UNIDOS / COREIAS

Ana Amari é uma guerreira destemida, disposta a arriscar a vida para defender aqueles que precisam. Ela é uma das lutadoras do jogo *Overwatch*, um game que pode ser jogado online por várias pessoas ao mesmo tempo, lançado em 2014 pela empresa norte-americana Blizzard Entertainment. No enredo, que se passa num cenário futurista ameaçado por uma guerra mundial, uma equipe de heróis humanos e sobre-humanos é eleita pela ONU para instaurar a paz no planeta. Se escolhida por um jogador para servir como seu avatar, Ana pode lutar vestindo uma máscara bastante curiosa, esculpida no estilo típico de uma dança folclórica coreana chamada *Talchum* (*tal*: “máscara”, *chum*: “dança”, em coreano). A máscara funciona para ela como uma segunda “pele” (*skin*) e remete ao perfil guardião da personagem, pois a tradição de máscaras nas Coreias remonta a ritos sagrados seculares, com dançarinos mascarados clamando por proteção contra doenças e perigos.

Coleção particular

PODER + JUSTIÇA

ENIGMA

?
MÉXICO

Esta máscara é um grande mistério. Além do fato de que foi encontrada em território mexicano no século XX, não se tem mais nenhuma informação sobre ela. O que você enxerga nessa imagem? Quem será que a esculpiu? E com que objetivo?

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas



BIÀN LIǎN

Ópera de Sichuan
CHINA

Biàn liǎn (“mudança de rostos”) é uma arte dramática chinesa admirada pelos espectadores da Ópera de Sichuan, espetáculo tradicional que mistura canto, dança, encenação teatral e acrobacias com espadas e fogo. As máscaras usadas na ópera são reverenciadas como tesouros, repletos de mistérios transmitidos pelos artistas de geração a geração. O maior desses mistérios é a habilidade dos mascarados de mudarem de máscaras em cena, alterando a imagem que se sobrepõe ao rosto com um gesto leve, rápido e preciso, como num passe de mágica. Um dos recordistas na arte é o célebre mestre Peng Denghuai, que conseguiu mudar de máscaras 14 vezes em 25 segundos. Cada máscara também carrega sua própria simbologia: suas cores, por exemplo, podem simbolizar o caráter ou o estado emocional de um personagem.

Coleção particular

HIBRIDISMO

LUCHA LIBRE

Wrestling
MÉXICO

Desde o início do século XX, a luta livre é uma paixão nacional no México, onde ganhou um estilo dramático inconfundível, com mascarados voando no ringue em coreografias espetaculares. O uso das máscaras remonta à tradição dos guerreiros astecas, que se mascaravam como águias ou jaguares para entrar no campo de batalha munidos da força e agilidade desses animais. As máscaras dos *wrestlers* contemporâneos também fazem referência a animais, além de deuses e heróis, ou às cores da bandeira mexicana, como na peça aqui exposta. Em geral, os mascarados assumem um *gimmick*: um personagem que pode ser distinguido não só pela máscara, como também por roupas e golpes típicos. El Santo, o maior *luchador* de todos os tempos, guardou até o último ano de sua vida o segredo de sua identidade fora dos ringues. Quando morreu, foi sepultado com sua icônica máscara prateada.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + PODER



GUEIXA CIBERNÉTICA

Cosplay [Do inglês *costume* + *play*: convenções de fãs que se fantasiam como personagens de filmes, séries e games] JAPÃO / ESTADOS UNIDOS

No ano de 2029, a tecnologia se faz presente em todos os lugares, inclusive nas táticas criminosas usadas por ciberterroristas. Na luta contra o crime informatizado, a major Motoko Kusanagi teve seu corpo tantas vezes modificado que se tornou quase um robô, tendo restado apenas um fantasma de si mesma. Kusanagi é a heroína do mangá *Ghost in the shell* (“Fantasma no casulo”), desenho animado de ficção científica criado pelo artista japonês Masamune Shirow. A história original de 1989 rendeu várias adaptações, culminando na versão para o cinema de Rupert Sanders (*A vigilante do amanhã*, Estados Unidos, 2017), na qual máscaras de gueixa conferem uma expressão pacífica e harmoniosa a ciborgues ultratecnológicos, num contraste intrigante entre passado e futuro, tradição e inovação. No filme, a figura milenar da gueixa representa a inteligência artificial, que se coloca a serviço do homem. Mas também representa o medo de que a criatura se volte contra o criador, até destruí-lo.

Coleção particular
CRIAÇÃO + PODER



JUANEGRO

Dança de Juanegro MÉXICO

A Dança de Juanegro (também chamado Juan Negro ou Cuanegro), típica da região mexicana de Huasteca, encena a luta entre um colono espanhol e seu capataz pelo amor de uma moça. Queimado pelo trabalho ao sol, Juan Negro tem a máscara de cor escura, enquanto o señor Juan Blanco, que leva uma vida de sombra e água fresca, tem a máscara clara. Por algum motivo misterioso, a donzela disputada pelos rivais é representada por um dançarino do sexo masculino, desmascarado, que usa apenas um vestido. Ao final da disputa, é sempre Juan Blanco quem ganha a garota, denunciando a injustiça reinante entre ricos e pobres ao longo da história da América Latina.

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas
PODER

QHAPAQ NEGRO

Festa de Nossa Senhora do Carmo PERU

Entre 15 e 19 de julho, milhares de pessoas se reúnem na província peruana de Paucartambo, para celebrar a Festa de Nossa Senhora do Carmo, ali chamada *Virgen del Carmen*. Uma das atrações típicas da festa é a Dança do Qhapaq Negro, um personagem que mistura elementos africanos, europeus e indígenas. Na língua quíchua, falada por povos pré-colombianos como os Incas, *qhapaq* significa “grande” ou “poderoso”. No contexto da dança, faz referência à figura de um homem negro como um escravo, mas de olhos azuis como um rico colonizador europeu, que canta versos ora em espanhol, ora em quíchua, para prestar homenagem à *Mamacha* – apelido da Virgem Maria popular no Peru. Além de evidenciar o encontro de diferentes referências na formação da cultura peruana, o Qhapaq Negro atesta o esforço dos colonizados em adaptar suas crenças às condições impostas pelos colonizadores, de modo a poderem continuar exercendo sua fé.

Coleção Luiz Filipe Carvalho
HIBRIDISMO + PODER



CH’UTA

Carnaval de La Paz BOLÍVIA

Personagem típico do povo Aimará, nativo da América Andina, o Ch’uta representa o indígena que se submetia à *mita* – meio de trabalho forçado, imposto pelos colonizadores espanhóis. Nos dias úteis, ele cumpria suas obrigações com o dono das terras e, no fim de semana, podia brincar e festejar. Marcado por um forte sincretismo entre culturas indígenas e europeias, o carnaval boliviano rememora o estado de liberdade gozado pelos Aimarás nos intervalos entre os dias de labor. Fantasiado de patrão, com seu chapéu e seus fartos bigodes, o Ch’uta sai pelas ruas para dançar ou fazer estripulias, como golpear os outros com uma bola.

Acervo Fundação Memorial da América Latina, São Paulo
TRANSGRESSÃO + PODER

BWOOM

Ritos do Reino Kuba REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

O Reino Kuba teve seu apogeu entre os séculos XVII e XIX, reunindo cerca de vinte povos sob a autoridade do rei (*Nyim*), pertencente ao clã Bushoong. Até hoje, o rei governa com um conselho de líderes de todos os subgrupos de Kuba, representados em ritos de iniciação como mascarados, como parte dos ensinamentos aos jovens de narrativas históricas e mitológicas do reino. A máscara do *Nyim*, feita de pele de leopardo, simboliza a superioridade do rei frente aos demais líderes, retratados por máscaras de pele de antílope. Outras máscaras fazem parte das encenações, como a do *Bwoom*: um personagem do povo que participa da trama sobre um irmão que tentou usurpar o trono do rei – um tema recorrente na história da humanidade e em diversas mitologias.

Coleção Ivani e Jorge Yunes
PODER



PRINCESA

Danças de exorcismo Nuo CHINA

Para os chineses adeptos da tradição nuo, as doenças e catástrofes podem ser atribuídas à ação de fantasmas, principalmente de pessoas que sofreram uma morte violenta. Para afastar essas e outras presenças inoportunas, os fiéis encenam uma série de ritos sagrados, com destaque para as danças de exorcismo praticadas em províncias como Jiangxi. Durante as danças, mascarados exercem a função de médiuns, cada qual emprestando seu corpo a uma divindade incumbida de afastar os espíritos que não são bem-vindos. Em algumas regiões, as cerimônias são encenadas como verdadeiras batalhas militares, em que um exército de deuses combate um ou mais demônios rebeldes, podendo ser agregados à trama gerais, guerreiros, príncipes e princesas. No final, nem sempre o espírito é morto ou destruído: é comum que ele seja apenas expulso, prometendo retornar, o que simboliza a impossibilidade de se aniquilar o mal de uma vez por todas.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
PODER



ROSTO DE MULHER (NGOIN)

Ritos do povo Bamileke
CAMARÕES

Diversos povos habitam o território do atual Camarões, e a maioria deles mantém uma estrutura social rígida, hierarquizada em reinados e chefias. Entre os Bamileke, cada um desses grupos tem seu próprio *Fon* (líder), além de uma sociedade de príncipes relacionados a ele. Essa estrutura social se reflete numa rica produção de estátuas e máscaras, que muitas vezes servem para dignificar os representantes da realeza. Mas em geral, as máscaras bamileke têm intrincadas funções: podem ser usadas em coroações, funerais, eventos comemorativos ou ligados à colheita em períodos de secas. Os padrões de sucessão e ancestralidade bamileke seguem a linhagem masculina, e um só homem pode ter dezenas de mulheres. Até a década de 1960, quando essa lei foi alterada, as mulheres estavam incluídas na herança que se transmitia de um pai falecido ao seu primogênito.

Coleção Ivani e Jorge Yunes
PODER



PÁSSARO (ANOMANA)

Ritos do povo Baulê
COSTA DO MARFIM

Diz a mitologia baulê que seus ancestrais chegaram à Costa do Marfim liderados pela rainha Abla Poku, que fez com que as águas do rio Comoe se abrissem para seu povo atravessar em segurança (cena que lembra bastante a passagem bíblica sobre Moisés e o Mar Vermelho). Outra versão do mito narra que a rainha contou com a ajuda de hipopótamos e crocodilos na travessia do impetuoso rio. Os animais são referências presentes em várias máscaras baulê. Neste exemplar, um pássaro semelhante a um calau, símbolo de fertilidade e abundância, bica a testa de uma face humana, como se pudesse fecundá-la, daí o aspecto inchado do rosto, que remete à gravidez.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

SEXUALIDADE + SOBRENATURAL



CHAQUIRAS

Ritos do povo Kamëntzá
COLÔMBIA

Segundo os Kamëntzá, povo indígena que habita a região sudoeste da Colômbia, todo ser humano é dotado de um espírito que nasce da terra e, após a morte, se converte em semente, para à terra retornar. A semente, símbolo da fertilidade e do cio da terra, é um elemento importante para a cultura kamëntzá, que remete tanto às atividades agrícolas – ricas no cultivo de grãos como milho, feijão e ervilha – quanto ao artesanato – famoso pela confecção de máscaras de madeiras adornadas com belos mosaicos de miçangas ou contas (*chaquiras*). A peça em exibição tem relação com a fertilidade: é uma máscara feminina, associada à abundância e à sexualidade. As máscaras são usadas pelos Kamëntzá em diferentes ritos, podendo incluir o consumo de plantas medicinais ou psicoativas, como o *yagé* (também conhecido como *ayahuasca*), que permite ao xamã promover curas e entrar em contato com uma dimensão mágica da experiência.

Coleção particular

SEXUALIDADE + PODER

NIQAB

Indumentária feminina
ARÁBIA SAUDITA

O *niqab* é um véu que cobre o rosto de mulheres muçulmanas, deixando aparentes apenas os olhos (o que o distingue da burca, que também esconde os olhos por trás de uma tela). De acordo com a tradição dos povos que sustentam o seu uso, o véu protege a mulher da agressividade masculina, ao mesmo tempo em que protege a sociedade do desejo feminino, considerado perigoso e ameaçador à ordem pública. O *niqab* é adotado pelas meninas quando menstruam pela primeira vez, simbolizando a entrada num período da vida em que elas se tornam férteis e, portanto, mais cobiçadas. Pivô de debates feministas em culturas avessas ao seu uso, o véu pode representar uma restrição de liberdade para quem se opõe a ele, ou um direito à liberdade cultural e religiosa para quem endossa a sua importância.

Coleção particular

SEXUALIDADE + PODER



MULHER DESONESTA

Teatro Lhamo [Estilo clássico de arte dramática tibetana, envolvendo música, teatro e dança]
TIBETE

A figura da mulher adúltera assombra o imaginário de homens das mais diferentes culturas e épocas. Se a infidelidade masculina é historicamente tolerada em diversas partes do mundo, e em algumas delas a poligamia se mantém como um privilégio oficial e exclusivo dos homens, a infidelidade feminina, ao contrário, ainda hoje é castigada com pena de morte em nove países. No Teatro Lhamo tibetano, a Mulher Desonesta se inclui entre os personagens do conhecido repertório de peças, que transmitem ensinamentos morais budistas sem abrir mão de uma linguagem poética e divertida. Seguindo a tradição lhamo de que as cores simbolizam o perfil ou o humor do personagem, a Mulher Desonesta tem a máscara metade branca, metade preta, o que indica a astúcia e a duplicidade de seu caráter.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
TRANSGRESSÃO + SEXUALIDADE

OKUYI

Ritos do povo Punu
CONGO E GABÃO

Nos ritos femininos de passagem da infância à idade adulta, o povo Punu invoca a proteção de espíritos ancestrais das meninas púberes. Com os olhos quase fechados, sugerindo a sabedoria de quem enxerga além das aparências, a máscara Okuyi traz marcas de escarificação, técnica que produz cicatrizes na pele, como signos de força e beleza. Os conjuntos de pontos, reunidos em formas geométricas, carregam ainda uma conotação sexual. Presente nas danças cerimoniais em louvor à lua cheia, a máscara também pode fazer parte de ritos fúnebres, indicando uma proximidade entre a morte real e a morte simbólica envolvida na menstruação (morre a menina para que nasça a mulher). Apesar de representar um ancestral feminino, costuma ser usada por homens, que dançam mascarados sobre pernas de pau com até dois metros de altura.

Coleção Ricardo Azevedo Leitão

SEXUALIDADE + SOBRENATURAL + SABEDORIA + MORTE



ZAULI

Ritos do povo Guro
COSTA DO MARFIM

Depois de um longo dia de trabalho nos campos, os agricultores do povo Guro criaram o costume de se reunir à noite para dançar. Acreditavam que, assim, evocariam o aumento da produtividade da aldeia. Foi essa a origem da Dança Zaouli, que depois passou a fazer parte de funerais e outras cerimônias. Cada aldeia guro tem seu próprio dançarino zaouli, que baila com a máscara de mesmo nome, retratando uma figura animal grotesca, com traços humanos e longos cornos. Ela faz parte de uma importante família de máscaras guro, ao lado da *Zamble* (um rosto de leopardo ou crocodilo com chifres) e da *Gu* (uma face humana). Juntas, ilustram a propensão dos Guro ao sincretismo entre elementos animais, humanos e sobrenaturais.

Coleção Konan Kouakou David

HIBRIDISMO + SOBRENATURAL + MORTE



TANSSI

Damselfrau [Artista contemporânea]
INGLATERRA

A artista norueguesa Magnhild Kennedy acredita tanto no poder transformador das máscaras, que mascarou o próprio nome: adotou o pseudônimo artístico de Damselfrau (“Senhora Donzela”). Usando o rosto feminino como suporte estético, sua obra discute a dinâmica entre o que uma máscara pode esconder e o que ela pode fazer aparecer. O exemplar aqui exposto, intitulado *TanSSI*, pertence à série em que a artista propõe uma reinterpretação da burca muçulmana. Trabalhando com bordados coloridos sobre tecidos translúcidos, ela tematiza o paradoxo entre o que se vela e o que se revela do mistério e da beleza feminina, com o uso de um véu.

Acervo Damselfrau

SEXUALIDADE + PODER



ESPÍRITO ANCESTRAL

Ritos de povos do Médio Sepik
PAPUA-NOVA GUINÉ

Segundo a tradição oral de povos que vivem às margens do rio Sepik, no nordeste de Papua-Nova Guiné, suas máscaras tiveram origem quando algumas mulheres escutaram sons produzidos por espíritos embaixo d’água. Tentando encontrar a fonte dos ruídos, os homens vasculharam o fundo do rio com bastões. Um deles decidiu mergulhar profundamente e, quando retornou, disse que havia avistado espíritos subaquáticos usando grandes máscaras. Desde então, eles passaram a criar máscaras semelhantes às dessas entidades. O exemplar aqui exposto, esculpido no século XIX por um artesão do Médio Sepik, representa um ancestral mítico. Assim como outras máscaras sagradas, ela não é usada no rosto, mas permanece exposta sobre um suporte na Casa dos Homens (também chamada de *Haus Tambaran*), local de reunião para membros do sexo masculino que decidem os rumos da aldeia.

Coleção particular

PODER + SOBRENATURAL

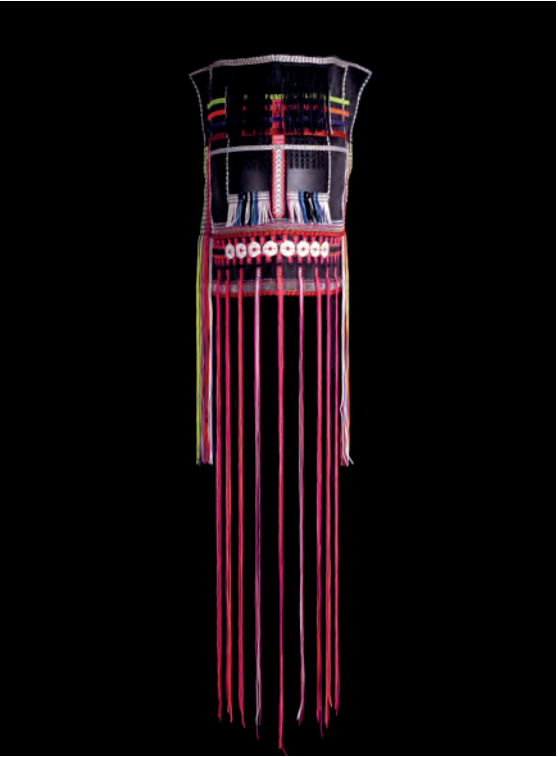
VOLTO

Carnaval de Veneza
ITÁLIA

Há registros de que o povo veneziano gostava de fazer carnavais desde o século XI. Mas as famosas máscaras do Carnaval de Veneza remontam ao século XVI, quando os nobres decidiram se misturar à plebe nas festas, sem ser reconhecidos. A máscara chamada de *Volto*, palavra italiana que significa “vulto” ou “rosto”, é a que melhor traduz essa tradição. De cor branca, como a maquiagem aristocrática, e adornada de dourado, em referência à nobreza, ela oferece um novo rosto ao mascarado, dando a ele a liberdade do anonimato. Parte mais reveladora do corpo humano, o rosto só é diretamente visível para o outro: ninguém é capaz de ver o próprio vulto sem recorrer a espelhos ou retratos. Nas suas muitas variações, a máscara *Volto* também suscita uma associação com a cara de um fantasma: pálida, imóvel e inexpressiva, funciona como índice da presença de uma ausência.

Cortesia Carlos Testa

PODER + SOBRENATURAL



BWETE

Ritos do povo Kwele
GABÃO

Concebidas como representações de espíritos benevolentes da floresta, as máscaras do povo Kwele retratam pessoas, animais ou combinações entre os dois, em rostos geralmente pintados de branco, simbolizando pureza. Seu uso costuma ocorrer em ritos iniciáticos ou no final de um período de luto. E é regulado pela associação *Bwete*, grupo responsável por manter a ordem social numa aldeia kwele. O exemplar aqui exposto, que exhibe uma face contornada por um grande par de chifres, pode ser incluído na série de máscaras kwele que conjugam traços humanos a traços de carneiros, frequentemente usadas com fins de proteção contra má sorte e feitiçaria.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

HIBRIDISMO + PODER + SOBRENATURAL



MUERTE

Carnaval de Barranquilla / Dança do Garabato
COLÔMBIA

A Dança do Garabato, de origem espanhola, é uma das mais expressivas homenagens ao carnaval, celebrada todos os anos na Colômbia e em outros países latino-americanos de costa atlântica. Numa encenação emblemática, um folião vestido de preto e branco, que usa a máscara da Morte, confronta dançarinos de trajes multicoloridos, que representam o Espírito Carnavalesco, ou a própria personificação da vida. Em Barranquilla, os brincantes usam bastões com fitas vermelhas, amarelas e verdes, as cores da bandeira da cidade. No final, a vitória da luta é sempre do Espírito Carnavalesco, ícone da alegria e da liberdade típicas dos dias de folia.

Coleção particular

MORTE

KALI

Dança Chhau de Purulia
ÍNDIA

Com uma arma em cada um dos seus dez braços, a deusa guerreira Durga, montada sobre um leão, lutava contra o demônio Mahishasura. No meio da batalha, ela ficou tão enfurecida que a raiva explodiu de sua testa sob a forma de Kali, que já nasceu devorando todos os demônios ao seu redor e amarrando as cabeças num cordão para ostentá-las. Amante de Shiva, deus da destruição que antecede toda criação, Kali também é associada aos ciclos de transformação da vida, embora seja retratada com um aspecto bastante assustador. Deusa da morte e do tempo, que devora todas as coisas, representa a violência e a sexualidade feminina, mas a ela também se atribui um poderoso amor maternal. Sua máscara é uma das mais importantes na Dança Chhau apresentada na cidade indiana de Purulia, uma tradição sagrada que envolve dançarinos mascarados em movimentos acrobáticos, geralmente realizada em cerimônias de forte significado religioso.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa

criação + transgressão + sexualidade + poder + sobrenatural + morte



MAHAKALA

Ritos budistas tibetanos
TIBETE

Em sânscrito, *maha* significa “grande”, e *kala*, “morte” ou “tempo” – daí o nome Mahakala: “maior que a morte” ou “maior que o tempo”. Divindade originalmente hinduísta, considerada uma das formas de Shiva, o deus da destruição, Mahakala também é cultuado no budismo praticado na China e no Japão. Nos mitos tibetanos, aparece disfarçado como um corvo, pássaro associado à morte, ou como um homem negro vindo da Índia, que esculpe uma estátua sagrada até se fundir à própria escultura. Pode ser representado com a pele preta, azul ou branca, mas suas feições sempre aparentam fúria, como é típico de um *dharmapala*, bravo defensor do *dharm*a: a “lei” ou os ensinamentos espirituais do Buda. No Tibete, sua máscara pode ser usada em ritos religiosos ou pendurada nas paredes dos mosteiros e lares, para proteção. Assim como Shiva, que ao abrir seu terceiro olho destrói tudo à sua frente, Mahakala remete à ideia de que a destruição é o que precede qualquer possibilidade de construção e renovação.

Coleção particular

MORTE

GHOSTFACE

Halloween [Dia das Bruxas]
ESTADOS UNIDOS

No longa-metragem *Pânico* (dir.: Wes Craven, EUA, 1996), e na série de três filmes seguintes, a máscara do *Ghostface* (“cara de fantasma”) circula entre diferentes personagens. Além do poder de matar, ela confere ao assassino o prazer de apavorar o outro, condensando referências às figuras do fantasma, da caveira e do carrasco. Originalmente chamado de *Scream* (“Grito”), o filme remete ao quadro homônimo do pintor norueguês Edvard Munch, de 1893, sugerindo que o grito da máscara funciona como um espelho macabro para o grito da vítima. Popular nas festas de *Halloween*, o capuz do *Ghostface* foi usado em diferentes crimes cometidos por adolescentes na década de 1990, levando o Senado norte-americano a debater a influência de filmes violentos sobre o público infantojuvenil.

Coleção particular

transgressão + poder + morte



CAVEIRA

Judea Cora
MÉXICO

A *Judea Cora* é uma comemoração associada à Páscoa cristã, tradicional do último povo a ser conquistado pelos espanhóis no México: o povo Cora, que ainda hoje vive em regiões de difícil acesso na Serra do Nayar. Marcados pelo sincretismo religioso, os festejos se estendem pela Semana Santa, de quarta a sábado. Celebram um rito de raízes pré-hispânicas em que Tayau (o sol) agoniza, morre e ressurge sob a forma do Pai Sol, um enredo que se mistura ao da paixão e ressurreição de Cristo. Durante a encenação ritualística, os “borrados” ou “judeus” (perseguidores de Cristo) pintam o corpo com listras vermelhas e amarelas, ou com borrões de lama, e vestem máscaras diversificadas, em geral demoníacas – como o exemplar aqui exposto: o retrato de uma caveira, símbolo máximo da morte, mas que parece sorrir, quicá sugerindo a aposta na ressurreição. Somente ao final dos festejos, no sábado de manhã, os mascarados mergulham no rio e deixam que as águas purifiquem suas almas, ao mesmo tempo em que a correnteza arrasta e destrói suas máscaras.

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas

SOBRENATURAL + MORTE

DURDAG
Dança dos Senhores dos Campos de Cremação
BUTÃO

Ao redor do Monte Meru, montanha mítica e sagrada tanto para o hinduísmo quanto para o budismo, estão situados oito campos de cremação, defendidos pelos Durdag: espíritos que guardam os acessos à Mandala cósmica onde vivem as divindades tântricas. Incluídos entre as figuras assustadoras e protetoras do *dharma*, a “lei” do Buda, os Durdag são representados por esqueletos. Durante o *Thimphu Tsechu*, o mais importante festival religioso butanês, são encarnados por quatro monges com máscaras de caveiras, que apresentam a *Durdag Cham*: a dança dos Senhores dos Campos de Cremação. Eles agitam as mãos e batem os pés no chão, convocando os espíritos dos mortos, a fim de libertá-los do apego a este mundo e prepará-los para o próximo. Na apresentação, destroem uma efígie que retrata um corpo humano, oferecendo seus restos às divindades tântricas. Este gesto remete ao fato de que, no Butão, quase não há cemitérios: os butaneses preferem cremar seus mortos, lançando as cinzas nas águas vivas de um rio.

Coleção particular
MORTE



MUERTE DIABLO
Dia dos Mortos
MÉXICO

Em diversas regiões do México, os festejos pelo Dia dos Mortos, que coincidem em parte com o Dia de Finados do calendário católico, não são marcados pelo luto e pela tristeza, mas pela alegria. Segundo a tradição de vários povos de origem pré-colombiana, como os Astecas e Maias, é neste dia que os espíritos dos familiares falecidos retornam ao mundo dos vivos e visitam seus descendentes. Para recepcioná-los, cada família prepara um altar com fotos, flores, alimentos e objetos apreciados pelos finados. Em algumas localidades, desfiles, máscaras e danças fazem parte da festa. A máscara aqui exposta é originária de Sierra Gorda, região em que a tradição é cultivada especialmente pelo povo Pame, que vive em condições econômicas precárias, mas não abre mão de vestir suas fantasias de caveiras e zumbis, nos primeiros dias de novembro, para prestar homenagem às almas dos mortos.

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas

SOBRENATURAL + MORTE

JAUK KERAS
Calonarang [Rito teatral envolvendo música e dança, tradicional na ilha de Bali]
INDONÉSIA

Havia uma feiticeira tão poderosa, que nenhum homem ousava se aproximar de sua filha, temendo que ela fosse ameaçadora como a mãe. Furiosa, a feiticeira recorre à magia negra para amaldiçoar e matar muitas pessoas. O rei, então, precisa travar uma batalha contra ela, que acaba se configurando como uma batalha do bem contra o mal. *Calonarang* é um rito que encena essa história por meio de música, teatro e dança com máscaras. Um dos personagens é Jauk Keras, o rei dos gigantes de aparência demoníaca, que vagueia pelas florestas. Em sua performance, o mascarado que interpreta Jauk Keras costuma movimentar com vigor as mãos, dotadas de garras enormes e assustadoras. Sua apresentação, geralmente solo, se inclui entre o grande número de danças com máscaras tradicionais da pequena ilha de Bali, que até hoje são transmitidas de geração a geração. Muitas são encenadas dentro de templos hinduístas, que configuram a maioria religiosa na ilha, contrastando com a maioria de muçulmanos no restante da Indonésia.

Acervo Eduardo Vaccari (Maschere: Ateliê de Pesquisa em Máscaras Teatrais)

PODER + SOBRENATURAL



DIABO
Pastorela de Michoacán
MÉXICO

Michoacán é um dos vários estados mexicanos que mantêm a tradição católica da *Pastorela*, uma representação teatral a céu aberto sobre o nascimento de Jesus Cristo. A celebração foi estabelecida no século XVI por frades franciscanos, para promover a evangelização de indígenas na Nova Espanha. A encenação gira em torno de pastores numa viagem a caminho de Belém, para adorar o recém-nascido, que são desviados por um grupo de diabos: mascarados que recitam falas e dançam ao som de uma banda. No final, São Miguel derrota os *diablos*, e os pastores oferecem presentes ao menino Jesus, entoando canções natalinas. Mais do que uma simples versão do velho enredo do bem contra o mal, a festa foi ganhando matizes de crítica social e política, ao longo dos séculos. As falas dos personagens se atualizam pelo funcionamento vivo da cultura popular, que recontextualiza a tradição a cada ano.

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas

SOBRENATURAL + PODER



DEMÔNIO DE TASTUÁN
Festa de Tastuán ou de Tastoanes
MÉXICO

Popular em estados como Jalisco e Zacatecas, a festa de *Tastuán* ou de *Tastoanes* (palavras derivadas do vocábulo asteca *tlatoani*, “senhor”) é celebrada a cada 25 de julho, em homenagem a São Tiago Maior, mais conhecido como Santiago, patrono da empreitada espanhola na conquista do México. A folia encena o embate entre um senhor, de chicote em punho, e uma série de demônios que o provocam, usando máscaras de bestas ou de uma superfície esculpida com répteis em baixo relevo, figuras monstruosas que correspondem à imagem que os colonizadores faziam dos colonizados. Alguns mascarados são fortemente atingidos pelo chicote, mas nem por isso abandonam a brincadeira. Nas entrelinhas, é possível ler uma mensagem subversiva: apesar de os santos do colonizador serem um bocado violentos, os colonizados não se intimidam nos seus atos de enfrentamento e resistência.

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas

HIBRIDISMO + PODER + SOBRENATURAL + TRANSGRESSÃO

NAGA RAKSA
Teatro de Demônios Kolam do povo cingalês
SRI LANKA

No Sri Lanka, o povo cingalês, maioria étnica no país, costuma confeccionar e usar máscaras demoníacas em duas ocasiões: nos ritos de exorcismo dos demônios que causam enfermidades (*Sanni Yakuma*) e nas apresentações do chamado Teatro Kolam, uma forma tradicional de arte dramática carregada de forte significação religiosa, ligada à fertilidade e ao nascimento dos bebês. As performances teatrais costumam apresentar enredos míticos e contos morais com facetas humorísticas, envolvendo vários personagens, alguns com máscaras tão pesadas que precisam ser retiradas para que o dançarino descanse enquanto não está à frente das cenas. Naga Raksa, demônio envolvido numa trama tradicional do Kolam, é retratado por uma máscara repleta de serpentes, que representam a natureza perigosa dos animais peçonhentos, inspirando medo na plateia. As apresentações seguem a crença cingalesa de que a dor e a doença são frequentemente provocadas por demônios, de modo que o tratamento indicado, nesses casos, passa pela eficácia simbólica dos ritos sagrados.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
SOBRENATURAL

DIABO

Folclore de Sierra Gorda de Querétaro
MÉXICO

A região de Sierra Gorda, no estado mexicano de Querétaro, é repleta de montanhas, vales e cavernas. E uma dessas cavernas, à qual só se chega por uma trilha em mata fechada, guarda um mistério intrigante. Quando se entra pela estreita abertura, que só permite passar uma pessoa por vez, o verde da floresta dá lugar a uma coloração acinzentada e o clima quente e úmido dá lugar a uma sensação seca de frio. Na parede do fundo, logo se vê uma estátua da Virgem Maria, com velas ao redor. Mas o bom observador também é capaz de distinguir formas de rostos diabólicos na parede, esculpidos e desenhados pela própria natureza. Alguns moradores da região dizem que a caverna foi habitada por um demônio, outros dizem que pelo próprio Satanás, até que colocaram a estátua da Virgem lá dentro e conseguiram expulsar o intruso. Nas festividades de Natal, os santos e anjos também derrotam um grupo de diabos mascarados, no teatro a céu aberto da *Pastorela*, encenação da luta do bem contra o mal apreciada em Querétaro e em outros estados mexicanos.

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas
SOBRENATURAL



CROCODILO

Judea Cora
MÉXICO

Para os antigos Mixtecas, a Terra nasceu de um crocodilo que vivia no mar original. O mito de origem Maia vai numa direção semelhante: conta que o grande crocodilo primordial carregou a Terra como uma concha nas costas. Na mitologia Maia, ele pode ser representado com um U na cabeça (símbolo lunar), onde florescem lírios d’água ou brotos de milho. Ou pode ter duas cabeças, assumindo a função de guardião dos caminhos. Confeccionada por um artesão do povo Cora, a máscara aqui exposta prova que a imagem do crocodilo continua a habitar o imaginário cultural da região. Exemplares como este são frequentes na celebração conhecida como *Judea Cora*: uma Semana Santa sincrética, que mistura referências cristãs e pré-colombianas. Sujos de lama e tinta, os foliões que encarnam os perseguidores de Cristo (ou do Deus Sol Tayau) fazem suas próprias máscaras, em geral animais ou bestiais, e no último dia se lavam no rio, entregando as máscaras para a correnteza levar.

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas
SOBRENATURAL + CRIAÇÃO

HANNYA

Bidou Yamaguchi [Artista contemporâneo]
JAPÃO

No repertório do Teatro Nô, o único personagem que muda de máscaras durante um mesmo espetáculo é a bela Kiyohime. Ela se apaixona por um sacerdote e insiste em seduzi-lo, tanto que ele foge para se esconder no templo, sob um grande sino de bronze. Enfurecida pela rejeição, ela o persegue até se transformar numa serpente, que se enrosca ao sino e o derrete com o calor da sua raiva, matando o próprio amado. É no auge da fúria que Kiyohime veste a máscara *Hannya*, que retrata um demônio feminino ciumento, atormentado pela obsessão. Por um lado, ela é assustadora, mas por outro, deixa transparecer um aspecto frágil e sofrido. Em algumas versões da máscara, essas diferentes nuances variam conforme o ângulo: vista de frente, sua face parece demoníaca, mas vista de cima, com a cabeça baixa, parece que está chorando. Esta versão é obra de Bidou Yamaguchi, um dos mais importantes escultores contemporâneos de máscaras nô, que seguiu a tradição de confeccioná-la numa peça única de cipreste japonês, adornada com películas de ouro.

Acervo Target Corporation, Minneapolis
HIBRIDISMO + TRANSGRESSÃO + PODER



KOLA

Sanni Yakuma [Rito sagrado de exorcismo do povo cingalês]
SRI LANKA

O povo Cingalês, grupo étnico predominante no Sri Lanka, mantém uma tradição medicinal calcada em forças sobrenaturais: várias doenças que acozzam as pessoas são tratadas por meio de um rito de exorcismo, o chamado *Sanni Yakuma* (*sanniya*: “enfermidade”; *ya-kuma*: “ritual demoníaco”). Isso porque cada demônio é responsabilizado por causar uma doença específica, como no caso de Kola, que domina o corpo do enfermo provocando a pneumonia. O tratamento pode envolver mais de vinte participantes, muitos deles usando máscaras demoníacas. Mas o número mínimo para que a cerimônia aconteça é de quatro pessoas: o percussionista que batuca a música ritualística, o dançarino mascarado que encarna o demônio a ser exorcizado, o exorcista que faz oferendas em nome do doente e convence o demônio a se afastar dele, e o paciente que entra na dança e geralmente entra também num transe, do qual desperta curado.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
PODER + SOBRENATURAL



TSONOQUA

Beau Dick [Artista contemporâneo do povo Kwakwaka’wakw, nativo da costa oeste canadense]
CANADÁ

Na mitologia dos Kwakwaka’wakw, Tsonoqua é um ser monstruoso e feminino que vive nas matas. Dona de seios enormes, tesouros mágicos e grande fortuna, ela é capaz de derrubar árvores e ressuscitar os mortos. Tem o poder de promover a saúde e curar as feridas, mas também é temida por raptar crianças para devorá-las. Sua lenda diz que uma mulher selvagem roubou o salmão de um caçador na floresta, e ele, então, matou o filho dela. Outro homem sentiu pena e levou até ela o cadáver do menino. Depois de ressuscitar o filho, ela recompensou o homem com peles, carnes e uma máscara de seu rosto, que ele e seus descendentes poderiam usar em rituais. Uma espécie de Grande Mãe devoradora, que cuida da criança, mas é capaz de engoli-la, como se quisesse reintrojetar seu bebê, Tsonoqua apresenta a boca em forma aberta para sussurrar “wu, wu”, som parecido com o vento, que ela emite a fim de atrair os pequenos.

Cortesia Galeria Fazakas, Vancouver
PODER + SOBRENATURAL + MORTE



KAISHAN

Danças de exorcismo Nuo
CHINA

No princípio, nada existia no universo, exceto um caos que se unificou num ovo cósmico por 18 mil anos. De dentro do ovo, equilibrado entre Yin e Yang, nasceu o primeiro dos seres vivos: o gigante Pangu. Com um giro de seu machado, ele separou a terra (*Yin*) e o céu (*Yang*). Precisou usar toda a sua força para mantê-los separados, por mais 18 mil anos. Quando Pangu morreu, sua respiração se transformou no vento e nas nuvens. Seus dois olhos, no sol e na lua. E assim por diante, até que o mundo todo se fez de partículas do deus criador. Uma das formas animais assumidas por seu espírito, *Kaishan* (“quem abre montanhas”) é representado com caninos salientes e se inclui entre os principais deuses invocados nos ritos de exorcismo nu, cultivados na província chinesa de Hunan. Nos templos onde ocorrem as cerimônias, grandes máscaras representando as divindades são colocadas no altar, na expectativa de que cumpram a tarefa de afastar os maus espíritos.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
CRIAÇÃO + PODER + SOBRENATURAL

DARTH VADER

Cosplay [Do inglês *costume* + *play*: convenções de fãs que se fantasiam como personagens de filmes, séries e games] ESTADOS UNIDOS

Quando leu *O herói de mil faces*, do mitólogo Joseph Campbell, o diretor George Lucas encontrou a inspiração que buscava para contar uma história encantadora. Usou elementos destacados por Campbell, por se repetirem em mitos de diferentes épocas e povos, para criar a saga *Star Wars*, uma espécie de narrativa mítica pós-moderna. Na trilogia original da série, a máscara é a parte da armadura que mantém vivo o vilão Darth Vader, com sua voz robótica e respiração ofegante. Metade homem, metade máquina, ele foi seduzido e corrompido pelo lado negro da Força, na sua busca por um poder sem limites. Mas, após ser ferido no duelo contra o filho Luke, pede a ele que retire sua máscara, expondo sua face humana e mortal. O embate final entre eles, cada qual empunhando seu sabre de luz, representa dois temas recorrentes em diversas mitologias: o do oprimido que luta contra o opressor, e o do filho que destrona o pai, fazendo avançar a ordem das gerações.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + JUSTIÇA + PODER



REI KLANA

Wayang Topeng [Teatro de máscaras tradicional javanês] INDONÉSIA

Era uma vez um príncipe chamado Panji, do reino de Janggala, que precisou percorrer uma longa jornada em busca de sua noiva, a princesa Candra, do reino de Kediri, desaparecida na floresta no dia do casamento. Em suas peripécias, o príncipe tem de superar muitos obstáculos e lutar contra vários rivais. Mas nem mesmo as figuras fantásticas que ele deve enfrentar são tão maliciosas quanto o rei Klana, um orgulhoso líder estrangeiro que ameaçou ocupar parte de Java no século XII e acabou transformado num personagem típico do tradicional teatro de máscaras javanês. O teatro tem como repertório principal as aventuras ficcionais do leal e heroico príncipe Panji, misturadas com eventos históricos ocorridos entre as ilhas de Java e Bali.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
TRANSGRESSÃO + PODER



LUZBEL

Fiesta de los Negritos MÉXICO

Apreciada no estado mexicano de Guanajuato, a *Fiesta de los Negritos* encena uma luta do bem contra o mal de raízes religiosas, mas já miscigenadas pela cultura popular. São Miguel, guardião do menino Jesus, conta com a ajuda de aliados para defendê-lo. Entre esses aliados estão os eremitas, os *caporales* (capatazes) e os *negritos* (escravos). Do lado do mal, estão três diabos negros, chamados Astúcia, Pecado e Luzbel – “luz bela”, ou Lúcifer, o anjo caído do Céu e condenado por Deus a viver no Inferno. Além de ameaçarem o menino Jesus, os diabos promovem a desordem na Terra. Dançam mascarados, afugentando o público que assiste ao espetáculo, até caírem fulminados por São Miguel, que os expulsa da igreja. Daí em diante, os diabos continuam a fazer bagunça pelas ruas, acompanhados por uma banda musical, sendo seguidos pelo povo numa peregrinação de casa em casa, até o anoitecer.

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas

SOBRENATURAL + TRANSGRESSÃO



TENGU

Festival Tengu JAPÃO

Personagem mágico do folclore japonês, o Tengu (“cão do paraíso”) é um *goblin* lutador de artes marciais, que usa suas habilidades para provocar a desordem. Prega peças em samurais que se tornam arrogantes, ou em sacerdotes que se tornam orgulhosos, exibindo seu mau comportamento para encorajar o bom comportamento alheio. Seu longo nariz se reveste de uma conotação ora cômica, ora sexual. Tem o poder de mudar de voz ou de forma, de se teletransportar de um lugar ao outro, e até de penetrar nos sonhos das pessoas. Nos Festivais Tengu, o personagem é encarnado por um mascarado que se mistura à plateia e distribui pancadas aleatórias segurando um bastão, provocando risadas e diversão.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + SEXUALIDADE + SOBRENATURAL



USOFUKI

Teatro Kyogen [Estilo de teatro cômico japonês, de origem medieval] JAPÃO

O tradicional Teatro Kyogen é menos formal do que outros estilos japoneses de arte dramática: usa a comédia para tratar da tragédia da condição humana. Seu repertório de peças inclui cerca de 30 personagens mascarados, entre eles Usofuki (uso: “mentira”; fuki: “soprar”, “assobiar”). Um velho de olhos surpresos, mas incapaz de gritar para dar voz ao seu espanto, ele se limita a sussurrar covardemente, remetendo à impotência do homem e à falta de sentido da vida. Suas feições exageradas lhe conferem um aspecto caricato e divertido, que também pode ser aplicado à representação de espíritos de plantas, peixes e insetos, e que serve para ridicularizar figuras importantes da sociedade e da natureza, criticando-as por meio do humor.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO



DIABO

Festividades de Corpus Christi em Yare VENEZUELA

Na cidade venezuelana de San Francisco de Yare, contam uma história de meados do século XVIII: alguns agricultores, desesperados por causa de uma seca atroz, decidiram se vestir de demônios e dançar implorando por água. O resultado? Nunca choveu tanto quanto naquele ano. Desde então, mascarados conhecidos como *Diablos Danzantes de Yare* comemoram esse acontecimento toda quinta-feira de *Corpus Christi*, numa celebração que mistura elementos religiosos e pagãos. Já na véspera, os diabos começam a se preparar numa vigília de cânticos e orações, conduzida pela *Sociedad del Santísimo*, a mais antiga irmandade das Américas. Ao amanhecer, iniciam sua jornada até a porta de uma igreja, onde o Santíssimo enfrenta os demônios até que eles caiam no chão, exaustos. Em seguida, os dançarinos são abençoados pelo sacerdote e saem pela cidade, percorrendo 41 altares dispostos em diferentes pontos. A procissão é acompanhada por mulheres devotas que, assim como os diabos, usam trajes vermelhos, crucifixos e escapulários.

Acervo Fundação Memorial da América Latina, São Paulo

SOBRENATURAL



DIABO

Dança dos Diabos
COSTA RICA

Os Boruca, que vivem na região sul da Costa Rica, afirmam ser o único povo da América Central nunca conquistado pelos colonizadores europeus. E celebram essa resistência por meio da Dança dos Diabos, também chamada Jogo dos Diabinhos: um festival de quatro dias, entre 30 de dezembro e 2 de janeiro, que encena a luta entre os espanhóis e os Boruca, sendo os primeiros afugentados pelos segundos. Famosos pelas sofisticadas máscaras que fabricam para o festival, eles representam o colonizador como um grande touro, ávido por atacar a todos, e a si próprios como diabos mascarados que resistem a ele. A figura do diabo, na dança, remete à visão europeia de que as crenças religiosas dos nativos que encontraram na América Latina não passavam de condenáveis superstições. Mais do que uma simples brincadeira, o jogo simboliza a realidade atual de povos indígenas como os Boruca, que ainda hoje precisam lutar contra pressões culturais externas, para manter vivas suas tradições.

Coleção particular

PODER + SOBRENATURAL



BATE-BOLA (CLÓVIS)

Carnaval do Rio de Janeiro
BRASIL

Herdeiro de personagens de festas trazidas da Europa, os Bate-bolas espalham alegria e terror no carnaval dos subúrbios do Rio de Janeiro. Também chamados de Clóvis, uma distorção da palavra inglesa clown (“palhaço”), os foliões saem em grupo, iguallados pela mesma máscara e pela mesma fantasia, que dão a eles a sensação de liberdade e a impressão de que tudo é permitido. Mantêm uma tradição iniciada com os escravos, que se mascaravam para expressar sua raiva contida, batendo com força no chão bexigas de boi presas em varas. Nas versões contemporâneas, em que as bolas batidas são de borracha, a agressividade continua fazendo parte da festa. Não é raro que os grupos insuflam o medo soltando fogos e rajadas de tiros, antes de tomar as ruas de um bairro. Também não são raros os relatos de confrontos entre grupos rivais de Bate-bolas, causando ferimentos graves e até mesmo a morte de alguns foliões.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + PODER

SEM TÍTULO

Stephan Doitschinoff [Artista contemporâneo]
BRASIL

Para o artista brasileiro Stephan Doitschinoff, a figura do diabo difundida pelo cristianismo é fruto de uma das ações de “hackeamento simbólico” mais elaboradas da história. Quando os cristãos assumiram o poder religioso no Império Romano, passaram a adulterar as representações sagradas dos povos conquistados, encaixando grande parte delas na categoria de demônios e inimigos de Cristo, ou seja, Anticristos. Como num quebra-cabeças, a imagem reconhecida como diabólica foi agregando peças de diferentes cosmologias e religiões: o tridente de Netuno, os chifres de Baphomet, além de elementos de divindades femininas, como os seios. Neste contexto, o ato de vestir uma máscara de diabo, com olhos que representam a morte sob a forma de caixões, pode adquirir uma simbologia política, o que vai ao encontro do trabalho de Doitschinoff de ressignificar imagens mitológicas para questionar os dogmas impostos por elas, suscitando reflexão e crítica.

Acervo Stephan Doitschinoff

TRANSGRESSÃO + PODER + MORTE



CARETA DE ACUPE

Festa da Independência na Bahia
BRASIL

A chegada de julho, mês em que os portugueses deixaram o Brasil em 1823, é celebrada com festa no distrito de Acupe, no Recôncavo Baiano. O tema da independência do país suscita a comemoração da independência dos escravos. Um dos ritos mais tradicionais é o do Nego Fugido, uma dramatização que encena a perseguição, captura e libertação daqueles que ousavam escapar. Também são célebres as Caretas de Acupe: máscaras assustadoras vestidas por foliões que perseguem as pessoas pelos becos e ruas, tentando açoitá-las com um chicote. Dizem que escravos libertos já usavam máscaras deste tipo para apavorar os senhores, alimentando o imaginário de que demônios sobrenaturais habitavam aquelas matas. Mas a simbologia do açoite parece mais sugerir que as forças demoníacas ali representadas eram os próprios colonizadores.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + PODER



ARLEQUIM

Halloween [Dia das Bruxas]
ESTADOS UNIDOS

Na Veneza do século XVI, nasceu um dos triângulos amorosos mais famosos do mundo, entre personagens mascarados que se exibiam em espetáculos de rua itinerantes. Nas apresentações da *Commedia dell'Arte*, gênero de teatro popular com fortes elementos de circo e improvisação, os espectadores se encantavam com a história da charmosa Colombina, dividida entre a sedução de Arlequim e o amor platônico de Pierrô. Primeiro ela foge com Arlequim, depois se arrepende e se casa com Pierrô, mas passa a vida sonhando reencontrar sua antiga paixão em algum carnaval. Vestindo um chapéu com guizos nas pontas, Arlequim é um sujeito informal e ousado, com ares de bobo da corte. Seu nome deriva do termo *hellequin*, palavra usada no francês antigo para designar um diabo. Talvez seja essa a inspiração para a peça exposta aqui: sublinhando os traços diabólicos do bufão, o personagem burlesco se torna assustador nessa máscara de *Halloween*.

Coleção Luiz Filipe Carvalho

TRANSGRESSÃO



ALTI DANTE

Carnaval da Basileia
SUÍÇA

Encarnação da elegância vulgar, a *Alti Dante* (variação do alemão *Alte Tante*, “Tia Velha”) é a grande dama do Carnaval da Basileia. Caricatura de uma senhora idosa de alta classe, a máscara foi criada no final do século XIX, mas compõe com o vestido, o chapéu e os acessórios uma indumentária típica do período Biedermeier (1815-1848). Daí se deduz que o traje tenha sido montado por pessoas de classes populares, reaproveitando roupas velhas sem uso, já fora de moda. A máscara da Tia Velha permite uma inversão não só de classes sociais, com pobres que se fantasiavam de ricos. Ela permite uma inversão de papéis de gênero, já que é usada também por homens, fazendo jus à proposta essencial dos festejos carnavalescos: encenar a subversão de uma ordem estabelecida.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO

REI IDOSO

Teatro Lhamo [Estilo clássico de arte dramática tibetana, envolvendo música, teatro e dança]
TIBETE

No século XV, o místico tibetano Thangtong Gyalpo, numa passagem pelo porto do rio Lhasa, se sensibilizou ao notar que muitas pessoas desejavam cruzar o rio, mas não tinham dinheiro para a travessia. Inconformado, Gyalpo resolveu se dedicar a construir pontes. A fim de reunir verbas para as obras, recrutou sete irmãs da província de Lhoka, vestidas com belos trajes, e passou a viajar com elas por vilarejos, montando encenações teatrais com números de canto e dança. Fascinadas, as plateias se referiam a elas como “deusas” (*lhamo*), o que teria dado origem ao Teatro Lhamo, estilo secular de arte dramática tibetano. Com um repertório que pouco mudou desde o século XV, as peças se baseiam em lendas budistas e versões romantizadas da história do Tibete, com personagens que se distinguem por suas máscaras coloridas. As máscaras vermelhas, por exemplo, são usadas por reis, homens de certa idade e que exercem cargos de liderança e poder.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
PODER



PALHAÇO POETA (CIGANINHO)

Folia de Reis
BRASIL

Doze dias depois do nascimento de Jesus Cristo, três reis magos viajaram para visitá-lo, orientados pela estrela de Belém. Gaspar, Baltazar e Melchior presentearam o recém-nascido com ouro, incenso e mirra, o que deu origem à tradição católica da troca de presentes em homenagem à Natividade. Celebrada em janeiro, a Folia de Reis festeja essa passagem bíblica com um cortejo de músicos, dançarinos e foliões. Foi introduzida no Brasil no século XVI, por padres jesuítas, como parte da catequização de indígenas e depois de africanos. Mas acabou agregando elementos pagãos, como a representação de animais assustadores nas máscaras dos palhaços poetas, que recitam versos exaltando a bondade e os valores cristãos. Nos subúrbios do Rio de Janeiro, é comum que os palhaços passem de casa em casa, exibindo suas vestes coloridas e danças frenéticas, saudando os moradores, brincando com as crianças e declamando repentos.

Acervo Departamento Cultural / Universidade do Estado do Rio de Janeiro

TRANSGRESSÃO + HIBRIDISMO



VELHO MONGE

Ritos budistas sul-coreanos
COREIA DO SUL

Era uma vez um Velho Monge que dedicou a vida ao estudo e à pregação dos ensinamentos de Buda. Um dia, inesperadamente, ele vê duas moças dançando numa aldeia e experimenta um forte sentimento de luxúria. Quanto mais elas dançam, mais o sentimento cresce, até que ele não resiste e decide cortejá-las. A postura do religioso é testemunhada por Prodigal, um pupilo que aceitou se tornar monge porque não tinha talentos na vida, mas se ressentido por ter de renunciar aos prazeres mundanos. Enciumado, Prodigal luta contra o mestre pela atenção de uma das dançarinas. Com a máscara salpicada de manchas brancas, que simbolizam o fato de que ele foi corrompido, o Velho Monge não se dá por vencido: acaba fugindo com a outra moça. Enredos que misturam toques de humor a lições de moral fazem parte do repertório de alguns ritos budistas sul-coreanos, como é o caso desta famosa fábula, encenada na dança de máscaras *Pyolsandae*, típica da cidade de Yangju.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
TRANSGRESSÃO + SEXUALIDADE



KRISHNA

Dança Chhau de Saraikela
ÍNDIA

Uma das divindades mais cultuadas pelos hindus, Krishna é a oitava e principal forma assumida por Vishnu, deus responsável pela manutenção do universo. Protetor da vida, ora é representado como um jovem brincalhão, ora como um amante ideal, ora como um herói sagrado. Seu corpo azul, totalmente espiritual e incorruptível, não está sujeito à finitude e à morte. Na tradicional Dança Chhau, expressão típica do distrito indiano de Saraikela, que incorpora movimentos de artes marciais e acrobacias, o mascarado que representa Krishna frequentemente dança junto com outro mascarado fantasiado de pavão, animal associado ao deus por sua nobreza e beleza divina. Derivado da palavra *chhaya* em sânscrito, o nome da dança significa “máscaras”, “sombra” ou “imagem”, e suas apresentações narram histórias de grandes épicos da mitologia hinduísta.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
PODER + SOBRENATURAL



MUNGEMA

Ritos do povo Lega
REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

Cada aldeia lega tem uma sociedade iniciática chamada *Bwami*, organizada numa hierarquia complexa, em que homens e mulheres progridem de acordo com seus conhecimentos e ritos de iniciação. Esses saberes são transmitidos oralmente por meio de ensinamentos poéticos de canções secretas, acompanhadas por figuras e máscaras de forte carga simbólica. Perfumadas e pintadas de argila branca antes de serem exibidas, essas peças podem representar pessoas (Mungema, por exemplo, é o homem que grita em banquetes), provérbios e lendas. Cada máscara é guardada por seu dono e revela a posição dele nos estágios da sociedade *Bwami*. Quando um membro morre, suas figuras rituais são preservadas e transmitidas por gerações, provando a importância da ancestralidade para os Lega.

Coleção particular

PODER

SIDHA KARYA

Wayang Topeng [Teatro de máscaras tradicional javanês]
INDONÉSIA

A versão balinesa do teatro de máscaras *Wayang Topeng*, originário da ilha de Java, conta com um personagem ao mesmo tempo irreverente e sagrado para a tradição hinduísta local. Sidha Karya (“aquele que pode fazer o trabalho”) é retratado como um senhor de idade avançada, mas engajado numa performance forte e hipnótica, geralmente a última do espetáculo. Sua presença é ansiosamente aguardada pelas crianças, porque ele costuma invadir a plateia para correr atrás delas, às vezes oferecendo brindes aos pequenos. Em seguida, Sidha Karya abençoa o público, afugentando os espíritos malignos e reforçando o caráter religioso da apresentação. Eventualmente, o personagem participa também de outros ritos sagrados balineses, como cerimônias de casamento ou cremação.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
TRANSGRESSÃO + PODER + SOBRENATURAL



OKINA

Bidou Yamaguchi [Artista contemporâneo]
JAPÃO

A peça mais antiga do repertório do Teatro Nô, provavelmente datada do século X, Okina não tem enredo ou personagens bem definidos: cruza a fronteira entre uma peça teatral e uma cerimônia sagrada, encenada apenas em ocasiões especiais. Os atores dançam, representando figuras divinas, e entoam preces pedindo paz, fertilidade e longevidade. O ator que representa Okina passa por ritos de purificação antes do início do espetáculo, e só veste a máscara depois de expor o próprio rosto no palco. Uma vez iniciada a apresentação, é seguida uma liturgia que proíbe o público de entrar ou sair. Na antessala do cenário, há um altar com oferendas, como saquê e uma caixa contendo todas as máscaras usadas na peça. Para confeccionar este exemplar, o artista Bidou Yamaguchi escolheu materiais que simbolizassem a solenidade da máscara, como o tradicional cipreste japonês, associados a materiais alternativos, como cânhamo, em referência ao caráter etéreo do ritual.

Acervo Target Corporation, Minneapolis
SOBRENATURAL



CARETO STEAMPUNK

Miguel Moreira e Silva [Artista contemporâneo]
PORTUGAL

No português falado em Portugal, “careto” significa “sujeito mascarado”, tema recorrente na obra de Miguel Moreira e Silva, artista residente do Museu Ibérico da Máscara e do Traje, em Bragança. Nesta criação, ele se inspirou no conceito de *steampunk*, uma vertente da ficção científica, conhecida por transpor artefatos altamente tecnológicos para a era vitoriana, no auge da Revolução Industrial britânica. Bem representado pela literatura do francês Júlio Verne, que imaginou aventuras em geringonças que só passaram a existir décadas depois, o estilo *steampunk* foi adotado por fãs de narrativas fantásticas que frequentam eventos de *cosplay*. No contexto da obra de Moreira e Silva, Careto *Steampunk* reúne as principais características do estilo: a referência a uma tecnologia complexa (com válvulas e engrenagens típicas da maquinaria a vapor do século XIX), mas ainda mecânica, conjugando o novo e o antigo, o moderno e o obsoleto, num só objeto.

Acervo Miguel Moreira e Silva
HIBRIDISMO

SHIVA

Dança Chhau de Saraikela
ÍNDIA

Na trindade sagrada do hinduísmo, o deus Shiva é um dançarino cósmico que dá ritmo à destruição e à recriação da vida. Seu terceiro olho, na testa, é símbolo de sabedoria, mas costuma se manter fechado porque, quando se abre, tem o poder de queimar tudo à sua frente. Ora chamado de *destruidor*, ora de *transformador*, dele dependem os ciclos de renovação do universo, criado por Brahma e preservado por Vishnu. Usada em várias festividades sagradas, em diferentes regiões do mundo onde há comunidades hinduístas, a máscara de Shiva pode assumir feições agressivas ou serenas. Este último é o caso da peça exposta, confeccionada no estilo da tradicional Dança Chhau: um rito praticado em Saraikela, distrito situado no nordeste do território indiano, que envolve a fabricação de instrumentos e máscaras em homenagem aos principais deuses do panteão hinduísta.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
CRIAÇÃO + PODER + SOBRENATURAL + SABEDORIA + MORTE



NANÃ

Candomblé
BRASIL

O Deus Supremo Olorum encarregou Oxalá, o orixá Criador, de fazer o mundo e os seres humanos. Oxalá tentou fazer o homem com ar, e o homem desvaneceu. Tentou fazer com fogo, e o homem se consumiu. Tentou madeira, pedra, água, azeite, até vinho de palma, nada funcionou. Até que recebeu a ajuda de Nanã, orixá das chuvas, dos manguês e pântanos. Do fundo de um lago, ela retirou a lama que Oxalá usou para moldar o homem, e que Olorum soprou para lhe dar a alma. Mas Nanã exige de volta a matéria que emprestou ao homem: quando ele morre, seu corpo retorna à terra. Adornada de palhas e conchas, elementos da terra e das águas, a coroa de Nanã presta homenagem à mais velha dos orixás, guardiã dos grãos e do portal de entrada e saída das almas, representada como uma Grande Mãe Terra, semelhante à deusa Gaia na mitologia grega.

Coleção particular

CRIAÇÃO + PODER + SOBRENATURAL + SABEDORIA + MORTE



DIAO CHAN

Teatro Dixi [Ópera ritualística da província de Guizhou, que exalta as proezas de figuras históricas, consideradas abençoadas]
CHINA

Dona de beleza inigualável, Diao Chan foi criada como filha pelo ministro Wang Yun. Ele se preocupava com o destino da dinastia Han sob o domínio de Dong Zhuo, tirano praticamente inatingível, por ter como guarda-costas o guerreiro invicto Lü Bu. A fim de ajudar o pai adotivo, Diao Chan participa de um plano para derrubar Dong Zhuo e Lü Bu, voltando um contra o outro. Primeiro, o ministro oferece a mão da filha ao guerreiro, que logo se alegra com a ideia. Em seguida, oferece-a como concubina para o soberano, que também aceita a proposta. Sempre que pode, Diao Chan reclama para um que tem sido cortejada pelo outro. Até que os dois se engajam numa disputa física, em que Lü Bu acaba matando Dong Zhuo. Esta é a trama do clássico *Romance dos três reinos*, escrito por Luo Guanzhong no século XIV e depois adaptado para o Teatro Dixi. Ninguém sabe se Diao Chan de fato existiu, mas sua coragem é exaltada até hoje nas apresentações, que misturam fatos históricos a elementos religiosos e sagrados.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa
SEXUALIDADE + PODER + JUSTIÇA



KORE

Ritos do povo Bamana
MALI

Embora a maioria dos Bamana sejam hoje adeptos do Islã, muitos ainda cultuam seus ancestrais, frequentemente representados por figuras sagradas de animais ou que misturem traços humanos e animais. Esses cultos têm relação com uma sociedade fortemente hierarquizada não só em castas, mas em seis grupos etários: *N'domo*, *Komo*, *Tyi*, *Wara*, *Nama* e *Kore*. O primeiro grupo, *N'domo*, é aberto a crianças antes da circuncisão, que devem aprender sobre a origem do homem e seu status na sociedade. No rito de passagem para o próximo nível, um representante do último grupo, *Kore* (usuário do estilo da máscara exposta aqui), cumpre o papel de julgar quem está apto a se elevar de grau, com a circuncisão. Marcados por cortes, sacrifícios e testes de coragem, tais ritos Bamana deixam clara uma dimensão presente nos ritos de passagem em geral: é preciso que algo morra, para que algo nasça. E esse processo é simbolizado pelo sangue, pela dor e pelas demonstrações públicas de força.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

HIBRIDISMO + PODER + SOBRENATURAL + MORTE



TCHIWARA

Ritos do povo Bambara

MALI

Para o povo Bambara, o antílope representa o espírito de Tchiwara, o animal selvagem da agricultura, considerada uma ocupação nobre e essencial. Os Bambara se organizam em aldeias rodeadas de áreas cultivadas por grupos familiares cooperativos, chamados *flankuru*. Anexada a um suporte de vime, a peça aqui exposta é usada como adorno de cabeça por jovens do *flankuru*. Em ritos que celebram o plantio e a colheita, eles dançam aos pares (uns com máscaras femininas, outros com masculinas), imitando antílopes. A organização social dos Bambara envolve seis sociedades iniciáticas, que um homem atravessa até alcançar o nível máximo de compreensão da sabedoria ancestral. Cada rito de iniciação numa nova sociedade é acompanhado pelo uso de máscaras, geralmente de animais, sendo a de antílope pertencente ao penúltimo nível. O fato de retratar uma fêmea carregando o filhote sugere a ideia de fertilidade, envolvida no rito de fecundação do solo.

Coleção particular

CRIAÇÃO + SEXUALIDADE + SOBRENATURAL



PANJI

Wayang Topeng [Teatro de máscaras tradicional da ilha de Java]

INDONÉSIA

Na véspera de seu casamento com a princesa Candra Kirana, o príncipe Panji descobre que a noiva desapareceu. Outra mulher se apresenta dizendo ser Candra, afirmando estar diferente por ter tido a aparência mudada pela deusa da morte. O feitiço, segundo ela, seria quebrado com o casamento. Exilada na floresta, contudo, a verdadeira princesa é orientada pelos deuses a se disfarçar de homem e voltar ao palácio. Sem conseguir retornar, ela envia uma mensagem ao noivo, avisando que a falsa noiva é um perigoso demônio feminino. Depois de executá-la, o príncipe sai em busca da amada, iniciando uma jornada de grandes aventuras. A façanha culmina numa batalha em que Panji e seu exército lutam contra os soldados de Candra, ainda disfarçada de homem, transformada em rei de Bali. Quando estão prestes a se matar, os amantes se reconhecem, num belo final feliz. Escritos no século XIII, os contos de Panji foram reescritos por vários autores à medida que se espalhavam pela Indonésia e por países próximos, como Vietnã e Tailândia.

Coleção particular

PODER + JUSTIÇA

HANNIBAL LECTER

Halloween [Dia das Bruxas]

ESTADOS UNIDOS

No longa-metragem *O silêncio dos inocentes* (dir.: Jonathan Demme, EUA, 1991), Hannibal Lecter é um brilhante psiquiatra e, ao mesmo tempo, um *serial killer* canibal, que precisa ter a mandíbula contida por uma focinheira sinistra. Sua máscara se destina a frear não apenas o apetite animalesco do assassino, mas o perigo de suas palavras manipuladoras. Mais do que devorar a carne das vítimas, Lecter se delicia ao devorar suas mentes, daí o interesse suscitado por sua máscara, convertida em adereço de festas de Halloween.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + PODER + SABEDORIA + MORTE

BAUTA

Carnaval de Veneza

ITÁLIA

A *Bauta*, a máscara mais usada do carnaval veneziano, se tornou popular entre os séculos XVII e XVIII. Associada a uma capa e um chapéu preto triangular, ela compõe uma figura aristocrática, reforçada pelo fato de a máscara distorcer a voz do mascarado, tornando-a mais altiva e imponente. Mas a fantasia é adotada por ricos e pobres, representando o próprio espírito do Carnaval de Veneza, em que nobres e plebeus podem brincar lado a lado. Batizada a partir do verbo alemão *be-hüten*, que significa “proteger” ou “resguardar”, a *Bauta* preserva a identidade de quem a veste, cobrindo todo o rosto, mas deixando a boca livre para beber e comer à vontade. Marcado por jogos e excessos, o Carnaval de Veneza foi proibido em 1797 por Napoleão Bonaparte, quando ele ocupou a cidade. Quase dois séculos depois, em 1979, a tradição foi reavivada, recuperando suas máscaras mais emblemáticas, associadas à indumentária do século XVIII.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + PODER

YANGBAN

Ritos budistas coreanos

COREIAS

Na região sul-coreana de Yangju é mantida a tradição da Dança Sande, um rito de máscaras com influências budistas e pitadas de humor, que pretende não só entreter as plateias, mas também afastar os demônios e pedir aos deuses que promovam a paz e a felicidade. Entre os personagens típicos da dança está Yangban, um dos dois aristocratas metidos a poetas que, acompanhados pelo servo Maltugi, dão vida a um dos enredos mais conhecidos do repertório sande. Depois de escreverem rimas, os aristocratas discutem com um sábio, cada qual insistindo que seu poema é melhor do que os poemas dos outros dois. Quando chega um policial e pede a Maltugi que lhe aponte um ladrão, o servo denuncia o sábio, sob a acusação de larápio do saber alheio. Tratando com ironia a superioridade da inteligência prática sobre o conhecimento erudito, a trama também faz parte do repertório cultural de regiões norte-coreanas como Pongsan, mas sua apresentação atualmente é proibida pelo governo comunista.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa

PODER



ROSTO DE MULHER (MFON)

Ritos do povo Anang

NIGÉRIA

As máscaras produzidas pelo povo Anang são propriedade do *Ekpo*, uma associação de homens responsável pelo culto aos ancestrais. Após a colheita de inhame, os Anang dançam para manter a ordem social, evocando os espíritos dos antepassados representados nas máscaras. Assim como os espíritos, as máscaras podem ser de dois tipos. Algumas têm traços grotescos (*Idiok*) e são consideradas perigosas, portanto só podem ser vistas por membros do *Ekpo*. Outras têm traços belos e harmoniosos (*Mfon*), podendo ser admiradas por todos os Anang, como é o caso do Rosto de Mulher exposto aqui.

Coleção particular

SOBRENATURAL

GARUDA (KARURA)

Teatro Gigaku [Teatro mudo, envolvendo música, mímica e dança, importado da China para o Japão entre os séculos VI e VIII, e revisitado atualmente]

JAPÃO

Figura recorrente em diversas mitologias asiáticas, originária de antigos mitos assírios, Garuda é uma grande águia solar, que serve de montaria para o deus Vishnu (na mitologia hindu) ou para o Buda (na mitologia budista presente no Teatro Gigaku). Inimigo dos Nagas, clã de serpentes que aprisionaram sua mãe, Garuda enfrentou deuses e dragões para roubar a água da imortalidade, exigência das serpentes para libertar a refém. Mas depois que ele a resgatou, os deuses recuperaram a água, derrotando os Nagas. Ícone de coragem e poder, Garuda é frequentemente representado subjugando uma serpente entre suas garras. A dualidade entre a águia e a serpente, um animal que voa e outro que rasteja, também simboliza a dualidade entre o céu e a terra.

Acervo Media Art League, Tóquio, Nova York, Toronto

HIBRIDISMO + PODER + SOBRENATURAL



RANRYO

Dança Bugaku [Estilo tradicional de dança de máscaras importado da China no século VIII]

JAPÃO

Era uma vez um jovem príncipe chinês dotado de um rosto tão sedutor que, ao lutar, ele entrava no campo de batalha usando uma máscara que inspirasse terror. Seu intuito não era apenas apavorar os inimigos, mas também evitar que seus próprios aliados se distraíssem com tamanha beleza. Esta é a história do príncipe Lanling (Ranryo, em japonês), datada do século VI, que serve de inspiração para uma das coreografias típicas da Dança Bugaku, cultivada somente pelos nobres nas cortes japonesas por mais de mil anos, antes de ser popularizada na segunda metade do século XX. Com suas máscaras sofisticadas, os dançarinos encarnam pássaros, dragões e outros seres naturais ou sobrenaturais, em movimentos lentos, precisos e elegantes, encenando batalhas lendárias ou encontros entre personagens míticos, muitas vezes influenciados por elementos da cosmologia budista.

Fundação Oriente / Museu do Oriente, Coleção Kwok On, Lisboa

PODER + SOBRENATURAL

MEDICO DELLA PESTE / DOTTORE

Carnaval de Veneza / Commedia dell'Arte

ITÁLIA

Desde o século XIV, há registros de máscaras usadas por médicos durante as epidemias de peste na Europa. Uma das máscaras mais frequentes funcionava como uma espécie de respirador: tinha duas aberturas para os olhos, cobertas por lentes de vidro, dois orifícios para o nariz e um grande bico curvo. Dentro do bico se colocava uma esponja embebida de vinagre ou um punhado de substâncias perfumadas, como lavanda, tomilho, hortelã ou cravo. O objetivo era afastar os odores fétidos exalados pelos doentes (considerados a causa desencadeante das epidemias), preservando o médico das infecções. A imagem de um doutor mascarado como um grotesco pássaro gigante, associada às ideias da doença e da morte, alimentou o imaginário popular. A máscara do *Medico della Peste* foi adotada pelos foliões do Carnaval de Veneza e pelas apresentações da *Commedia dell'Arte*, uma tradição do teatro popular de rua originária do século XVI, em que o personagem era mais conhecido como *Dottore* ou Graziano, um velho rico, avarento e charlatão, metido a intelectual.

Coleção particular

SABEDORIA + MORTE



MÁSCARA ANTROPOZOOMORFA

Ritos do povo Dan

COSTA DO MARFIM

Nas aldeias do povo Dan, as sociedades iniciáticas são responsáveis por manter a ordem e as práticas rituais, controlando a confecção e o uso de máscaras de diversos tipos, que servem como intermediárias entre o mundo natural e o sobrenatural. Adornada por um longo bico, marcando um híbrido entre o rosto humano e o de um pássaro, a peça em exposição pode pertencer à categoria *Bagle*, usada por mascarados que dançam acompanhados por um coro musical. Mas também pode pertencer à categoria *Gunyege*, típica de mascarados que disputam corridas, ou à *Zakpege*, de mascarados que atuam em prevenção a incêndios. Possibilidades que denotam a dificuldade de se ter certeza da função de uma máscara dan por sua mera aparência, isolada do contexto ritual.

Coleção particular

HIBRIDISMO + PODER + SOBRENATURAL

SAMURAI

Patrimônio da cultura japonesa [Armadura facial usada na Guerra Boshin (1868-1869), marco histórico do declínio da cultura samurai]

JAPÃO

A palavra *samurai* (que significa “aquele que serve”) nomeia uma classe especial de guerreiros praticamente invencíveis, leais a senhores de terras no Japão medieval. Mantinham um rígido código de conduta, pautado pela disciplina e pelo domínio das artes marciais e das armas brancas. Se caíam em desonra, praticavam um suicídio lento e doloroso, apunhalando o próprio ventre, o que os tornou ícones atemporais de coragem e dignidade. Na cidade de São Paulo, metrópole com maior número de japoneses fora do Japão, o Dia do Samurai é celebrado a cada 24 de abril.

Acervo Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, São Paulo

JUSTIÇA + PODER + SABEDORIA



HOMEM DE FERRO

Cosplay [Do inglês costume + play: convenções de fãs que se fantasiam como personagens de filmes, séries e games]

ESTADOS UNIDOS

Criado para os quadrinhos em 1963, pelo escritor Stan Lee, o Homem de Ferro é a identidade assumida pelo bilionário Tony Stark. Cientista e empresário genial, Stark perdeu os pais num acidente e, aos 21 anos, herdou toda a fortuna deles, que passou a investir em suas pesquisas e invenções. Durante a guerra do Vietnã, ele foi atingido por estilhaços de uma granada que se alojaram perto do coração. Ferido e aprisionado, se viu obrigado pelo vilão Wong Chu a inventar uma poderosa máquina de guerra. Mas, às escondidas, inventou uma armadura que devolveu sua saúde e sua liberdade. Desde então, o Homem de Ferro vem aprimorando sua armadura, dotada de uma superforça e capaz de voar e de lançar raios com as mãos. Seus maiores inimigos são líderes ou espões comunistas, remetendo ao contexto da Guerra Fria que marcou o imaginário cultural de muitos países na segunda metade do século XX.

Coleção particular

JUSTIÇA + PODER

BATMAN

Cosplay [Do inglês *costume* + *play*: convenções de fãs que se fantasiam como personagens de filmes, séries e games]
ESTADOS UNIDOS

O magnata Bruce Wayne guarda um segredo de infância: desde que presenciou o assassinato dos pais, jurou se vingar dos criminosos e defender Gotham City de todo tipo de injustiça. Fez do preto o símbolo do seu luto na figura sombria do Cavaleiro das Trevas, que não tem superpoderes, então usa a inteligência para provocar o medo dos oponentes. Como um pai justo e protetor, embora ameaçador, o Homem-Morcego se apresenta no limite entre o herói e o vilão. Inspirado no animal que dorme de dia e se desloca de noite, simboliza as forças ocultas na escuridão das cavernas e subterrâneos.

Coleção particular

TRANSGRESSÃO + JUSTIÇA + PODER



DIABO

Competição anual de máscaras de Teloloapan
MÉXICO

A cada dia 16 de setembro, o município de Teloloapan, no estado mexicano de Guerrero, aplaude o tradicional desfile dos diabos, participantes da competição anual de máscaras da cidade. Em frente ao Palácio Municipal, cerca de vinte ou trinta competidores exibem suas máscaras, em geral bastante elaboradas, com uma proliferação de chifres de diferentes cores e tamanhos, disputando o título de máscara mais grotesca do ano. Perdendo ou ganhando, os *diablos* percorrem as ruas em grupo durante as tardes da semana seguinte, entre uivos e grunhidos, afugentando as crianças com o estalido dos seus chicotes. Reza a lenda que, nos últimos meses da guerra pela independência do México, em 1821, alguns insurgentes se fantasiaram de diabos para afugentar os soldados espanhóis, que acreditaram no boato de que demônios assombravam terras próximas a Teloloapan. Por isso, os *diablos* se fazem presentes a cada 16 de setembro, dia da festa de independência mexicana, celebrando este ato subversivo e libertário.

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas

TRANSGRESSÃO + SOBRENATURAL

HOMEM-ARANHA

Cosplay [Do inglês *costume* + *play*: convenções de fãs que se fantasiam como personagens de filmes, séries e games]
ESTADOS UNIDOS

Após ser picado por uma aranha radioativa num laboratório nuclear, o estudante Peter Parker se deslumbrou ao perceber que havia adquirido uma série de poderes aracnídeos, como a capacidade de andar pelas paredes e de produzir resistentes e flexíveis fios de teia. O assassinato de seu tio Ben, que o criou como um filho, levou Peter a assumir a *persona* do Homem-Aranha, na luta contra o crime em Nova York. Artesã por instinto e natureza, tecendo sua teia com a substância do próprio corpo, a aranha é personagem de diversas mitologias. Na lenda grega, é a forma assumida, como castigo, pela tecelã Aracne, que tentou se provar mais habilidosa do que a deusa Atena. Entre alguns povos africanos e micronésios, a aranha é um deus primordial, que criou inclusive o homem. No mundo ocidental contemporâneo, a simbologia da teia, com suas múltiplas conexões, inspirou o nome da rede mundial de computadores, batizada de World Wide Web (www): a teia que tem a amplitude do mundo.

Coleção particular

JUSTIÇA + PODER



EPA

Ritos do povo Ekiti-Iorubá
NIGÉRIA

As máscaras *Epa*, do povo que compõe a região Ekiti, no território iorubá da Nigéria, costumam exaltar papéis gloriosos dentro da comunidade, valorizando a autoridade daqueles que os desempenham, assim como os antepassados que já os desempenharam. Guerreiros, caçadores e sacerdotes, ou ainda mães e anciãos podem ser homenageados junto a um espírito ancestral, os primeiros geralmente de olhos abertos, enxergando o mundo físico dos vivos, e o segundo geralmente de olhos fechados, em sinal de sua existência metafísica. Eventualmente são incluídas representações de equestres, em honra à figura do herói conquistador, numa história turbulenta de disputas e invasões. Usadas em diversas cerimônias, de ritos de passagem a ritos de adoração a deuses, as máscaras *Epa* costumam provocar uma presença imponente. Cada uma pode pesar mais de 20 kg, de modo que o seu uso já consiste num teste de força e resistência, até porque alguns ritos chegam a durar três dias, envolvendo danças performáticas e saltos desafiadores.

Coleção Ivani e Jorge Yunes

PODER + SOBRENATURAL

TAMOKÓ

Ritos do povo Wayana
BRASIL

Os Wayana habitam a região da fronteira do Pará com o Suriname e a Guiana Francesa. Segundo sua mitologia, alguns homens saíram para caçar e, enquanto esperavam a caça escondidos, avistaram um grupo de Tamokós, espíritos sobrenaturais que se parecem com gente, comendo frutinhas do mato. Um dos homens flechou o menor dos Tamokós. Os demais caçadores fugiram, mas foram avistados por outro Tamokó, que os seguiu até a aldeia e, por vingança, devorou um indígena. O espírito avisou que, se fossem provocados novamente, os Tamokós voltariam para destruir todas as malocas. Mas se fossem amansados com cantos e danças, não deixariam nada de mal acontecer à aldeia. Então, um pajé cantou e dançou, selando a amizade entre os Tamokós e os Wayana. Por isso, antes da construção de uma nova maloca, os Wayana realizam uma Festa da Cumeeira, com homens cantando, dançando e usando máscaras de Tamokós.

Acervo Museu do Índio, Rio de Janeiro

SOBRENATURAL



AYA UMA

Inti Raymi [Festival religioso em homenagem a Inti, o Deus-Sol dos Incas]
EQUADOR

A cada solstício de inverno, a celebração do *Inti Raymi*, a festa mais importante da cultura andina, tem como protagonista a figura de Aya Uma (“cabeça de espírito”, na língua quíchua), que toma a frente das danças de agradecimento a Pachamama, a Mãe Terra inca, por mais um ciclo de colheitas. Erroneamente concebido como um demônio, por influência dos exploradores católicos que o consideravam uma mera superstição, Aya Uma é um guia espiritual que ajuda a manter a ordem cósmica, porque é capaz de concentrar as energias de Pachamama. A máscara de frente e verso simboliza o futuro que está por vir e o passado que ficou para trás, mas sua composição de bordados ou remendos também representa o desmembramento da cultura local após a chegada dos espanhóis. Numa das mãos, Aya Uma segura um chicote, símbolo de cura, poder e autoridade, o que o torna um ícone da resistência indígena à aculturação europeia.

Acervo Fundação Memorial da América Latina, São Paulo

PODER + SOBRENATURAL

DIABO

Xantolo [Festa de Todos os Santos, celebrada em Huasteca no Dia dos Mortos]
MÉXICO

Na região mexicana de Huasteca Potosina, o evento mais celebrado do ano é a Festa de Todos os Santos, chamada *Xantolo* por uma distorção do latim *Festum Omnium Sanctorum*. Fruto de uma mescla de raízes cristãs e pré-colombianas, a celebração acontece entre 30 de outubro e 2 de novembro, junto com o Dia dos Mortos. Uma das cerimônias mais importantes da festa é o desfile de *comparsas*: blocos de mascarados que saem pelas ruas cantando e dançando. Numa das danças, um folião com máscara de diabo estala o chicote no chão, abrindo o portal entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, e tentando carregar os vivos para o outro lado, mas sua antagonista, a *Santa Muerte*, está lá para impedir. Ao final, os mascarados se despem de seus papéis, entregando as máscaras a um Patriarca, que faz uma limpeza para “remover o morto” do corpo de cada um deles.

Acervo Museo Rafael Coronel, Zacatecas
SOBRENATURAL + MORTE



DIABO

Diablada
BOLÍVIA

A *Diablada*, ou *Danza de Diablos*, é protagonizada por dançarinos que usam máscaras demoníacas, misturando referências do catolicismo e de religiões cultivadas por povos pré-colombianos que habitavam os Andes. Para evangelizar os Aimará, por exemplo, os padres espanhóis decidiram sobrepôr os conceitos de Céu e Inferno aos conceitos de Alajpacha e Ukupacha, associando o diabo à figura de Anchanchu, o dono das minas que habita o mundo inferior. Mas a cosmovisão andina não permite a concepção de um Ukupacha totalmente ruim, muito menos de um Anchanchu totalmente malvado. Deste modo, ele se converteu num ser engraçado e brincalhão, que deixou sua influência sobre a diversidade de representações demoníacas que dá forma às máscaras da *Diablada*. A dança ganha especial importância no Carnaval de Oruro (Bolívia), onde teve origem, mas também na *Fiesta de La Candelaria* (Peru) e na *Fiesta de La Tirana* (Chile), sendo sua identidade patrimonial disputada entre os três países.

Acervo Memorial da América Latina, São Paulo
SOBRENATURAL

ENGLISH TEXTS



Santander Cultural invites you to a tour of the cultures of all the continents of the world by way of the exhibition **ETNOS—Faces of Diversity**. The exhibit features 165 masks that express a multiplicity of facial representations as an instrument of recognizing human identity.

In composing this project, curator Marcello Dantas used an emblematic phrase from Joseph Campbell as a starting point: “Myths are public dreams, dreams are private myths.” Mythologist, writer, lecturer and university professor, Campbell spent his career ruminating on the myths of various world cultures, and established similarities and connections between many of their cycles of transformation.

Proposing a vertical immersion in this world of similarities and differences, the pieces selected for the exhibition range from ritualistic African masks to garments used in Japanese Noh Theater, and also include costumes worn in the Carnivals of Venice and Colombia, pieces from Korean and Japanese cultures, Chinese and indigenous apparel, and cosplay outfits inspired by movies and pop culture.

By helping us consider that masks grant us the possibility of speaking a universal language that doesn’t depend on idioms, this exhibition invites us to reflect on the existence of non-verbal communication established primordially through symbols. The sensation of mystery and enchanted provided by the evidence of a language capable of prescinding speech deconstructs previously held concepts and convictions and stimulates us to formulate questions which can lead to a variety of distinct answers.

ETNOS—Faces of Diversity reinforces our commitment to further encourage the formation of a qualified public capable of reflecting on different cultural and aesthetic manifestations. An attentive and curious eye on the multiplicity of expressions that human beings have engaged in producing from ancient times down to the present has lead us to develop this singular project which we now deliver, first hand, to the public of Rio Grande do Sul.

MARCOS MADUREIRA
President Santander Cultural



ETNOS

FACES OF DIVERSITY

MARCELLO DANTAS CURATOR

“Myths are public dreams, dreams are private myths.”
Joseph Campbell

What differentiates one ethnicity from another are not bodies, nor a longing for happiness, not even the instinct for life and love. What differentiates one ethnicity from another are visions of the world, their cultures, and there is a shortcut for capturing them. In practically all ethnic groups, we find the use of facial artifacts: masks, adornments or paintings. They reference power, transgression, anonymity, sexuality, knowledge, war, humor, demons, death. Masks carry symbols of who we are and what we want to incorporate by donning them. The first found models date from over 9000 years ago. They are one of mankind’s most creative ancestral manifestations, and, curiously, they were manifested all over the world in an autochthonous manner, without any ripple effect of influence. Masks are the oldest evidence of our desire to transcend and connect with a mythical dimension.

The idea of **ETNOS** is to use masks as a means of recognizing the cultural diversity with which we currently coexist on the planet and, at the same time, to identify, amidst such difference, something that is shared in our human essence—a proposal as challenging as it is subtle. One inspiration is the approach taken by mythologist Joseph Campbell, author of *The Power of Myth* and *The Hero with a Thousand Faces*, to the role that these instruments play in the experience of myths (something akin to images in the collective unconscious). Campbell reveals to us that there is a mythical unity in the exterior diversity, as if, through distinct doors, we are able to arrive at the same mythical Olympus. Masks are the passports for boarding these flights.

With this reading on the horizon, we present an extensive collection of pieces that are currently used: from ritualistic African masks to those worn in Japanese Noh Theater, from the artifacts of the Carnival of Venice and Colombia to pieces from Korea, China and Amerindian cultures. Juxtaposed to these remote trajectories in time, we also have fetish masks, those of contemporary outsiders and several that have origins in popular culture, from movies to cosplay events. The premise is that they participate in living rituals in the contemporary world—in the most ample sense of what today can be recognized as ritual. This diversity exists within contemporary time, which is simultaneous—in the succession of time, it presents no challenge at all.

For various reasons, modern urban life has deprived itself of much of the rituals that once connected individuals to their groups of origin. The presentation of a child to society, initiation into adult life, marriage, death, collective farm work, the cycles of nature: nothing, or very little, is left of the symbolic roles exercised on these occasions. In contrast to this lack of meaning, new rituals have begun to emerge in recent decades, such as different forms of role playing and symbolic uses in the mass media, like superheroes, the resurgence of the rites of Carnival and other pagan festivals, in addition to many modes of group communion at a distance in the digital world—for example, the use of masks on social networks. Ritual masks are proliferating.

The mask also has the fundamental virtue of hiding the face of he or she who wears it. In the digital age, the relationship between mask and identity takes on more complexity. With facial recognition and artificial intelligence, faces are read like sets of data that differentiate each individual, a permanent recognition that abolishes anonymity and revises the meaning of privacy. Behind each one of these objects resides the only private space left for us, the tiny space in between a face and a mask. In this context, the simple act of donning a mask can be subversive – a symbol of revolt and non-conformity. The artifact becomes a weapon, a resource to break imposed control, detached from personal consent. In over 20 countries in Europe, the Americas and Oceania, it is already illegal to wear masks at public demonstrations. Beyond mere anonymity, the symbolism of the mask activate deep fears: a masked individual in an airport today represents a threat as imminent as a bomb. Our imagination is occupied by a number of recent, brutal acts related to the figure of the executioner, members of extremist groups like the Black September Organization, the Ku Klux Klan and Jihadi John of the Islamic State and their broadcasted executions. The mask empowers individuals, liberating them from potential chains and connecting them to ideas that can lead them to commit atrocities.

The world of cinema met the world of masks in 1898—just three years after the Lumière brothers’ invention, with the first ethnographic image in motion—, never again to separate. Alfred Cort Haddon, author of the pioneering recordings, brought a camera to the Torres Strait in Papua New Guinea, and immortalized the act of aborigines bearing masks in a ritual. This movie is one of the gems of the research for this exhibition. This symbol became universal in the media culture and shaped a new shared language, with manifestations produced and consumed around the globe. Movies and masks crossed paths at this moment and have remained together ever since. Heroes, superheroes and villains emerged, preciously masked to characterize the myth that they wished to invoke. The history of cinema in the 20th century updated the narrative of masks, the masked and unmasking.

Masks also incarnate rites in pop music, with such artists as Daft Punk, Björk, Kiss and Gorillaz who have found in them a way to transit between the world of pop and the creation of codes evoked by their music, though not simulated by their faces.

Visual artists like Pascale Marthine Thayou, Miguel Moreira e Silva, Beau Dick and Pierre Huyghe also made use of the mask as creative artifice, conjuring a reinterpretation of myths through contemporary optics, and understanding the mask as an agent that can translate, like few others, the power that a work can have over those drawn to it. Huyghe's film *Untitled (Human Mask)* shows the transformative power that a Noh Theater mask exerts over a monkey, which, when wearing it, incorporates human gestures and behaviors that challenge our understanding of what a simian is.

But what is there in each piece in the heterogeneous set gathered in **ETNOS** that might be capable of interconnecting any and every culture? The masks show a path toward recognizing the human need to experience another state of consciousness and spirit, of exerting a power validated by their group. They are an artifice that humanity as a whole has found, no matter their origin on the planet or day-to-day reality. While, on the one hand, they allow for the incorporation of codes recognized by their culture of origin, the more diverse and miscegenated we become, the more we learn to react to these codes. This reaction certifies that diversity has become internalized in us.

We have come to understand that masks are omnipresent and they create a universal language among themselves. A language that does not depend on idioms and which allows is to communicate through symbols that had thus far not been universalized. The beauty of a non-verbal language like that of the masks is that it opens our minds to the formulation of questions to which we have no answers. The physical artifact is the evidence of this language. What exists in the subtle connection between these varied cultural manifestations is something that belongs only to human perception. **ETNOS** intends to show connections that allow us to understand ourselves within this new landscape where diversity unites us more than identity. Where what we do not know empowers us more than that which is familiar to us. Where questions without answers lead us to places that are much more interesting than the shallow knowledge of indexation.

Being human is not enough and the search for another dimension is something that has always manifested, no matter where. But in the present these searches are connected. Never has diversity been so visible to so many, and never before has the challenge and opportunity to coexist in a place so replete with symbols been so evident.

NOTAS

1. CAMPBELL, Joseph. *The Power of Myth*. Cambridge: Anchor, 1991.

2. CAMPBELL, Joseph. *The Hero with a Thousand Faces*. California: New World Library, 2003.

MASKS

ANCESTRALITIES IN CONSTRUCTION*

MARIA CATARINA DUNCAN INDEPENDENT CURATOR

Mirrors are filled with people.

The invisible see us.

The forgotten recall us.

When we see ourselves, we see them.

When we turn away, do they?

GALEANO, Eduardo. *Mirrors: Stories of Almost Everyone*. New York, Nation Books, 2010.

Each mask is one, and many; they are all and none at all. Each mask contains an intention, a destiny and a potential that surpass the physical limitations of matter to access symbolic spheres of representation and connection. The mask communicates by itself and also through us, enabling the creation of bridges of access between worlds, between subjectivities, between genders, between species. It is not limited to one character, one archetype or one artistic object; within the culture in which it exists, the mask can be understood as an instrument of learning, recollection and connection with history, cosmology, the political and ancestral characteristics of a certain group. We are talking about active subjects, not passive objects, and as such we will continue to refer to each mask as an instrument, considering its individuality and capacity to communicate.

By facing the lack of living eyes behind these faces, we can easily fall into the trap of objectification. We must remember that what makes it a living thing are not the eyes within it, but instead those outside it. These figures have no age; they might, be six months, or 600 years-old, since they are born again each time someone sees them. Seeing is not the same as looking. In order for us to see, it would be necessary to undergo an operation, being that there is a foreign body within us, a parasitical bacteria rooted in us for hundreds years now through what is known as colonization. As its very name indicates, this colony has infiltrated our thoughts. Our ways of seeing, listening, talking, thinking, making decisions, eating... We need to rid ourselves of colonial thought and uproot it; it will not be erased from existence, but now we are able to look at it with liberty from a distance. Just like when we fall ill and are later cured, it is not as our illness never existed—the past is not erased, but it should cease. The transformation of the cure takes place through the identification of the illness and, when we are cured, we can finally stop confusing subjects with objects and viewing the other as one.

The invasion of neighboring lands is as old as human history itself; confrontations and encounters that can take place in various manners, emerging out of a quintessentially human impulse. Whether in Asia, Africa, Europe or the Americas, one of the direct consequences of these processes of exchange or war is the destitution of the identities of oppressed peoples. Masks can be found as cultural, religious and political foundations in both ancient and contemporary societies all over the world and, consequently, they had to be removed, sacked and dislocated among the more recent colonizing regimes. Proof of this practice can be seen in the collections of the biggest ethnographic museums in Europe and the United States, which contain sacred masks from peoples all over the world as exotic objects. While some see them as curious objects, subjects are deprived of crucial parts of their essence. We need to view them with care in order to avoid repeating the mistakes that have disempowered peoples of their own cultures, a process of stripping, disinterest and annihilation of memory. The conception of Western conservation is not applicable to the objective of a mask, made to communicate; it is never stopped or separate from that which goes on around it. All the examples present in this exhibition are living, and this encounter of such diverse ancestral forces is necessary at this moment in time. The world seen through a mask is not static: these are active instruments, which belong to a long tradition of mutation. *Etnos* is a radical which confers meaning upon a certain situation. We have a lot to (un)learn.

In its use for resistance, the mask can be utilized as a weapon and a diversion. The Acupe Grimace was utilized by slaves in the region known as the Recôncavo baiano to frighten owners of the mills and farms, enabling escapes and fueling the belief that supernatural demons inhabited those lands. The Guy Fawkes masks, also known as the mask from *V for Vendetta*, was utilized as a symbol of the Gunpowder Plot, a planned revolt in late 18th century England, and is disseminated as anarchist icon that belongs to a horizontal global brain, with no defined leaders and in constant resistance against oppression, utilized in protests and boycotts of civil disobedience all over the world.

Masks are all the other faces we allow ourselves to be and, to be them, it is also necessary to allow the other to be. An encounter with the mask or the masked is an encounter with alterity, as Achille Mbembe writes in his book *Critique of Black Reason*: “to speak of one is, in reality, to evoke the other.”¹ When we speak of light, we evoke shadows, being that nothing could be if there were no otherness. In a “post-colonial” context, the problem of ethnic identity has to pass through politics. We live in a pathological society that diagnoses as foreign everything that can’t be understood by Western thought.

For the Dogon people, who lived in what is now modern day Mali, masks were utilized as instruments of the ancestral connection be-

tween the material and the spiritual, origin and finality, in rites of combat and the suspension of mourning. There is a specific language of masks, called *Sigi-So*, taught to all the men in the Dogon territory during their adolescence as a rite of initiation. For this population, the masks span worlds, and to continue with them beyond the rite is to continue on to another world and leave the Earth. Ancestrality is alive, it implies past lineages, but it can only exist in the present. Ancestralities are constantly being produced and can materialize through and based on the use of masks.

The interiority of an entire society is deformed in the eyes of the other, and, in order for us to overcome these contradictions, we must come up new conditions for coexistence. In the arrangement of the masks in this exhibition, there is no clarifying center that determines the otherness of everything surrounding it: we are talking about many centers, all of them unique, that continue to multiply. Each mask corresponds to its own unity, each one outlines its difference, but they all correspond to one nature. There are differences, it is true, and this is why it is necessary to coexist.

Based on a non-linear perspective of time in which everything is overlapping and interconnected, other dimensions inhabit the present, and perhaps the future is not so distant from the past. An individual transfigures into an animal, a superhero or an ancestor, thus able to cross over into worlds and circulate through other dimensions with the help of chants, words, prayers and rites. In the face of each, it is possible to glimpse distinct subjectivities, geographies, bodies, colors and scents, belonging to various times, which take place to this day. What songs are sung in order to awaken these beings? Which faces and bodies carry them? Who fears them? Who adores them? Who conquers them? What forces move them? What fictions materialize them?

All it takes to imagine is to be alive. Regardless of the context, the power is inherent and overflowing from bodies in contact with each of these masks. Representatives of their cultures, they communicate from distinct, but strangely familiar worlds and times. Faced with this power, the past becomes present, the future resembles the past and time is suspended so that a new connection is established between those who have passed on, those who are here and those soon to come.

In Brazil, *Cazumba* expresses symbolic references with origins in the Bantu people of West Africa who were enslaved over three centuries and whose resistance remains present in our culture, language and religion. *Cazumba* comes from the Kimbundu word *casumbi*, transformed here in Brazil into a central figure in the *Bumba meu boi* rites in Maranhão. Cazumba is neither human nor animal: it is something between magic and dream. The fusion of the spirits of both,

surrounded by magic and responsibilities, this spirit doesn’t belong to anyone, but nothing happens without it.

Almost none of the masks that we know of have an identified author, except for those produced more recently by people who recognize and call themselves artists. The anonymity of their creators makes it so they are recognized only by their homeland. The identification of the craftsmen and inventors of the masks is maintained as a secret, kept only by the creator and the creation. The necessity of imposing a signature on an object removes from it its autonomy, and it becomes the belonging of a single person, losing its individual identity of being in the world.

The variations in nomenclature surrounding an object are evidence of different conceptions of the world regarding what belongs to whom, and who creates what. The masks are not created by those who merely construct them, but an entire community: those who wear them, who manipulate them and who see them. In this sense, we are creators and witnesses, constantly giving birth to those who observe and share. New configurations of thought and knowledge are established and operate in the common imagination.

In almost all cultures and all eras, masks are agents that participate in our relationship with the unknown. Made of plaster, wood, metal fabric, plastic or what have you, their functions occupy a similar social space. They emerge from beliefs and basic necessities to incorporate aspects of praise and worship and as such envision other forms of life. As described by anthropologist Pedro Cesarino in an interview with Beatriz Labate, “it is as if our society, characterized by the hegemony of the sense of sight, sought more and more sensorial otherness in which “not seeing” is able to reveal “other forms of seeing.”² In this section, Cesarino describes the moment in which the actor lies in the hammock and dons the mask to understand, to be able to see more precisely, he is no longer seeing with eyes alone. In this way, he activates his senses to see beyond the physical body, to the soul. Western society promotes a culture in which you can only believe that which you see, giving greater weight to sight than any of the other senses. We need to learn how to see all over again, with the eyes on the inside.

When we mask something we hide, we create a new layer of understanding: we cover to discover. This is a moment in which human beings decide to personify that which they are not, in order to talk about precisely that which they are. Masks act as instruments in the construction of new narratives. In action, these artifacts dance and update the myth and the story, engaging people in an experience of present learning.

Cultural models also can be put into practice in a collective learning process through the use of the mask: this is what happens, for example, in the Greek theater starting in the fifth century BC. Actors utilized

masks to create narratives that protect them as individuals and allow their expressions to reach the vastness of the public. Having originated in the cults of Dionysius, in the theater, the masks enter in narrative action in performance and, aided by chants, activate the power of each character. Actors were known as those who possessed two faces—a term used pejoratively nowadays, but which, in certain instances, implies a power of dissimulation. The word “hypocrite” is derived from the Greek *hyporites*, which means actor.

The use of the mask necessarily implies an erasure, partial though it may be, of the person who wears it. This function of veiling and hiding also allows for a kind of protection, provided by anonymity. By preventing recognition, a form of immunity is guaranteed against that or those seen as evil. In the case of the Chinese dragon masks, their function is to drive away evil spirits.

The *balaclava*, for example, Russian in origin, was crafted in order to almost entirely cover the face during the Crimean War in 1854. It was adopted around the world by firemen to protect against fire, by skiers to protect against the cold and by police and military squads in order to avoid being identified. In Bolivia, boys and girls hide behind these masks, which have become symbols of the city and taken on several variations: there, the *balaclava* is used by shoeshiners in the streets of La Paz, known as “*lustra botas*,” who cover their faces to conceal their identities and protect the dignity of their family, being that their work is considered dirty.

Cultural differences become problematic when they produce judgment regarding masks, with intentions of classification, approval or denial. The conflict of explicit interpretations express the dangers of one single narrative. The mask guarantees protection against outside judgment, in addition to guaranteeing the possibility of seeing others without being seen by them.

Philosopher Jean-Paul Sartre used the metaphor of being able “to see without being seen” in 1948, when amplifying the voices of young black Francophone poets like Aimé Césaire and Léopold Senghor: “What did you expect to hear, when the noise that silenced the voices of black men was removed? [...]. When those heads, that our fathers forced to the ground, raised up, did you expect to find adoration in their eyes? In this anthology, black men are standing, they examine us; and I want you to feel, like me, the sensation of being seen. Considering that white men have, for 3000 years, taken advantage of the privilege of seeing without being seen.”³ With this metaphor centered on the power of the eye as colonial representation, Sartre was sending signals about the intolerable situation of colonization. In this text, he introduces the idea of globalization, a new perception about the planet we inhabit: in order for this way of seeing to exist, others must enter into collapse.

Masks are part of diverse social systems and are applied in various functions; their meanings depend on the fantasies, imagination and desire of their wearers. Life without memory or imagination is solitary; together we are one, stronger and more powerful in our songs and chants, between celebration and mourning, beginnings and ends. Their uses resemble, but are never exactly the same: the difference has to be recognized, accepted and transcended. Nowadays, the polarization of society is constantly advancing and hectoring us the desire for segregation has never been so overwhelming. We are running the risk of losing sight of that which we have in common: difference itself. This is why it is necessary to remember that uniformity is not the natural state of things: difference is probably the most profound structure that makes us human. There is a need to celebrate dissent, incomprehension, the multiplicity of time and cultural diversity. The world cannot be understood through one single language, one single history, one single god, one single myth. We are multitude. The human race has always held on to notions of frontier, physical or mental territorialization; we need to realize the abysses and schisms that allow for union, where it is possible let light in. In the words of Jota Mombaça, we need to “open up cracks in colonialism”⁴ to explore what happens when people come together, accepting their differences as points in common. We are heading down paths of contradiction.

We are here, together, understanding, through our bodies, the emergence of other forms of knowledge. This exhibition proposes the expansion of forms of constructing free identities and, as such, it is necessary to deconstruct fixed identities, question authenticities and de-generalize everything. Universal subjects are no longer admissible: identity is always a process and, as such, it cannot be rigid.

* Commissioned essay

NOTAS

1. MBEMBE, Achille. *Critique of Black Reason*. Duke University Press: Durhama and London, 2017, p. 79..
2. CESARINO, Pedro. Mito, Antropologia e Teatro: Entrevista com o antropólogo Pedro Cesarino. *Ponto urbe – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*. São Paulo, v. 7, p. 1-9, 2010.
3. SENGHOR, Léopold. *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*. Paris: PUF, 1976, p. 229.
4. MOMBAÇA, Jota. Episódios do Sul Não Existe o Pós-Colonial. Available at: <www.goethe.de/ins/br/lp/prj/eps/sob/pt16117914.htm />. Accessed on: July 28th 2018.

BIBLIOGRAFIA

BUENO, André P. *Cantos de máscaras no Nordeste brasileiro e na África Central e do Oeste: pistas para uma análise comparativa*. Revista MAE-USP 20, 2010.

BORGATTI, Jean M. *Likeness and beyond: Portraits from Africa and the World*: Centre for African Art, 1990.

CAMPBELL, Joseph. *As transformações do mito através do tempo*. Cultrix, 1992.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Paz Terra, 2018.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado: Pesquisas de antropologia política*. Cosac Naify, 2013.

DONATO, Hernâni. *Dicionário de Mitologia*. Editora Cultrix, 1982.

ESPEJO, Elvira (ed.). *Máscaras: Los diversos rostros del alma*. MUSEF Editores, 2014.

GALEANO, Eduardo. *Espejos*. Siglo Veintiuno editores, 2008.

GALEANO, Eduardo. *Mirrors: Stories of Almost Everyone*. New York, Nation Books, 2010.

GRIAULE, Marcel. *Masques dogon*. Musée de L’Homme. Institut d’Ethnologie, 1963.

LABATE, Beatriz; CESARINO, Pedro. Mito, Antropologia e Teatro: Entrevista com o antropólogo Pedro Cesarino. *Ponto urbe – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*. São Paulo, v. 7, p. 1-9, 2010.

MBEMBE, Achille. *A crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. Episódios do Sul. *Por que julgamos que a diferença seja um problema?* Goethe Institut, 2017.Available at: < <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/mag/20885952.html>/>. Accessed on: July 28th 2018.

MOMBAÇA, Jota. Episódios do Sul. Não Existe o Pós-Colonial, Goethe Institut, 2018. Available at: <www.goethe.de/ins/br/lp/prj/eps/sob/pt16117914.htm />. Accessed on: July 28th 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula G. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Almedina, 2010.

SARTRE, Jean-Paul (1948). *Orphée Noir. Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française* par Léopold Sédar Senghor. Paris: Gallimard, 1976).



WHEEL-HOOD (APAPAATAI)

Rites of the Waurá people

BRAZIL

Natives of the Alto Xingu region of Mato Grosso, the Waurá people show reverence to the *apapapaatai*, monstrous spirits capable of producing diseases, as well as providing their cures. When a person falls sick by the action of one of these spirits, a rite is performed with giant masks to transmit to the ill the strong shamanic potency of the *apapaatai*, susceptible to being captured by ritual objects. Once recuperated, the patient becomes a *amunaw* (“owner of the ritual”), obligated to feed and care for the *apapaatai* that made him sick. A considerable part of the Waurá agricultural production is designated for offers to these spirits, which can also assume the forms of non-human beings, like fire, or animals, like frogs and bats. The paradox involved in their mode of action, which encompasses illness and cure in the same principle, harks back to the Greek concept of *phármakon*, at once poison and medicine.

Museum Of The Indian Collection, Rio de Janeiro

SUPERNATURAL

MEDUSA

Costume of pop singer Björk

ICELAND

Holding a degree in classical Greek from Oxford University, the self-taught artist James Merry was inspired by his passion for Greece to create this mask for Icelandic singer Björk. An ancient myth which survives to this day, adapted in comic books,

movies and video games, Medusa is the embodiment of the threatening female in the form of a monstrous, fatal woman. One version of the myth says that she was a beautiful priestess in Athena’s temple, who was harassed by Poseidon and disrespected her sacred vow by lying with him in the temple. Furious, Athena decided to curse her, transforming Medusa’s lovely hair into serpents and her once-beautiful face into a sight so hideous that it was capable of petrifying anyone who looked at her. The only mortal among the three Gorgons, Medusa was decapitated by the hero Perseus, who fought her while looking at her image reflected in his shield.

James Merry Collection

POWER + SUPERNATURAL + DEATH

KANAGA

Rites of the Dogon people

MALI

According to Dogon mythology, their over 70 masks were created by the spirits of the bushes, given as presents to the ants and later stolen by a bird who brought them to a woman named Sadimbe. With the power she obtained by dancing while masked, Sadimbe terrorized the men of the village, who joined forces to take the masks (and her power) away from her. To this day, only men can wear these such masks, like the Kanaga, which represents a god creator through the form of a mythical bird, with arms and legs stretched out on a double cross, organizing the world into superior and inferior zones. It is used in funeral rites to defend the living and help the

dead arrive in the spirit world. And it can also be featured in the great festivals of agricultural renewal and human fertility, celebrated every 60 years. Wearing red skirts made of hibiscus fibers that refer to menstrual blood, masked people dance touching the tips of their masks on the floor, symbolizing the concrete nature of the encounter between the natural and the supernatural.

Collection Ivani and Jorge Yunes

CREATION + POWER + SUPERNATURAL + DEATH

JERO LUH

Balinese New Year

INDONESIA

Jero Luh and her husband Jero Gede represent the ancestral spirits of the inhabitants of Bali and they fulfill the function of protecting them. As part of their New Year festivities, the Balinese go out from village to village carrying the large masks of the ancient couple, as well as in the processions that precede the cremation ceremonies. Sculpted in the style of *Barong Landung*, known for crafting enormous, mythical pieces, the masks of Jero Luh and Jero Gede have the power of bringing cures and fertility to those who need it. Calm and elegant, Jero Luh is particularly revered as the lady of compassion and adored for defending the faithful from the evil forces that intend to harm them.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

POWER + SUPERNATURAL

GRAS-DKAR

Tibetan New Year

TIBET

In Tibet, the arrival of the new year is celebrated with a series of celebrations which span several days. One of them, which takes place on the second day of the year, is called *Gras-Dkar*, a performance of folk artists that wander the city’s streets entertaining the population. In general, they wear masks like the one displayed here, which represents a bard, a kind of poet tasked with orally transmitting stories and legends. According to tradition, the mask-wearers go from home to home improvising chants and dances inspired by the mythical figure of the buddhist master Padmasambhava, who played an important role in spreading buddhism throughout tibet in the 8th century. By observing and participating in the *Gras-Dkar*, tibetans believe that they are attracting blessings of good fortune for the entire coming year.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

KNOWLEDGE

BIG FACE (YPÉ)

The Tawa festival of the Tapirapé people

BRAZIL

In 1947, one of the last villages of the Tapirapé people in the Amazon, decimated by epidemics after coming into contact with urban groups, was virtually destroyed by a Kayapó attack. The survivors had no choice but to surrender to the invaders and also to the Karajá, another old rival. The Ypé mask symbolizes this surrender by including references to the two, now-allied peoples. In the Big Face, a red cross around the eyes, made of macaw feathers, depicts the *achiote* facial painting typical of the Kayapó and Karajá peoples. Meanwhile, the positioning of the feathers in the headdress, around the head, varies according to the people represented. In the festival known as the Tawa, masked people perform a dance in which a Tapirapé resists attacks from enemies and, later, carries them one by one to the village’s main hut. More than a fantasy which transmutes defeat into victory, the festival ritualizes the incorporation of enemy cultures. This incorporation is symbolized by the open mouth, filled with fishbone teeth, which references the aggressive relationship between rival peoples, but also the possibility of one culture feeding on others.

Museum of the Indian Collection, Rio de Janeiro

HYBRIDITY + POWER

RAVANA

Chhau Dance of Saraikela

INDIA

With ten heads and 20 arms, Ravana is the terrible king of the demons in Hindu mythology, blessed with great powers, including the ability to produce storms and earthquakes. Capable of assuming whatever figure he wishes, from human form to that of a mountain, his original body is covered in scars: marks of the

various battles he waged against the gods. A symbol of the very essence of evil, he conquered his throne through violent means, expelling his half-brother Kubera, god of wealth, from the kingdom of Lanka. Ravana also engaged in a series of epic battles against the hero Rama, the seventh avatar of the god Vishnu, who, in the end, succeeds in defeating him. The clash between Rama and Ravana is one of the main themes of the Chhau Dance, the traditional rite of masks in Indian cities like Saraikela, which dramatizes sacred Hindu plots representing the conflicts and the triumph of good over evil.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

TRANSGRESSION + POWER + SUPERNATURAL + HYBRIDITY

QUEEN OF THE DEMONS

Lhamo Theater [Classic style of dramatic Tibetan art involving music, theater and dance]

TIBET

The Llamo Theater of Tibet is a kind of dramatic art that serves as popular entertainment, but its fundamentals are deeply rooted in Buddhist religious practices. Before any play, a prologue is staged with the intention of purifying the space and sacralizing the time, transposing the audience to the time and space of the mythical narratives. Only then can the traditional dramatizations take place, some featuring demonic characters generally represented by red-colored masks which denote strength. One of these characters, symbolic of furor and violence, is the Queen of the Demons, with nine heads distributed into three rows and whose canines indicate that they are ogres, evil mythical beings known as Rakshasa. Both during and after the play, the gods’ struggle against the demons is a fundamental element in the performances. Before exiting the stage, the actors throw handfuls of flour into the air and let out cries of praise, celebrating the triumph and glory of the gods.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

SUPERNATURAL

MAHAKOLA

Sanni Yakuma [Sacred rite of exorcism for the Sinhalese people]

SRI LANKA

Mahakola is the leader of a group of 18 demons, depicted at the top of the head of a sacred mask, each responsible for producing a kind of symptom or illness: cholera, blindness, pneumonia, boils, plagues and other diseases. Worn in religious ceremonies considered medicinal, the Mahakola mask is part of a rite of exorcism. Known as *Sanni Yakuma* in the Sinhalese language (*sanniya*: “ailment; *yakuma*: “demonic ritual”), the rite usually begins by introducing Mahakola surrounded by snakes and demons, represented by masks of their own. Until the exorcism kicks in to calm the spirits of a specific demon, in the name of a certain patient and his or her family. When the ceremony comes to an end, the

area is ritualistically cleansed to impede any negative influence from remaining at the locale.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

POWER + SUPERNATURAL

DEVIL

Miguel Moreira e Silva [Contemporary artist]

PORTUGAL

The word “*diabo*” [devil in Portuguese] is derived from the Greek *diábolos*, which means “he who divides, inspires hate or envy.” This figure of discord is present in the biblical description of Lucifer, the finest angel in Heaven, who rose up against God and was expelled to Hell. Meanwhile, the figure of the devil in general, as the supernatural incarnation of evil, recurs in different cultural contexts in a multiplicity of forms and names: Satan, Beelzebub, the Antichrist and many others. This multiplicity inspired artist Miguel Moreira e Silva to compose a series of masks, all titled *Devil*. The two selected exemplify well this diversity: one references African imagery, with its use of natural raw materials such as wood, while the other references Catholic imagery, predominant in the European context from which the artist comes. Marked by the ancient tradition of crafting masks in Trás-os-Montes, the district of Bragança, where Moreira e Silva resides, celebrates the end of Carnival with a procession of devils on Ash Wednesday, heralding the beginning of Lent.

Miguel Moreira e Silva Collection

SUPERNATURAL

ZAKPEI GE

Rites of the Dan people

IVORY COAST AND LIBERIA

Among the wide variety of masks of the Dan people, some have the function of promoting social control, transmitting rules of conduct. During drought periods, the *Zakpei Ge* appear on the scene, a kind of masked fire brigade armed with the knowledge of their ancestors. They inspect the use of fire for cooking and engage in mischievous acts, like knocking down pots and pans and scolding careless cooks. They begin their inspections around noon in order to make sure no fire outbreaks are exacerbated by the dangerous afternoon winds. The white ornamentation on the ocular strip refers to contact with the ancestral world, thus legitimizing the actions of those wearing these masks.

Ivani and Jorge Yunes Collection

POWER + SUPERNATURAL + KNOWLEDGE

SEER

Rites of the Grebo people

LIBERIA

The masks of the Grebo people are famous for the fact that Spanish painter Pablo Picasso owned two of them, which served as inspiration for his work, especially during his Cubist phase. Some have more than just one set of eyes, representing figures of

seers, capable of seeing beyond the physical world. The polarity between what we see and what is hidden also marks the structural hierarchy of the Grebo people, ruled by a leader who remains in almost absolute isolation in the forest. Playing a protective role, this sort of mask is associated with rites of preparation for war, evoking spiritual powers necessary for the warriors’ victory.

Ivani and Jorge Yunes Collection

POWER + SUPERNATURAL

AÑA
Arete Guasu / Danza de los Años [Carnival of Guarani-Chané people]
PARAGUAY

The *Arete Guasu* (“Big Party”) is the occasion when the Guarani-Chané people, inhabitants of various regions of Paraguay, Bolivia, Argentina and Brazil, celebrate the abundance of the harvests at the end of the year’s growing season. In this sacred rite, a portal is opened that inaugurates a magical time connecting the living and the dead. The latter are symbolized by the Añas: ancestral spirits incorporated by masked men who are welcomed by the festive population. With a long white beard, denoting advanced age, and bird feathers shaped like a pair of wings, referencing the act of flying which allows displacement from one location to the other, the mask on display here represents one of the different varieties of Añas. Though they were associated with the devil by Franciscan missionaries during the period of Spanish colonization, they are celebrated by some people in rites that incorporate elements of Christian faith, providing examples of a miscegenation which made the survival of pre-Colombian beliefs possible.

Collection of the Latin America Memorial, São Paulo

SUPERNATURAL + DEATH + HYBRIDITY

CAZUMBA GRIMACE
The Bumba meu boi festival in Maranhão
BRAZIL

Boi-bumbá or *Bumba meu boi* is a folk tradition celebrated in several Brazilian states. It revolves around the story of a slave who killed his master’s favorite bull because his pregnant wife had an irresistible urge to eat the animal’s tongue. Terrified of the farmer’s ire, the couple were finally relieved to see that the bull had been magically resurrected, an event celebrated at these festivals, generally held around the time of the St. John festivals. In Maranhão, the original performance features additional special masked characters: the Cazumba Grimaces stand out from the other paraders for their irreverence and for their pranks. In addition to entertaining the public, the Cazumbas have the function of initiating the presentation by helping the slave Pai Francisco kill the bull. It is generally comprised of animalistic, beastly features. “The uglier Cazumba is, the more beautiful he is,” says Abel Teixeira, an artisan celebrated for crafting masks, including the piece displayed here.

Collection of the Casa do Pontal Museum

TRANSGRESSION + HYBRIDITY

CAPORAL
Morenada
BOLIVIA

A feature of a number of Latin American countries, but Bolivia especially, the *Morenada* is a traditional dance which has the black man as its main character. Present in the Spanish colonization of the Caribbean, but not the Andes, slaves taken from Africa were seen as foreigners viewed with wonder by the Andean peoples. For some researchers, the Morenada is a manifestation of indigenous mockery of the slave trade of African peoples. The tradition is comprised of a series of masked characters, included among them the Caporal, a kind of boss or taskmaster of the *moreno* troops. The thick lips and tongue sticking out symbolize the arduous work done by the slaves.

Collection of the Latin American Memorial Foundation, São Paulo

TRANSGRESSION + HYBRIDITY

GORILLA (NGIL)
Rites of the Fang people
GABON

Hunters and farmers by tradition, the Fang people became famous for their knowledge of animals, herbs and other plants of the equatorial forests. This proximity with the living things that surround them can be seen the Fang people’s metaphysics. Their reverence for the spirits of the forest is manifested in masks like this one, which depicts a gorilla (Ngil), but with features much more similar to those of humans. Its use is more frequently associated with initiation rites, though it can also serve a judicial function, as a punishment for witchcraft. The white color, which dominates much of the mask, is associated with ancestry, a realm with the power necessary to execute a punishment. During the period of French colonization, the Fang were subjected to Christian influences, assimilated to their culture in syncretism with other beliefs. It is common for some villages to celebrate the Christian holiday of Easter, but the festivities last for four days with music and dancing, and also include the ingestion of psychedelic beverages.

Ivani and Jorge Yunes Collection

POWER + SUPERNATURAL

GEOMETRIC FACIAL MASK
Rites of the Winiama people
BURKINA FASO

Like some neighboring peoples, the Winiama are celebrated for their masks of animals, represented with a typical style of geometrical black, white and red patterns. Some masks are so stylized that it is hard to deduce which animal they depict. They also often feature representations of human figures at the top. They symbolize the spirits of nature incorporated in each mask, which guarantee the well-being and fertility of the village in general and that of the mask’s owner and his family in particular. In order for this to occur, mask-wearers dance on various occasions, especially at ceremonies honoring the dead and their spirits. The meaning

of the geometric patterns and other knowledge of the masks are exclusively masculine, transmitted to pubescent boys in initiation rites, along with other social traditions and moral rules.

Ivani and Jorge Yunes Collection

POWER + SUPERNATURAL + DEATH

MOO GUMS (CROOKED BEAK)
Beau Dick [Contemporary artist of the Kwakwaka’wakw people, native to the Canadian West Coast]
CANADA

Called *Moo Gums* by artist Beau Dick, this mask represents *Crooked Beak*, a monstrous, human-eating bird. The four faces portrayed in the mask are evocative of the four witches hired to kill Gitsalis, a chief who was so adored that he provoked widespread envy. The spell that they cast, made from a base of excrement, hair and clothing, was so powerful that he fell ill. His subjects left him in a cave and communicated to the witches that he was dead. They undid the spell, afraid that it might contaminate them. And Gitsalis, already absorbed by the world of the forest spirits, managed to return in a supernatural form capable of teleporting to the village, one that is quite aggressive and needs to be tamed with a series of rites. The *Crooked Beak* mask accompanies him on this return and in these rites. In the ceremony known as *Hamat’sa* (the Dance of the Cannibal), he is one of the three birds that serve Baxwhbakwanuxsiwe, the Cannibal at the Extreme North of the World.

Private collection / Courtesy Gallery Fazakas, Vancouver

POWER + SUPERNATURAL + DEATH

MSQRD (MASQUERADE)
Filter application for selfies
USA

Would like to put on a virtual tiger or monkey mask? Or a mask of a popular character like Harry Potter? Or superheroes like Iron Man and villains like the Joker? All this is possible with the free app MSQRD. Now it is your turn. Come play and try on some masks.

Private collection

CREATION + POWER + HYBRIDITY

LION
Chinese New Year
CHINA

For many centuries, a Chinese monk dreamed that there had been a series of atrocities plaguing his people. When he woke up, frightened, he wondered how he could prevent such suffering. Then he had a vision: a sacred beast came down from heaven to protect the Earth, expelling all negative forces from the planet. This legend is usually narrated as the origin of the Dance of the Lion, a symbol of good luck, represented by a large mask manipulated by two dancers, which synchronize their acrobatic, martial arts moves to animate the front and hind paws. Though not native to China, the feline was introduced to the territory over 2000 years ago: leaders from the Middle East used to send lions as presents to the Chinese emperors to earn the right to



negotiate with local merchants. Currently, the Dance of the Lion is celebrated on the first day of the year according to the Chinese calendar, the oldest chronological registry existing today, which counts the present year as 4716.

Collection of the Gaúcho Association of the Dance of the Lion and Dance of the Dragon, Porto Alegre

SUPERNATURAL

CHIFRUDO
Cavalhada of Pirenópolis
BRAZIL

In various regions of Brazil, during the Feast of the Divine Holy Spirit (50 days after Easter), the *Cavalhada* is held, a combination of dances and competitions that involve disputes between two armies of horsemen. Its origins date back to the jousts between Moors and Christians during the Middle Ages in Europe. But in Brazilian cities like Pirenópolis, Goiás, the event has developed religiously profane features. Revelers wearing animal masks, one highlight being the famous *Chifrudo* [literally “Horned”] mask, circulate the city streets on horseback, going door-to-door making a commotion and playing jokes. Haughty figures, the mask-wearers can turn authoritarian and downright invasive, an inheritance from a time of social segregation, when only the rich were able to have horses. In a game of role reversal, humans dress up as animals and common folk dress up as horsemen during the festivities.

Collection of the Latin American Memorial Foundation, São Paulo

TRANSGRESSION + POWER

WAGGIS
Carnival of Basel
SWITZERLAND

Due to its location by the German and French borders, it is not surprising that the third largest city in Switzerland includes a caricature of a foreigner in its carnival festivities. The Waggis represent French peasants who left Alsace in the 19th century to sell their products at the Basel market. In the Alsatian dialect, the name Waggis refers to a joyful, *bon vivant* character who works by day and has fun at night. The large nose, which stands out on the smiling mask, symbolizes a reputation linked to excess (including alcohol). During the 72-hour carnival of Basel, the Waggis behave like jesters and take the liberty to engage in the sort of mischief that would be unacceptable at any other time of year, such as bombarding passersby with confetti showers.

Private collection

TRANSGRESSION

SPIRIT
Moça Nova Festival, the Ticuna people
BRAZIL

The Ticuna people, inhabitants of a border region in the state of Amazonas near Peru and Colombia, maintain a rite of passage from childhood to adult age known as the Moça Nova Festival. When a girl gets her first period, she is kept in isolation for three months, in contact only with her mother and perhaps an aunt. In this period, she is vulnerable to the influences of evil spirits—representing a state of “impurity,” that other cultures

also associate with bleeding and female sexuality. In the end, the parents invite the community to the initiation party, offering food and drinks. Trumpets, flutes and drums are prepared for the ceremony, accompanied by the arrival of evil spirits, embodied by masked dancers. They attempt to possess the girl, but are eventually driven away. Also during the rite, the hair of the initiated is pulled out strand by strand, so that in the place of the child, a new woman can be born.

Museum of the Indian Collection, Rio de Janeiro

SEXUALITY + SUPERNATURAL

HYENA
Rites of the Bamana people
MALI

Among the Bamana people, *N’tomo* is an initiation society for still uncircumcised children, who need to learn to keep quiet and suffer in silence before they can proceed to other associations, like the *Kore*. Every seven years, a group of pubescent boys participate in a *Kore* rite of passage in which they must be symbolically killed in order to leave the world of women and babies. After a period of seclusion in the forest in which they are subjected to challenges and provocations, they are transformed into adult men, as strong and skillful as the animals of the forest. Inspired by these animals, there are different classes of initiated, each with their own masks: monkeys (*Sulaw*), lions (*Jaraw*) and hyenas (*Surukuw*), the last animal exemplified in the piece on display here.

Private collection

HYBRIDITY + POWER + SUPERNATURAL + DEATH



BEAR (JUKUMARI)
Diablada, Morenada and the carnivals of Andeanos
BOLIVIA

Jukumari is a folk figure inspired by the spectacled bear of South America, originally black, but sometimes represented as white, like a hybrid with a polar bear. Featuring elements of patricide and incest, which are recurring in various mythologies, the myth narrates the story of a woman kidnapped and impregnated by a bear, and who later gives birth to Juan, half-human, half-beast. In order to escape the cave where his father is holding him and his mother captive, Juan kills him. He goes to live with his mother and becomes a great warrior, with extraordinary strength and intelligence proportional to his large head. The myth is rooted in the similarities between bears and humans, like the length of time the young remains with the mother (which inspired the image of the teddy bear) and the ability to stand on two feet, freeing the front paws to engage in fighting (like a warrior in a one-on-one battle). The mask is present in various Andean festivals, like the carnivals, *Diabladas* (dances in which participants wear demon masks) and *Morenadas* (dances in which the participants are dressed as black people).

Collection of the Latin American Memorial Foundation, São Paulo

HYBRIDITY + JUSTICE + SEXUALITY + POWER

MASK OF THE FOOL
Dance of Fools
BRAZIL

An ancient Greek myth narrates the story of primordial beings who lived in united pairs, each pair a complete form,

until they were separated due to a decision made by the gods. From that point on, each half goes searching for their complement, a quest that is usually associated with the origin of love. Uniting the faces of a man and a woman in a single form, the mask displayed here suggests an association with the Greek myth, as well as the peaceful coexistence of white and black people. Allowing the mask-wearer to alternately embody one character and also its opposite, the mask was produced for the traditional Dance of Fools, which animates the carnival in the fishing village of Tatuamunha, located in municipal Porto das Pedras in the state of Alagoas. Large, colorful and varied, the masks of the Fools are built with tapioca starch, paper and oil paint, and they are exhibited by revelers in parades and games from the Saturday of carnival until Ash Wednesday.

Celso Brandão Collection

HYBRIDITY + TRANSGRESSION

MURASURA
Krishnattam
INDIA

The *Krishnattam* is a sacred art, traditional in the Indian state of Kerala, which blends theater, dance and masks in a presentation about the history of Krishna, the god responsible for the preservation of the universe. Among the various characters represented by mask-wearers are the *asuras*, considered anti-gods or demons in themselves. Two of them are Narakasura and his assistant Murasura—the latter killed by Krishna, con-

ferring upon the divinity the title *Murāri* (killer of Mura). The scriptures say that, during his battle with Krishna, Murasura jumped out of the water with three mouths open as if ready to swallow three worlds, and attacked Garuda, the mythological eagle ridden by Krishna. After, the demon grew as high the sky, but Krishna was not intimidated: he broke him into seven parts, giving origin to seven children, who counterattacked the god in revenge. At the end of the battle, Krishna managed to send the seven to *Yamaloka*, the equivalent of hell in the Hindu belief system.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

TRANSGRESSION + SUPERNATURAL

KPLEKPLE
Rites of the Wan and Baule peoples
IVORY COAST

In the early 20th century, the Baule people adopted a ceremony that was already maintained by the Wan people, known as the Goli Dance. During commemorative and agricultural rites, or at the funeral of a respectable, upper echelon individual, the village is swept up in festivities for an entire day, often animated by the consumption of palm wine. One of the mask types that is part of the dance, the *Kplekple* represents a buffalo with slightly human features, like a symbol for the search for balance between the human world and the savage world. It is generally worn by pranksters who, during the festivities, chase women or children, spurred on by songs. The

Goli rites are also performed in situations of danger as a way to ask for protection from the supernatural forces that watch over the village.

Ivani and Jorge Yunes Collection

HYBRIDITY + TRANSGRESSION + POWER + SUPERNATURAL

THE MASK
Cosplay [From the English for “costume + play”:
conventions of fans who dress up as characters from
movies, TV shows and games]
USA

The protagonist of comic books created by Mike Richardson in the 1980s, the Mask is one of the main symbols of the transformative power that lies in the gesture of disguising oneself. After finding the mysterious mask by chance, the shy Stanley Ipkiiss decides to try it on. And he’s mortified to realize that it seems to magically stick to his face and alter his personality. Holding the power to suspend all of his inhibitions, the mask turns him into a bold, confident man, making for comedic scenes in the film adaptation (dir.: Chuck Russell, USA, 1994). Like the model worn by Jim Carrey in the movie, the replica exhibited here is inspired by the mask of Loki, the god of trickery and mischief in Viking mythology, capable of assuming any form he wishes. Despite sewing intrigue and confusion, Loki is respected for having granted the gods some of their most precious belongings. He is the one who gave Odin his spear and helped Thor get his hammer back from the giants.

Private collection

TRANSGRESSION + POWER + SUPERNATURAL

CLOWN
Wayang Topeng
[Traditional Javanese masked theater]
INDONESIA

Though native to the island of Java, the *Wayang Topeng* mask theater is also quite prevalent on the island of Bali, where each presentation follows an order of dances and role-playing. In general, it begins with the performance of two Ministers, filled with vigor and touches of humor, followed by the entrance of the Wise Old Man, who demonstrates dignity, but don’t be fooled by his advanced age. Next, the King enters, and then an enemy threatens him, but soon he is defeated by the Royal Warrior. Then it’s time for a figure present in various cultures, eras and clothing: a clown, or better yet, four of them. The first two have masks with no jaws, so that they can be understood by the audience as they recite important lines for the plot. The other two assume a caricatured, buffoonish style: they draw laughs from the crowd with their twitches and burlesque movements, confirming the transgressive potential of comedy, appreciated in so many countries in the world.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

TRANSGRESSION

CERAMIC FACE (MARIWIN)
Rites of the Matis people
BRAZIL

Self-appointed Matses (“human beings”), the Matis ended up going by the name given to them by non-indigenous individuals, such as Funai employees. Natives of Amazonas, they are recognized by their strong habit of decorating the face with tattoos, ornamental piercings and other adornments. They tell the children stories of the *mariwin*, ancestral spirits embodied by masked men who use branches from palm trees as switches to discipline the little ones. In the rites that evoke the presence of these spirits, the adults take little boys and girls, as young as 2 or 3, to be flogged. The objective is not to mistreat them, but rather to make them more vigorous and capable of withstanding the pain of tattoos, of piercings, of life. The Matis believe that the act of beating makes things grow: during periods between harvests, if there is a scarcity of crops, they don their ceremonial garments and go out and beat the plantations so as to stimulate their growth.

Museum of the Indian Collection, Rio de Janeiro

SUPERNATURAL + POWER

MAMUTHONES
Carnival of Mamoiada [Village in the province of Nuoro,
inland Sardinia]
ITALY

The carnival celebrations in the village of Mamoiada follow an ancient tradition, marking the end of the winter season and the hope for renewal that comes with spring. The biggest attraction to the festival is the procession of masked Mamuthones and Issohadores who dramatize Sardinia’s archaic, shepherding past. Wearing a vest of black sheep wool and a set of bronze bells that can weigh up to 40 kilos, the Mamuthones don dark wood masks with grotesque, spiky features. A hybrid between man and beast, the character seems to symbolize the destiny of both to wander the island’s mountains and pastures. At the same time, it represents the identity of a people subjected by successive dominations. The Issohadores, with their black hats and red tunics, represent the foreign rulers, who lasso young women in the crowd during the procession. At the same time, the Mamuthones shake their bells, which are heavy like the suffering of prisoner.

Private collection

POWER + HYBRIDITY

PEASANT (TLACOLORERO)
Dance of the Tlacoleros
MEXICO

Pre-Colombian in origin, the Dance of the Tlacoleros is one of the most important Mexican folk traditions in states like Oaxaca and Guerrero. Related to the agricultural cycle, the dance owes its name to the word *tlacocol*, which in the Aztec language describes the action of preparing the soil for planting. The rite dramatizes the history of the peasants (*tlacoloreros*) whose

harvest and livestock is compromised by attacks from a tiger, so they organize themselves to search for, hunt and sell the animal. Symbolically, it represents mankind’s effort to control the forces of nature that threaten its subsistence. In addition to the large *sombreros*, imitating hats worn by rural workers in order to protect from the sun, the revelers costumed as *tlacoloreros* use whips, producing sounds interpreted as thunder. In this way, they plead for a rainy season, so that the harvest will be plentiful.

Collection of the Rafael Coronel Museum, Zacatecas

POWER

FO GLU
Rites of the Grebo people
LIBERIA

The masks of the Grebo people can serve a variety of roles. Those known as *Fo Glu* are used in rituals to protect local crops, fauna and flora. They serve to help identify the best moment in which to plant the areca nut, the seed of a palm tree that is highly appreciated by the Grebo. In addition to supplying fibers and palms for different utilities and appliances, the tree provides its own nut, which is usually chewed up and then thrown away, having a stimulating effect similar to that of nicotine. The nut can also be grated and used as a seasoning, presenting a fresh, spicy flavor. Its consumption results in a light sensation of euphoria, something like cheerful relaxation. And it is also part of the tradition of some Asian peoples, very popular in India and the Philippines.

Ivani and Jorge Yunes Collection

SUPERNATURAL

RABBIT (DYOMMO)
Rites of the Dogon people
MALI

One Dogon myth tells the story of a hunter and his dog who caught a rabbit. Before killing it and devouring it, the man carved a wooden statue of his prey. Reenacted in rites of passage in which a young boy embodies the rabbit and dances until falling on the ground, this myth illustrates the avidness of the Dogon people in representing the entire world that surrounds them. The more that new changes transform their world, the more they incorporate new masks to their dances. Foreigners, policemen and tourists have been portrayed, but the masks connected to mythical events, characters and animals remain common in funeral rites and *Dama* ceremonies, which mark the end of mourning periods. The colors worn also have a symbolic power. Red, black, white and ochre symbolize the four elements of nature: fire, water, air and earth. In the example displayed here, human features are combined with animal ones, like the beard below the chin, which harken back to an ancestral figure. Also the zigzag drawings on the forehead refer to the border between heaven and earth, or between the world of the living and that of the dead.

Private collection

HYBRIDITY + POWER + SUPERNATURAL + DEATH



LEI GONG

Nuo exorcism dances

CHINA

Lei Gong, the god of thunder in Chinese folklore, was born from an egg that was cracked open by thunder, and he turned immortal after eating two apricots from an enchanted tree. Transformed into a monster with wings and a bird’s beak, he sought spiritual illumination, until becoming the main divinity associated with storms. Alongside his wife Dian Um, the goddess of lightning, he leads his cohorts Yun Tong (who whips up clouds), Yu Zi (who causes the rains) and Feng Bo (who animates the winds). Armed with a hammer and a drum, Lei Gong produces horrifying sounds to punish evildoers who engage in moral crimes. He is among the divinities invoked in the Nuoxi rituals: exorcism ceremonies in the Nuo folk religion of Chinese tradition which involve dances and performances with masks assembled in order to drive away evil spirits.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

POWER + SUPERNATURAL + HYBRIDITY

YANGALEYA

Rites of the Djimini (Senufo) people

IVORY COAST

The Djimini are a subgroup of the Senufo people, who, for generations, cultivated the habit of building their dwellings around baobabs, gigantic trees capable of living for over 1000 years. Many of the Djimini follow a mixture of Christian and pagan

religious practices that include animalistic beliefs, that is, the idea that not only the baobab, but also beings of nature and the universe are endowed with spirits. Djimini mythology is rife with sacred animals, like the Yangaleya: a mythical bird of the same species as the hornbill represented with human features and the horns of a wild buffalo or bull. One of the primordial animals of Djimini mythology, the Yangaleya is considered a symbol of fertility and, at the same time, a helper responsible for guiding the souls of the dead.

Ivani and Jorge Yunes Collection

HYBRIDITY + SEXUALITY + SUPERNATURAL + DEATH

GARUDA (CHUNG)

Tshechu Dance

[Buddhist festival held on the tenth day of the Bhutanese lunar calendar]

BHUTAN

A creature that recurs in numerous Asian mythologies, Garuda is the king of the birds, known in Bhutan as *Chung* (eagle) and considered one of the four sacred animals that bring happiness, alongside *Tak* (tiger), *Druk* (dragon) and *Seng* (snow leopard). Pointing upward, its horns symbolize the fact that *Chung* reigns over the heavens, observing and controlling the airspace with its three eyes. This mask is used as an icon of courage and power, in the religious dances of the Tshechu Festivals.

Private collection

HYBRIDITY + POWER + SUPERNATURAL

TORITO

Carnival of Barranquilla / Congo Dance

COLOMBIA

In different cultures, the bull is seen as the embodiment of the unrestrained fury of nature, which man seeks to control through domestication, or vanquish through confrontations symbolized by bullfights in countries like Spain and Portugal, which demonstrate human superiority over wild creatures. In the Carnival of Barranquilla, the figure of Torito displays characteristics of the former case, of the domesticated, even friendly bull. He leads the band of animals participating in the Congo Dance, a street party that pays homage to the African slaves who worked in the Colombian Caribbean. Since the 19th century, the festival has featured warrior tribes of the Congo, represented by revelers wearing turbans and armed with wood machetes, who improvise dance steps accompanied by women and paraders in animal masks.

Private collection

POWER

BOE

Carnival of Ottana

[Village in the province of Nuoro, inland Sardinia]

ITALY

With long horns pointing upwards, the mask of *Boe* (“bull”) is typical of the carnival of the small village of Ottana, on the island of Sardinia, and also the festivities for the Feast of Saint Anthony (January 17th), when large bonfires are lit in the streets. Covered

in white sheep wool and a handful of noisy, bronze bells, the mask-wearers embody the spirit of the animal, parading outside and behaving like actual bovine creatures. Some even throw themselves on the ground, begging for drinks and chocolates. Each bull interacts with a *Merdule*, a shepherd who also wears a mask and makes efforts to lasso and control the rebellious beast, occasionally hitting it with his staff. The dramatization represents the clash between instinct and human reason. In other words, mankind’s effort to dominate and domesticate the forces of nature, an idea present in various cultural rites, such as the bullfights in Spain. By poking fun at their own conditions during the carnival, the rural workers recharge their energies in order to invest in yet another year of work with livestock. Another masked figure in the Carnival of Ottana is Filolanza, an old woman dressed in black, sewing the thread of life, much like the three Moirai of Greek mythology.

Private collection

TRANSGRESSION + POWER

FOX (KITSUNE)

Shinto rites

JAPAN

In the world of Shintoism, an old system of beliefs and spiritual rites that permeate Japanese culture, the fox (*kitsune*) can be manifested in two forms: the *zenko* form—revered as the sacred messenger of the god Inari, a spirit linked to wealth and abundance, overall the rice harvest—and the *yako* form—represented by the mask displayed here, considered cunning and sneaky, always inclined to utilize its supernatural gifts to trick men. Gifts such as the ability to assume a human appearance (generally that of beautiful women or elders) or the capacity to invade someone’s dreams, and even, in extreme cases, driving a person to madness. The older and wiser the fox is, the more powerful it is, and more tails it has, attaining a maximum of nine.

Collection of the Museum of the History of Japanese Immigration to Brazil, São Paulo

SUPERNATURAL TRANSGRESSION + KNOWLEDGE

MARIMONDA

Carnival of Barranquilla

COLOMBIA

In Colombian folklore, Marimonda is a magical being that defends the forests, not unlike the Curupira in Brazil, the difference being that she is a beautiful woman who first seduces hunters in order to punish them. Legend has it that her spirit inhabits the body of the spider monkey, a playful, jeering animal native to the forests of the Caribbean. The mask of Marimonda was inspired by the primate’s features, with the singular detail of the tail having been dislocated to the nose, suggesting a reference to the sensuality involved in the myth. Initially concocted out of the remnants of an old pillow, the mask demonstrates the impetus of a people without many resources who surrender to free and euphoric play during the carnival festival.

In contemporary costumes, the revelers also wear ties, in ridicule of Colombia’s ruling class, whose see their wealth increase without having to work.

Private collection

TRANSGRESSION + SEXUALITY + SUPERNATURAL

HANUMAN

Hanuman Jayanti [Hindu religious festival in honor of the monkey god Hanuman]

THAILAND

One day, the gods Shiva and Parvati turned into monkeys and surrendered to amorous reveling in the forest. Parvati was impregnated as a result. Faithful to his divine responsibilities, Shiva could not have children. So he asked the wind-god Vayu to transpose the baby from Parvati’s womb to that of Añjanā, a female spirit with the form of a monkey who had prayed to receive a child. This is how the monkey god Hanuman was born, a symbol of astuteness, devotion and courage in times of difficulty. After a youth characterized by mischief and disorder, Hanuman proved his bravery and loyalty to Lord Rama, fighting in his name against the demon Ravana. Represented in protective amulets or guardian statues at the temples of the goddess Kali (one of the manifestations of his mother Parvati), the divinity of the white monkey worshipped by the faithful searching for strength to deal with the obstacles of life. His mask is worn in religious dances, especially during the *Hanuman Jayanti*, when the mask-wearer can jump over bonfires, as if overcoming an obstacle.

Private collection

JUSTICE + SUPERNATURAL

MONKEY GOD (HUN BATZ)

Dance of the Monkeys

GUATEMALA

According to Maya mythology, celebrated to this day by the Guatemalan people, the twins Hun Batz and Hun Chouen had many talents, especially for art and music, but not for sports. Meanwhile, their brothers, also twins, had exceptional athletic abilities, and, as such, were known as the Hero Twins. This ability provoked the envy of Hun Batz and Hun Chouen, who challenged them to various contests, unable to accept their defeats. Until the day when the Hero Twins came up with a plan: they would dare the brothers to catch birds at the top of a tree, and magically made the tree grow extremely tall, almost as high as the sun, so that their adversaries would get stuck at the top. In order to get down, they decide to roll up their belts and use them like monkey tails, and, at this moment, they were mysteriously transformed into monkeys. Adored as divinities of Art and Music, the monkey gods are also associated with the sun—which likens the Maya myth to the Greek myth of Apollo, god of the sun and patron of the arts.

Collection of the Latin American Memorial Foundation, São Paulo

POWER + SUPERNATURAL

MONKEY

Rites of the Baule people

IVORY COAST

For the Baule people, the universe is inhabited by supernatural forces that can influence people’s lives in negative or positive ways. Many of these forces demand the creation of tangible objects so they can be situated in space and channeled through collective rites. Included among these objects are numerous masks and statuettes of monkeys, sacred animals represented by features similar to those of humans. So that a good spirit might inhabit the mask or statuette, they need to be sculpted by artisans with great love and beauty. Of its multiple functions, the Baule monkey mask is worn in fortunetelling activities to determine the causes of possible misfortunes and to placate evil spirits.

Ivani and Jorge Yunes Collection

SUPERNATURAL

KPONYUGO

Rites of the Senufo people

IVORY COAST

The Senufo people wear different types of masks depending on the occasion. In some rites of initiation, a myth is narrated in which boys are devoured by Kponyugo (“poro head”), a kind of monster who later vomits them out in the form of adult males. A representation of this violent mythical being, the mask displayed here belongs to the *ponyugo* (“head of the dead”) category, classified as funeral masks, but also worn in rites of passage that involve a symbolic death, for there to be a transformative rebirth.

Ivani and Jorge Yunes Collection

POWER + SUPERNATURAL + DEATH

ZEBRA

Carnival of Barranquilla

COLOMBIA

Figure and background are confused in the contrast of the stripes of the zebra’s body, a wild and hard to domesticate equine animal, whose kick is so strong it can break a lion’s jaw. At the Carnival of Barranquilla, the zebra mask refers to the figure of the foreigner: it is a native of Africa, the home continent of the slaves who worked in the colonies of the Caribbean, leaving their influence on Colombian culture and festivals. Charged with great symbolic power, the zebra is also linked to the anonymity often involved in the act of masking oneself: when they move in herds, they blend together in such a way that tricks predators’ eyes, rendering them incapable of calculating the quantity of animals and differentiating one from the other. This quality of deceiving one’s judgment is the inspiration for the Brazilian expression “*dar zebra*,” [to do a zebra] which refers to a situation that defies expectations. In this case, it is possible that there is also an association with what would be a totally unexpected result in the *jogo do bicho* [literally “the animal game”], since the zebra is not one of 25 animals featured in the game of chance.

Private Collection

TRANSGRESSION

TIGER

Carnival of Barranquilla / Congo Dance

COLOMBIA

Symbolic references to the tiger, a feline that is fascinating for its elegance, but terrifying for its predatory instincts, date back to ancient civilizations like Mesopotamia, known as the “land between two rivers”: the Tigris and the Euphrates, which flow through the territories of modern day Iraq, Kuwait and Syria. In Babylonian myths, the Tigris was born from the eyes of Marduk, the creator, as was the Euphrates. But the association between the animal, with its sinuous movements, and the river, with its curvy geographical design, is not the only possible connection. In the Carnival of Barranquilla, the figure of the tiger is one of exotic fauna that engages in the Congo Dance. The dance pays homage to the slaves taken from Africa to work in Colombia. Though Asian in origin, the tiger is included among the masked dancers, as yet another representation of a foreign figure brought from afar, admired for its strength and beauty.

Private collection

POWER

TIGER (TECUANI)

Dance of the Tecuanes

MEXICO

In the *Nahuatl* language, spoken by the ancient Aztecs, *Tecuani* means “something that eats.” Nothing could be more fitting to name a dance that symbolizes the struggle between predators and prey in the food chain. Masked dancers act out the pursuit, capture and killing of a deer by a tiger. During the dance, some characters are wounded by the feline and then cared for by the doctor. In the end, the tiger is killed by hunters, and its skin is devoured by buzzards. Since most of the masks represent animals, the raw material used to craft them is also largely animal in origin: calf skins and horse manes are commonly used. Very popular in the Mexican state of Guerrero, the Dance of the Tecuanes enacts the clash between man and the natural world, exalting an idealized victory of civilization, represented by medical knowledge and the possession of firearms.

Collection of the Latin America Memorial, São Paulo

TRANSGRESSION + POWER

LA URSA

Carnival of Recife

BRAZIL

“La Ursa wants cash, if you don’t give some you’re trash!” shout revelers dressed as bears during the street carnival in Recife. The origins of this game date back to the 19th century, and the influence of Italian settlers who brought to Brazil imagery of gypsy peoples, with connections to the circus world that includes trained bears. In its most traditional version, the carnival rite involves a tamer, a hunter and, of course, La Ursa, represented by a masked man who dances while tied to the tamer by rope, but occasionally escapes and simulates attacks on the crowd. At this time, the hunter recaptures

the animal in order to sell it to the tamer in a performance accompanied by a chorus of irreverent songs, some with double meanings that associate the image of the bear with the figure of a lover.

Private collection

TRANSGRESSION

ELEPHANT

Rites of the Guro people

IVORY COAST

Masks that represent buffaloes, monkeys and various types of birds are found in the rites of different peoples in Africa. The use of elephant masks is rarer. They are often considered animals of royalty, and the use of these masks becomes a privilege of certain lineages. Among the Guro, the elephant is revered as a travel animal, capable of moving back and forth between two worlds, whether between the human world and the animal world, or between the natural world and the supernatural world. The Guro elephant masks are worn only by members of the Gye initiatory society, able to be worn at funerals or as hunting masks.

Ivani and Jorge Yunes Collection

POWER + SUPERNATURAL + DEATH

GANESHA

Ganesha Chaturthi [Hindu religious festival

in honor of the god Ganesha]

THAILAND

In order to avoid having children, the god Shiva limited himself to rare encounters with his beloved goddess Parvati. And when they were together, he practiced rigorous tantric self-control in order to not ejaculate. Anxious to become a mother, she decides to have a child on her own, giving birth to a brave warrior who protects his mother’s abode. When Shiva comes to visit Parvati, Ganesha does not allow him to enter. The young man is able to defeat the great god’s entire army, but ends up decapitated by him. Desperate, Parvati orders Shiva to bring the head of the first living thing he finds in order to save his son. This is how Ganesha gets his elephant head on a human body and blessed with four arms. One of the most adored gods in the Hindu pantheon, he is praised for his intelligence and ability to remove obstacles, promoting plenitude and success. Riddhi and Siddhi, wealth and knowledge, are his wives. His statues guard the entrances to temples and homes. His masks are used in religious festivals like the *Ganesha Chaturthi*, in which the mask-wearer often presents characteristics of gluttony: generally overweight, he appears surrounded by women and servants.

Private collection

SUPERNATURAL + KNOWLEDGE + HYBRIDITY

PERRA MARAVILLA

Dance of the Tlacololeros

MEXICO

The Dance of the Tlacololeros, popular in Mexican states like Oaxaca, dramatizes the story of a group of peasants who pursue a tiger with the help of their dog Maravilla’s keen sense of smell. Repre-

sented by a dancer in a dog mask, she is the one who discovers and points out the prey’s hiding place. As the revelers proceed down the street, the dog and the tiger provoke one another and eventually there is a confrontation, until the peasants interrupt the parade and form a circle around the two of them to see who is going to win the fight. Through lively, festive movements, the mask-wearers address the discrepancy between the domesticated animal, at the service of man, and the wild animal, an icon of the dangers of nature, until human civilization is capable of controlling it.

Collection of the Rafael Coronel Museum, Zacatecas

POWER

“PASSPORT”

Displacements of the Dan people

IVORY COAST

Certain African peoples created the habit of producing a kind of mask known as a “passport”: a miniature carried by users as a way to identify their ethnic origins while they are away from their homeland. Some objects also serve this function: they enable their owners to cross territories ruled by jurisdictions other than their own. This is the case of the *récade* (staff) for the Fon, or the shackle (money) for many peoples of Central and West Africa. The model displayed here has characteristics of a “passport” mask. It is unknown for sure if it was actually produced by the Dan—though it is typical of this people to make smaller masks of metal, worn especially by women as objects of prestige.

Ricardo Leitão Collection

POWER

SPIRIT OF TREE TRUNKS

Rites of the Eskimo peoples of Alaska

USA

In the US state of Alaska, where trees are rarer than the Eskimo people would like, wood is considered a precious asset for survival. It is used for fundamental activities like building and heating houses, as well as the manufacturing of sleighs, boats, paddles, bows, arrows and fish traps. It is no coincidence that the Eskimos also employ such a precious material to craft their ceremonial masks. They perform sacred dances to ask that, with the winds of spring, the thawing rivers bring fish in abundance, as well as trunks that come floating with the currents. For the Eskimos, not only the animals, but wood is also blessed with a spirit and feelings of its own, capable of acts of gratitude or retaliation and deserving of respect like any other living thing.

Private collection

POWER + SUPERNATURAL

OGUM

Candomblé

BRAZIL

At the beginning of time, men and orishas hunted and planted using instruments of wood or stone. Despite the great efforts made in hunting and planting, hunger and scarcity prowled the Earth. The

orishas came together to decide how to clear forest from a land in attempt to increase the plantation area. But their instruments were fragile. One by one, they failed in their mission. Until the day that Ogum, who knew the secret of finery, wielded his iron machete and cleared the land. The orishas admired the value of the metal, not only for farming, but also for hunting and war. In exchange for the secret of finery, they offered Ogum a kingdom. Praised by devotees of Candomblé as an orisha warrior, Ogum arrives at the lands swinging his sword, bringing strength and courage to those who have to fight. It is no coincidence that his figure is presented with a metal helmet on his head, blessed with the symbolic power of a war mask.

Private collection

CREATION + POWER + KNOWLEDGE

KU KLUX KLAN

Terrorism / White Supremacy

USA

Like the ghosts that terrify children’s imaginations covered in white sheets with eye holes, members of the Ku Klux Klan provoke fear with their macabre presence. By disguising themselves as a group, to the image of a white executioner, each member identifies with the others, weakening their individuality to strengthen the identity of the clan. Protected by anonymity, they practiced criminal acts of violence against black people, Asians, Jews and Catholics in the 19th and 20th centuries, and even today they continue to win over sympathizers who, in contrast to the law and the tide of history, dare to defend segregationist ideas.

Private collection

TRANSGRESSION + POWER

BALACLAVA

Terrorism / Islamic State

SYRIA

In addition to protection from the cold, the balaclava provides protection against outside judgment. The possibility of seeing others without being seen by them creates a power imbalance. In certain cases, there is an effect of dehumanization on the mask-wearer, who feels free to commit transgressions and even atrocities. With his face covered by a balaclava, in front of a camera, a member of the terrorist group the Islamic State, known as Jihadi John, assumed the necessary audacity to behead prisoners of different nationalities during the Syrian Civil War. In videos broadcast on the internet in 2014 and 2015, he wears the mask of the contemporary executioner, exhibiting his acts before the naked faces of millions of spectators.

Private collection

TRANSGRESSION + JUSTICE + POWER + DEATH

EXECUTIONER

Sexual fetishism

HOLLAND

The gesture of concealing one’s face hides the most revealing image of identity, the features reflected in the mirror, the portrait

pictured on IDs. The barrier of the mask reduces inhibitions, giving the mask-wearer the courage to do what he or she would never do barefaced. The donning of a sadomasochistic mask allows an association with the virile figure of the executioner to enter in scene, capable of subjugating the victim, in a fantasy in which sexual arousal is associated with a game of power and domination.

Private collection

TRANSGRESSION + SEXUALITY + POWER

BONDAGE HOOD

Sexual fetishism

HOLLAND

Bondage is a type of fetish in which the main source of pleasure stems from the act of tying up or immobilizing one’s partner. In general, it is linked to the domination/submission dynamic involved in sadomasochistic sexual practices. A bondage hood, also known as a gimp mask, permits the other to have power over the orifices of the wearer’s face. Some of these constitute erogenous zones, like the eyes (which can be blindfolded or exposed to arousing visual stimuli) and the mouth (which can be gagged or opened, in a game of control over oral arousal).

Private collection

TRANSGRESSION + SEXUALITY + POWER

V

Anonymous [Legion of anonymous internet users from various parts of the world who engage in political actions on and off the internet]

ENGLAND

Based on the comic books by Alan Moore and David Lloyd, the movie *V for Vendetta* (dir.: James McTeigue, USA / UK, 2005) popularized the mask worn by V, a libertarian who takes on the oppressive government of a dystopian England. He calls on the population of London to watch the explosion of the British Parliament wearing these masks of Guy Fawkes (a Catholic soldier who attempted to blow up Parliament in 1605, but was arrested and subsequently drawn and quartered). The narrative inspired the adoption of the same masks by the audacious members of Anonymous, in protests like those of the Occupy Wall Street movements and the Arab Spring in 2011, and the street protests in Brazil in 2013. Beyond simply hiding the identity of each member, the mask reinforces their belonging to a horizontal global brain. With no defined leaders, *Anonymous* fights against different types of oppression, employing creative techniques of digital activism (such as “*hacktivism*”) and direct action (protests, boycotts and civil disobedience).

Private collection

TRANSGRESSION + JUSTICE + POWER

DAFT PUNK

Thomas Bangalter [Musician]

FRANCE

Born to immigrant families, Franco-Mexican Thomas Bangalter and Franco-Portuguese Guy-Manuel de Homem Cristo got to-

gether during the 1990s to form the duo Daft Punk, known as “the Beatles of electronic music.” Since the beginning of their career, they have performed with their faces covered by trash bags and appeared at photo shoots wearing creepy masks, in a game of repelling and attracting the public’s attention, at times through their masks, at others through their music. With help from designer friends, they developed their celebrated robot masks, some of which even have air-conditioning and an internal communication system used during their shows. With their technological and futuristic features, the masks contain an almost alien aspect, like a kind of metaphor for the foreign origins of those wearing them.

Private collection

TRANSGRESSION

QHAPAQ QOLLA (OF CUSCO)

Feast of Our Lady of Mount Carmel

PERU

Celebrated from July 15th to 19th, the Feast of Our Lady of Mount Carmel, known in Peru as the *Virgen del Carmen*, is an occasion when popular rites with masks abound. One of the most traditional is the Dance of Qhpaq Qolla—a name which, in the Quechua language spoken by the Incas, means “powerful inhabitant of Qollasuyo.” The masked dancers pay homage to the merchants who traveled to Cusco with their llamas and alpacas, to trade wool, fibers, cheeses and other merchandise for produce grown by local farmers, such as corn, beans and coca leaves. Crafted out of wool, the original Qhapaq Qolla mask is white, but the piece on display here was subjected to a re-reading: it was adorned with the colors of the Cusco flag, referencing the miscegenation between the two groups of merchants in the formation of a single country. Often interpreted as a sign of support for the LGBT cause, the rainbow flag often confuses foreigners in search of gay tourism and provokes debates among the population of the old capital of the Inca Empire.

Luiz Filipe Carvalho Collection

POWER + HYBRIDITY

SALVADOR DALÍ (THIEF IN THE TV SERIES MONEY HEIST)

Urban crimes in Latin America

SPAIN

Released on Netflix in 2017, the series *Money Heist* has become an international hit, telling the story of a masked group that invades the Royal Mint of Spain to execute the heist of the century. Despite their intention to print money for themselves, the thieves are portrayed as heroes for targeting an icon of financial capitalism immune to the socioeconomic crisis that affects numerous countries around the world. The mask worn by the thieves, representing the face and irreverent mustache of Spanish painter Salvador Dalí, evokes the audacity of an artist who preferred to challenge reality rather than submitting to it. The show’s popularity in Latin America was confirmed in early 2018: in the month

of April alone, gangs in Brazil, Argentina and Chile were caught engaging in crimes of burglary, theft and drug trafficking dressed as the characters from *Money Heist*.

Private collection

TRANSGRESSION + JUSTICE + POWER

NKISI

Rites of the Bakongo people

DEMOCRATIC REPUBLIC OF THE CONGO

Anyone frightened by the villain from the horror movie *Hellraiser* (directed by Clive Barker, England, 1987), whose whole cranium is covered in pins, probably wouldn’t have imagined that the Bakongo people in the Democratic Republic of the Congo conceived of a similar figure whose function is sacred and supernatural. Among the Bakongo, a mask or statue with razors and nails stuck in the wood usually denotes a promise made by a person or a group. A promise that must be kept: if it happens to be broken, it is believed that this disrespect will result in death. These are pieces based on the statuettes of power known as *Nkisi*, magical objects that promote a continuous exchange between the world of the living (visible) and the world of the dead (invisible).

Ivani and Jorge Yunes Collection

POWER + SUPERNATURAL + DEATH

MASQUE REJETÉ

Pascale Marthine Tayou [Contemporary artist]

CAMEROON

In the 1990s, Cameroonian artist Pascale Marthine Tayou first gained notoriety for his quest to artistically redefine the post-colonial culture, raising questions about globalization. The piece on display here is part of his series *Masques Rejetés* (“rejected masks”), which associate references to traditional African peoples with global and contemporary elements. The artist takes inspiration from a style of representing mouths similar to that of the Nkisi people of the Congo, and the similar to that of the peoples who live in Gabon, as well as other groups that cover the eyes with red or white lines, in reference to priestly wisdom. But he produces a curious effect by adorning the mask with a modern pair of dark glasses, and also adds small plastic objects on top of the head, problematic materials in the debate about recycling material, also relevant in the artist’s repertoire.

Courtesy of the artist / Galleria Continua Collection,

San Gimignano, Beijing, Les Moulins, Havana

HYBRIDITY + CREATION + TRANSGRESSION

CLOWN NOSE

Clown techniques

UNKNOWN ORIGIN

The figure of the clown dates back thousands of years: there is evidence that there were jesters entertaining Egyptian pharaohs around the year 2500 BC. But the origin of the red nose, considered the smallest mask in the world, remains unknown. A common hypothesis is the association with the figure of the drunk: pa-

thetic, clumsy, provoking joy and laughter against a backdrop of sadness. Worn in the circus, the theater, political protests, operas and carnivals, the clown nose reduces the transformative gesture of masking oneself to a minimum, enhancing, through a small object, the symbolic importance of a cross-cultural tradition.

Private collection

TRANSGRESSION

ATSARA

Bhutanese Buddhist festivals

BHUTAN

With their masks and irreverent facial expressions, the *atsaras* are indispensable characters at any religious festival in Bhutan. They entertain the monks and the audience, help the dancers with their costumes, make lascivious jokes and, when the ceremonies start to turn tedious, distract the crowd with their mischief. Based on the image of *acharyas*, religious masters from India, they are the only ones who have permission to mock religiousness in a society where sacred matters are treated with the utmost seriousness and respect. On these festive occasions, they provide a voice for freedom of expression and movement, which is welcomed and tolerated by the ruling religious order. His transgressive character is also represented by the force of the eye-catching red of his outfit and the actual mask, adorned with a phallic attachment at the top of the head.

Private collection

TRANSGRESSION

HEISHI-TORI

Bugaku dance [Traditional style of masked dance imported from China in the 8th century]

JAPAN

In medieval Japan, a group of big-nosed barbarians come to the home of a host, who welcomes them in, asking his servant Heishi-tori to offer wine to the visitors. Once they are sufficiently drunk, the foreigners get up and begin to dance, moving their large noses. Except for one of them, deceived by the astute Heishi-tori, who switches the glasses, drinks the wine in his place and goes off dancing groggily, completely inebriated. This is the plot behind the presentation known as *Kotokuraku*, typical of the Bugaku Dance: an ancient folk art that combines music, choreographies and theater performances. The dancers usually wear refined Buddhist garments, with equally sophisticated masks, denoting the elitist origin of the dance, appreciated solely by the nobility until it was popularized in the 20th century.

Media Art League Collection, Tokyo, New York, Toronto

TRANSGRESSION

DROFFACE

Carnival of Basel

SWITZERLAND

On the Monday that precedes Ash Wednesday, when the clock strikes 4 AM, masked revelers armed with small flashlights begin

circulating the narrow streets of the old town of Basel, playing Carnival songs. On Monday afternoon, and also on Wednesday, the Carnival group march along a planned route, opening up a path for the multitude of spectators. And when night falls, small groups wander from bar to bar, singing and engaging in spiritual play-acting, with masks that often feature comical caricatures. *Dropface* is one example of them: he represents a happy drunk—like many Carnival characters incidentally—who is extremely friendly, and so intoxicated that alcohol drips from his nose like a running faucet.

Private Collection

TRANSGRESSION

NOOHMAHL

Beau Dick [Contemporary artist of the

Kwakwaka’wakw people, native to the Canadian West Coast]

CANADA

The Kwakwaka’wakw say that, in the past, one of their ancestors came upon a floating village, home to supernatural creatures with enormous noses that were constantly runny. When he returned home, his own nose started running incessantly, so much so that he began behaving irrationally and eating his own mucus. At the Winter Ceremony, the Kwakwaka’wakw reenact this encounter through the mask of the Noohmahl, aka the “crazy dancer.” Dirty and careless, he is a sort of jester who breaks things and forces those in the audience to behave themselves, embodying an ethical paradox that recurs in the myths and rites of various cultures: the most appropriate way to act is taught through the most inappropriate character.

Collection of the Fazakas Gallery, Vancouver

TRANSGRESSION

NINJA TOBI

Cosplay [From the English for “costume + play”:

conventions of fans who dress up as characters from movies, TV shows and games]

JAPAN

Following the tradition of Japanese *manga* (comic books) and *anime* (animated films), the *Naruto* series created a great mystery: who is behind the mask of the villain Tobi, leader of a group of ninjas bent on world domination? The answer is the warrior Obito Uchiha, who, during the Ninja World War 3, offered his left eye to his companion Kakashi Hatake, leaving him with only his right eye. Gifted with supernatural powers, Ninja Tobi’s remaining eye is the only part of his face visible through the mask. With it, Tobi is able to see through fog, anticipate his opponents’ movements when in combat and hypnotize magical creatures. Worn by fans at cosplay events, this mask references the power of the gaze, in addition to the eye’s more ordinary functions.

Private collection

TRANSGRESSION + POWER

ENIGMA

?

MEXICO

This mask is a great mystery. Aside from the fact that it was found in Mexican territory in the 20th century, there is no other information about it. What do you see in this image? Who could have been the person to sculpt it? And with what objective?

Collection of the Rafael Coronel Museum

BIÀN LIǎN

Sichuan opera

CHINA

Biàn liǎn (“face changing”) is a Chinese dramatic art admired by audiences of Sichuan opera, a traditional performance that blends singing, dancing, theater, sword acrobatics and fire breathing. The masks worn in the opera are revered as treasures, charged with mysteries handed down by artists from generation to generation. The greatest of these mysteries is the performers’ ability to change masks onstage, altering the image superimposed on the face with a light, precise gesture, almost like a magic trick. One of the record-holders of the art is the celebrated master Peng Denghuai, who successfully changed masks 14 times in 25 seconds. Each mask also carries its own symbolism: the colors, for instance, can symbolize a character’s personality or emotional state. Manufactured according to the *biàn liǎn* mask-crafting technique, the pieces on display here are quite exemplary of Sichuan opera itself: one features representations of flames, which refer to fire-breathing, and the other features three overlapping faces, a reference to the fascinating secret of face-changing.

Private collection

HYBRIDITY

GUAN YU (GOD OF WAR)

Chinese opera

CHINA

Written by Luo Guanzhong in the 14th century and alive to this day in popular opera adaptations, the *Romance of the Three Kingdoms* is one of the most important works of Chinese literature. Combining historical events with fiction, the original plot involves around 1,000 characters, including Guan Yu, one of the greatest warriors in Ancient China, who lived from 160 to 220. His extraordinary strength, symbolized by the red color of his mask, earned him the title of the God of War, worshipped by Buddhists and Taoists. The mask displayed here is not directly used in the opera. It serves as a model for Guan Yu’s traditional style of makeup, reproduced in every presentation as a mask painted directly on the performer’s skin. The God of War is so adored that the city of Jingzhou erected a statue that stands 48 meters tall and weighs 1320 kilos in his honor, representing the solemn and grandiose image of the general who became a mythic hero.

Ai Weiwei Collection

POWER + JUSTICE

LUCHA LIBRE

Wrestling

MEXICO

Since the early 20th century, wrestling has been a national passion in Mexico, where it has taken on an unmistakably dramatic style, with masked individuals flying around the ring in choreographed spectacles. The use of masks dates back to the tradition of Aztec warriors, who used to don eagle and jaguar masks in order to enter the battlefield armed with the strength and agility of these animals. The masks worn by contemporary wrestlers also reference animals, in addition to gods and heroes, or the colors of the Mexican flag, like the piece displayed here. In general, the mask-wearers assume a gimmick: a character distinguished not only by a mask, but also by typical clothing and attack moves. El Santo, the greatest *luchador* of all time, kept his identity outside the ring secret until the last year of his life. After his death, he was buried in his iconic silver mask.

Private collection

TRANSGRESSION + POWER

SKIN TAL (ANA AMARI)

Cosplay [From the English for “costume + play”:

conventions of fans who dress up as characters from movies, TV shows and games]

USA / THE KOREAS

Ana Amari is a fearless warrior, willing to risk her life to defend those in need. She is one of the fighters in the video game *Overwatch*, which can be played online by various people at the same time, released in 2014 the American company Blizzard Entertainment. Set in the future and with the threat of a world war, the plot sees a team of human and superhuman heroes chosen by the UN to establish peace on the planet. If chosen by a player to serve as his or her avatar, Ana can fight wearing a curious mask, sculpted in the typical style of a Korean folk dancer known as *Talchum* (*tal*: “mask,” *chum*: “dance” in Korean). The mask serves as a second skin for Ana, referencing the character’s profile as guardian, since the mask tradition in the Koreas dates back to ancient holy rites with masked dancers crying out for protection against disease and danger.

Private collection

POWER + JUSTICE

CYBERNETIC GEISHA

Cosplay [From the English for “costume + play”:

conventions of fans who dress up as characters from movies, TV shows and games]

JAPAN / USA

In the year 2029, technology is everywhere, including in the criminal tactics employed by cyberterrorists. In the fight against digital crime, Major Motoko Kusanagi has had her body modified so many times that she has almost become a robot, with just a ghost of her former self remaining. Kusanagi is the protagonist of the science-fiction manga *Ghost in the Shell* created by

Japanese artist Masamune Shirow. The original story released in 1989 has given way to a series of adaptations, culminating in the film version directed by Rupert Sanders (*Ghost in the Shell*, USA, 2017), which features geisha masks that confer peaceful, harmonious expressions upon ultra-technological cyborgs in an intriguing contrast between past and future, tradition and innovation. An ancient Japanese figure, the image of the geisha, with her elegance and willingness to place herself at the service of men, is employed in the movie as the very incarnation of artificial intelligence. But it also represents the fear that the creation can potentially revolt, to the point of ultimately destroying the creator.

Private collection

CREATION + POWER

QHAPAQ NEGRO

Feast of Our Lady of Mount Carmel

PERU

From July 15th to 19th, thousands of people gather in the town of Paucartambo, in the Peruvian province of the same name to celebrate the Feast of Our Lady of Mount Carmel, known there as *Virgen del Carmen*. The city is famous for the elaborate sophistication of the masks, declared a National Cultural Heritage in 2018. One of the party’s typical attractions is the Dance of the Qhapaq Negro, a character that combines African, European and indigenous elements. In the Quechua language spoken by the pre-Colombian peoples like the Incas, *qhapaq* means “great” or “powerful.” In the context of the dance, it references the figure of a black man as a slave, but with blue eyes like a rich European colonizer, who sings verses that alternate between Quechua and Spanish to pay homage to *Mamacha*—the popular nickname for the Virgin Mary in Peru. In addition to demonstrating the combination of different references in the formation of Peruvian culture, the Qhapaq Negro attests to the efforts made by the colonized to adapt their beliefs to the conditions imposed by the colonizers, so that they would be able to continue practicing their faith.

Luiz Filipe Carvalho Collection

HYBRIDITY

CH’UTA

Carnival of La Paz

BOLIVIA

A typical character of the Aymara people, native to the Andes, Ch’uta represents indigenous subjugation to the *mita*—a system of forced labor imposed by the Spanish colonizers. On work days, they fulfilled their obligations to the landowner and, on weekends, they could play and party. Characterized by a strong syncretism between indigenous and European cultures, Bolivian carnival harkens back to the state of freedom enjoyed by the Aymara in the intervals between work days. Disguised as a boss, with a hat and plentiful facial hair, Ch’uta takes to the streets to dance and cause mischief, like hitting others with a ball.

Collection of the Latin America Memorial, São Paulo

TRANSGRESSION

BWOOM

Rites of the Kuba Kingdom

DEMOCRATIC REPUBLIC OF THE CONGO

The Kuba Kingdom reached its peak between the 17th and 19th centuries, uniting around 20 different peoples under the authority of a king (*Nyim*), belonging to the Bushongo clan. To this day, the king governs with a council of leaders from all the Kuba subgroups, represented in initiation rites as masked beings, as part of the teachings of the kingdom's historical and mythological narratives to young people. The mask of the *Nyim*, made of leopard skin, symbolizes the king's superiority over other leaders portrayed by masks of antelope skin. Other masks have a part in the performances, including the *Bwoom*: a character that participates in the story of a brother who attempts to usurp the king's throne—a recurring theme in the history of humanity and various mythologies.

Ivani and Jorge Yunes Collection

POWER

JUANEGRO

Dance of Juanegro

MEXICO

The dance of Juanegro (also known as Juan Negro or Cuanegro), typical of the Mexican region of Huasteca, reenacts the fight between a Spanish settler and his taskmaster for the love of a young lady. Sunburned from working outdoors, Juan Negro has a dark-colored mask while *señor* Juan Blanco, who lives his life in the shade and cool water has a light-toned mask. For some mysterious reason, the maiden disputed by rivals is represented by an unmasked male dancer, who wears only a dress. At the end of their dispute, Juan Blanco is always the one to get the girl, denouncing the widespread injustice in terms of rich and poor that prevails throughout the history of Latin America.

Collection of the Rafael Coronel Museum, Zacatecas

POWER

PRINCESS

Nuo exorcism dances

CHINA

For Chinese devotees of the Nuo tradition, disease and catastrophe can be attributed to the actions of ghosts, mainly those of people who suffered violent deaths. In order to drive away these and other inopportune presences, the faithful engage in a series of sacred rites, with an emphasis on the exorcism dances practiced in such provinces as Jiangxi. During the dances, mask-wearers fulfill the function of mediums, each lending their body to a divinity tasked with driving away unwelcome spirits. In some regions, the ceremonies are reenacted as veritable military battles, in which an army of gods battles one or more rebel demons, with generals, warriors, princes and princesses occasionally clustered into the plot. In the end, the spirits are not always killed or vanquished: it is common for them to

be merely expelled, promising to return, which symbolizes the impossibility of exterminating evil once and for all.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection,

Lisbon

POWER

WOMAN’S FACE (NGOIN)

Rites of the Bamileke people

CAMEROON

Various peoples inhabit the territory of modern-day Cameroon, and the majority of them maintain a rigid social hierarchy, structured into kingdoms and chiefdoms. Among the Bamileke, each one of these groups has their own *fon* (leader), in addition to a society of princes related to him. This social structure is reflected in a rich production of statues and masks, which often serve to dignify representatives of royalty. But in general, the Bamileke masks have intricate functions: they can be used in coronations, funerals and commemorative events, and are sometimes connected to the harvest during drought periods. The standards of Bamileke succession and ancestry follow the male lineage, and an individual man can have dozens of wives. Up until the 1960s when the law was changed, women were included in the inheritances passed from deceased fathers to their firstborn sons.

Ivani and Jorge Yunes Collection

POWER

BIRD (ANOMANA)

Rites of the Baule people

IVORY COAST

The mythology of the Baule people states that their ancestors came to Ivory Coast led by Queen Abla Pokou, who parted the waters of the Comoe River so that her people could safely cross (a scene that bears a strong resemblance to the Bible passage about Moses and the Red Sea). Another version of the myth states that the queen relied on help from hippopotamuses and crocodiles to cross the impetuous river. Animals are references featured in various Baule masks. In this model, a bird similar to a hornbill, a symbol of fertility and abundance, is pecking the forehead of a human face, as if impregnating it, hence the swollen look of the face, which refers to pregnancy.

Ivani and Jorge Yunes Collection

SEXUALITY + SUPERNATURAL

CHAQUIRAS

Rites of the Kamëntšá people

COLOMBIA

According to the Kamëntšá, an indigenous people that inhabit the southwestern region of Colombia, all human beings are gifted with a spirit that is born from the land and which, after death, transforms into a seed which returns to it. The seed, a symbol of fertility and the germination of the land, is an important element for the Kamëntšá culture, which references both agriculture—as the people are strong in the plantation of such grains as corn, beans and peas—and artisanal activities—famous for crafting

masks adorned with beautiful mosaics of beads, or *chaquiras*. The piece displayed here has a connection to fertility: it is a female mask, associated with abundance and sexuality. The masks are worn by the Kamëntšá in different rites, which sometimes include the consumption of medicinal or psychotropic plants such as *yagé* (also known as *ayahuasca*), allowing shamans to promote cures and make contact with a magical dimension of experience.

Private collection

SEXUALITY + POWER

NIQAB

Women’s apparel

SAUDI ARABIA

The *niqab* is a veil that covers Muslim women's faces, leaving only their eyes visible (which distinguishes it from the *burqa*, which also conceals the eyes behind a cloth grille). According to the tradition of the peoples who maintain its use, the veil protects women from male aggressiveness, while at the same time protecting society from the desire of females, considered dangerous and a threat to public order. The *niqab* is adopted by girls after they begin menstruating, symbolizing their entry into a phase of life in which they become fertile and, as such, more sought-after. A flashpoint for feminist debates in cultures opposed to its use, the veil can represent a restriction on freedom for those who oppose it, or a right to cultural and religious liberty for those who defend its importance.

Private collection

SEXUALITY + POWER

BUNNY

Events sponsored by Playboy Magazine

USA

When the journalist Hugh Hefner created the men's magazine *Playboy*, released in 1953 with Marilyn Monroe on the cover, he wanted for the publication to reflect the lifestyle of a virile yet sophisticated male. The mascot chosen was the bunny: “the playboy of the animal kingdom,” according to Hefner. Famous for its high reproductive capacity, the bunny is associated with sexuality in the cultural imagination of many countries. The central character in the Easter holiday, this figure is connected to the notion of fertility, symbolizing the hope of renewed life. In the world of *Playboy*, the image of the bunny is more directly associated with women than men: the so-called Playboy Bunnies are employees that work at events sponsored by the magazine, wearing erotically-charged outfits that reference the animal.

Private Collection

SEXUALITY

DISHONEST WOMAN

Lhamo Theater [Classic style of dramatic Tibetan art

involving music, theater and dance]

TIBET

The figure of the adulterous woman haunts the imagination of men from different cultures and eras. While male infidelity

is historically tolerated in various parts of the world, and in some of them polygamy remains an official privilege exclusive to men, female infidelity, on the contrary, is currently punishable by death in nine countries. In Tibet's Lhamo Theater, the Dishonest Woman is included among the characters of the known repertoires of plays, which convey Buddhist moral teachings while maintaining poetic, amusing language. According to the Lhamo tradition that the colors symbolize a character's profile and mood, the Dishonest Woman wears a mask that is half white, half black, indicative of her cunning, duplicitous character.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection,

Lisbon

TRANSGRESSION + SEXUALITY

OKUYI

Rites of the Punu people

CONGO AND GABON

In the female rites of passage from childhood to adulthood, the Punu people invoke the protection of ancestors' spirits of pubescent girls. With the eyes almost closed, suggesting the wisdom of one who looks beyond appearances, this Okuyi mask features marks of scarification, a technique that produces scars on the skin, as signs of strength and beauty. The sets of stitches, combined into geometric shapes, also carry a sexual connotation. Present in the ceremonial dances in worship of the full moon, this mask can also be used in funeral rites, indicating a proximity between actual death and the symbolic death involved in menstruation (a girl dies so that a woman can be born). Though representative of a female ancestor, it is usually worn by men who dance while masked and on stilts up to two meters tall.

Collection Ricardo Leitão

SEXUALITY + SUPERNATURAL + KNOWLEDGE + DEATH

ZAOULI

Rites of the Guro people

IVORY COAST

Guro farmers created the custom of gathering at night to dance after a long day of work in the fields. They believed that, in doing so, they would increase their village's productivity. This is the origin of the Zaouli Dance, which would later be incorporated into funerals and other ceremonies. Every Guro village has its own Zaouli dancer, who dances while wearing the mask of the same name, representing the figure of a grotesque animal with human features and long horns. It is part of an important family of Guro masks, along with the *Zamble* (a leopard or crocodile face with horns) and the *Gu* (a human face). Together, they illustrate the Guro propensity for syncretism, combining animal, human and supernatural elements.

Konan Kouakou David Collection

HYBRIDITY + SUPERNATURAL + DEATH

SIMISI& TANSSI

Damselfrau [Contemporary artist]

ENGLAND

Norwegian artist Magnhild Kennedy believes so strongly in the transformative power of masks that she has masked her own name: she adopted the artistic pseudonym Damselfrau (“Madame Maiden”). Using the female face as media, her work discusses the dynamic between that which a mask can hide and that which it can make appear. Both examples displayed here, titled *Simisi*, belong to a series in which the artist proposes a reinterpretation of the Muslim *burqa*. Working with colorful embroidery on translucent fabrics, she addresses the paradox between what the use of the veil conceals and reveals of feminine mystery and beauty.

Damselfrau Collection

SEXUALITY + POWER

ANCESTRAL SPIRIT

Rites of the people of the Middle Sepik

PAPUA NEW GUINEA

According to the oral tradition of the peoples who live by the banks of the Sepik River in northeastern Papua New Guinea, their masks originated when a number of women heard sounds produced by spirits underwater. Attempting to find the source of the noises, the men stirred the bottom of the river with rods, until one of them decided to swim to the bottom. When he came back up to the surface, he told everyone that he had seen underwater spirits wearing large masks. Since then, men came to create masks resembling these entities. Crafted in the 19th century by an artisan of the Middle Sepik, the example displayed here represents a mythical ancestor. Like other sacred masks, it is not worn on the face, but remains exposed on a support inside the House of Men (also known as the *Haus Tambaran*), the meeting place for members of the male sex who determine what direction the village will take.

Private collection

POWER + SUPERNATURAL

VOLTO

Carnival of Venice

ITALY

There are registers that prove the Venetian people liked to have carnivals as early as the 11th century. But the famous masks of the Carnival of Venice date back to the 16th century, when the nobles decided to mix with the plebs in the parties, but didn't want to be recognized. The mask called *Volto*, Italian for “form” or “face”, is the one that best translates this tradition. Colored white, like the makeup of aristocrats, and adorned with gold in reference to nobility, it offers the wearer a new face and the liberty that comes with anonymity. The most revealing part of the human body, the face is only directly visible to others: no one is able to see their own without the use of mirrors or portraits. In its many variations, the *Volto* mask is also evocative of a ghost

mask: pallid, inert and inexpressive, it functions as an indicator of the presence of an absence.

Courtesy of Carlos Testa

POWER + SUPERNATURAL

BWETE

Rites of the Kwele people

GABON

Conceived as representations of benevolent spirits of the forest, the masks of the Kwele people portray humans, animals or combinations of the two in faces that are generally painted white, symbolizing purity. They are usually worn in initiation rites or at the end of a mourning period. And it is regulated by the *Bwete* association, the group responsible for maintaining the social order in a Kwele village. The example on display here, which exhibits a face enveloped by a large pair of horns, might be included in the series of Kwele masks that combine human and sheep features, often worn for protection against bad luck and witchcraft.

Ivani and Jorge Yunes Collection

HYBRIDITY + POWER + SUPERNATURAL

KALI

Chhau Dance of Purulia

INDIA

With a weapon in each of his ten hands, the warrior goddess Durga, mounted on a lion, fought against the demon Mahishasura. In the midst of the battle, she became so furious that rage exploded from her forehead in the form of Kali, who was born devouring all the demons around her and tying their heads to a string that she wears around her neck. Lover of Shiva, the god of destruction, which precedes all creation, Kali is also associated with life's cycles of transformation, though she is portrayed as having a frightening appearance. The goddess of death and time, which devours all things, she represents violence and female sexuality, but powerful maternal love is also attributed to her. Her mask is one of the most important in the Chhau Dance, performed in the Indian city of Purulia, a sacred tradition that involves masked dancers engaged in acrobatic movements, generally realized at ceremonies of strong religious significance.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection,

Lisbon

CREATION + TRANSGRESSION + SEXUALITY + POWER + SUPERNATURAL + DEATH

MAHAKALA

Tibetan Buddhist rites

TIBET

In Sanskrit, *maha* means “great,” and *kala*, “death” or “time”—hence the name Mahakala: “greater than death” or “greater than time.” Originally a Hindu divinity, considered one of the forms of Shiva, the god of destruction, Mahakala is also praised in the Buddhism practiced in China and Japan. In Tibetan myths, he appears

disguised as a crow, a bird associated with death, or as a black man from India and sculpts a sacred statue and eventually merges with the statue of his own making. He can be represented as having black, blue or white skin, but his features always convey fury, as is typical of a *dharmapala*, a valiant defender of the *dharma*: the Buddha’s “law” or spiritual teachings. In Tibet, his mask can be worn in religious rites or hung on the walls of monasteries and homes for protection. Like Shiva, who destroys everything in his path upon opening his third eye, Mahakala references the idea that destruction must precede any possibility of construction and renovation.

Private Collection

DEATH

GHOSTFACE

Halloween

USA

In the feature film *Scream* (dir.: Wes Craven, USA, 1996), and its three sequels, the Ghostface mask is circulated among different characters. In addition to the power to kill, it confers upon the murderer the pleasure of terrifying the other, condensing references to the figures of the ghost, the skull and the hangman. The movie references the 1893 painting of the same name by Norwegian artist Edvard Munch, suggesting that the mask’s scream functions as a macabre mirror, reflecting the victim’s own scream. Popular at Halloween parties, the Ghostface hood was used in a number of crimes committed by teenagers in the 1990s, leading the US Senate to debate the influence of violent movies on young audiences.

Private collection

TRANSGRESSION + POWER + DEATH

MUERTE

Carnival of Barranquilla / Garabato Dance

COLOMBIA

Spanish in origin, the Garabato Dance is one of the most expressive homages of the carnival celebrated every year in Colombia and other Latin American countries on the Atlantic Coast. In an emblematic performance, a reveler dressed in black and white who wears the Death mask confronts dancers in multicolored outfits representing the Carnival Spirit, the very personification of life. In Barranquilla, the paraders use staffs with red, yellow and green ribbons, the colors of the city’s flag. In the end, the Carnival Spirit is always victorious, the icon of the happiness and liberty that embody the days of the festival.

Private collection

DEATH

SKULL

Judea Cora

MEXICO

Judea Cora is a celebration associated with the Christian holiday of Easter, a tradition of the last people in Mexico to be conquered by the Spaniards: the Cora people, who to this day live in diffi-

cult-to-access regions in the Mesa del Nayar mountains. Characterized by religious syncretism, the festivities extend throughout Holy Week, from Wednesday to Saturday. They celebrate a rite of pre-Hispanic roots in which Tayau (the sun) agonizes, dies and reemerges in the form of the Father Sun, a plot that resembles that of the passion and resurrection of Jesus. During the ritualistic dramatization, the “smeared ones” or “Jews” (Christ’s persecutors) paint their bodies with red and yellow stripes, or with streaks of mud, and don a variety of masks, in general demon masks—like the example on display here: the portrait of a skull, the utmost symbol of death, but which seems to smile, perhaps suggesting belief in the resurrection. Only at the end of the festivities, on Saturday morning, do the masked individuals jump in the river and let the waters purify their souls, while the currents carry their masks away and destroy them.

Collection of the Rafael Coronel Museum, Zacatecas

SUPERNATURAL

DURDAG

Dance of the Masters of the Cremation Grounds

BHUTAN

The area surrounding Mount Meru, which is mythical and sacred in Hinduism as well as Buddhism, are home to the cremation grounds defended by the Durdag: spirits that safeguard access to the cosmic Mandala where the tantric divinities reside. Included among the frightening and protective figures of the *dharma*, the Buddha’s “law,” the Durdag are represented by skeletons. During *Thimphu Tsechu*, the most important religious festival in Bhutan, they are incarnated by four monks wearing skull masks who perform the Durdag Cham: the dance of the Masters of the Cremation Grounds. They shake their hands and stomp their feet on the ground, convoking the spirits of the dead in order to free them from attachment to this world and prepare them for the next one. In the performance, they destroy an effigy that depicts a human body, offering its remains to the tantric divinities. This gesture references the fact that, in Bhutan, there are hardly any cemeteries: the Bhutanese prefer to cremate their dead and scatter the ashes in the running water of a river.

Private Collection

DEATH

MUERTE DIABLO

Day of the Dead

MEXICO

In various regions of Mexico, the Day of the Dead festivities, which partially coincide, with All Souls’ Day on the Catholic calendar, are not characterized by mourning and sadness, but by joy. According to the tradition of various peoples of pre-Colombian origins, including the Aztecs and Mayas, it is on this day that the spirits of deceased relatives return to the world of the living and visit their descendants. To welcome them, each family prepares an altar with photos, flowers, food and objects that were appreciated by the dead. In some locales, the par-

ties feature parades, masks and dancing. The mask displayed here comes from Sierra Gorda, a region where the tradition is strongly maintained by the Pame people, who live in precarious economic conditions, but still don their skull and zombie costumes without fail in the first days of November, paying homage to the souls of the dead.

Collection of the Rafael Coronel Museum, Zacatecas

SUPERNATURAL + DEATH

JAUK KERAS

Calonarang [Dramatic rite involving music and dance,

traditional on the island of Bali]

INDONESIA

There once was a witch so powerful that no man dared come near her daughter, fearing she might be as threatening as her mother. Furious, the witch employed black magic to curse and kill many people. The king, then, was forced to wage a battle against her, which ended up positioned as a battle of good against evil. *Calonarang* is a rite which dramatizes this story through music, theater and dancing with masks. One of the characters is Jauk Keras, king of the giants who looks like a demon and wanders the forests. In his performance, the masked man playing Jauk Keras usually makes vigorous movements with his hands, enhanced with enormous, frightening claws. His presentation, generally solo, is included among the large number of traditional masked dances on the small island of Bali, passed down from generation to generation to this day. Many are performed inside Hindu temples, Hinduism being the main religion on the island, unlike the rest of Indonesia which is majority Muslim.

Eduardo Vaccari Collection (Maschere: Research Workshop on Theatrical Masks)

POWER + SUPERNATURAL

DEVIL

Pastorela of Michoacán

MEXICO

Michoacán is one of a number of Mexican states that maintain the Catholic tradition of the *Pastorela*, a theatrical representation of the birth of Jesus Christ held outdoors. The celebration was established in the 16th century by Franciscan friars to promote the evangelization of indigenous peoples in New Spain. The performance centers around shepherds who journey to Bethlehem to give praise to the newborn, but are led astray by a group of devils: masked people who recite lines and dance to the sound of a band. In the end, Saint Michael defeats the *diablos* [devils], and the shepherds offer presents to the baby Jesus, singing Christmas songs. More than just a simple version of the old plot of good versus evil, the festival took on social and political nuances over the centuries. The characters’ lines are updated by the living function of popular culture, which re-contextualizes the tradition each year.

Collection of the Rafael Coronel Museum, Zacatecas

SUPERNATURAL + POWER



TASTUÁN DEMON

Tastuán or Tastoanes festival

MEXICO

Popular in states such as Jalisco and Zacatecas, the festival of *Tastuán* or *Tastoanes* (words derived from the Aztec term *tlatoani*, “lord”) is celebrated every July 25th in honor of James the Greater, better known as Santiago, patron saint of the Spanish conquest of Mexico. The festivities dramatize the conflict between a landlord, whip in hand, and a series of demons that taunt him, wearing the masks of beasts or with a surface that features reptiles sculpted in low relief, monstrous figures that correspond to images that colonizers had of the colonized. Some masked figures are struck hard by the whip, but even this isn’t enough to make them abandon the game. Reading between the lines, you’ll spot a subversive message: even though the colonizer’s saints are quite violent, the colonized are not intimidated in their acts of confrontation and resistance.

Collection of the Rafael Coronel Museum, Zacatecas

HYBRIDITY + POWER + SUPERNATURAL

NAGA RAKSA

Kolam Theater of Demons of the Sinhalese people

SRI LANKA

In Sri Lanka, the Sinhalese people, the country’s ethnic majority has the custom of crafting and wearing demon masks on two occasions: in the rites of exorcism for demons that cause illness (*Sanni Yakuma*) and during performances

of the so-called Kolam Theater, a traditional dramatic art with strong religious significance linked to fertility and the birth of babies. These folk theater performances often feature mythical plots and morality plays with elements of humor, involving several characters, some with masks so heavy that they need to be removed so the dancers can rest while not onstage. Naga Raksa, a demon featured in a traditional Kolam play, is depicted by a mask covered in serpents, representing the dangerous nature of venomous creatures and instilling fear in the audience. The presentations follow the Sinhalese belief that pain and disease are often caused by demons, such that the recommended treatment in these cases includes the symbolic efficacy of sacred rites.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

SUPERNATURAL

DEVIL

Folklore of Sierra Gorda de Querétaro

MEXICO

The region of Sierra Gorda in the Mexican state of Querétaro is filled with mountains, valleys and caves. And one of these caves, which can only be reached by a trail through dense woods, holds an intriguing mystery. When one goes through the narrow opening, which only allows one person to enter at a time, the green of the forest gives way to a grayish color and the hot, humid climate gives way to a cold, dry sensation. Against the back wall, you see a statue of the Virgin Mary

surrounded by candles. But a keen observer is also able to distinguish forms of diabolical faces on the walls, sculpted and designed by nature itself. Some residents in the region say that the cave was inhabited by a demon, others say it was Satan himself, until they placed the statue of the Virgin inside and successfully expelled the intruder. During the Christmas season, the saints and angels also battle a group of masked devils, in the outdoor theater of *Pastorela*, a dramatization of the fight of good against evil appreciated in Querétaro and other Mexican states.

Collection of the Rafael Coronel Museum, Zacatecas

SUPERNATURAL

KOLA

Sanni Yakuma [Sacred rite of exorcism for the Sinhalese

people]

SRI LANKA

The Sinhalese people, the ethnic majority in the nation of Sri Lanka, maintain a medicinal tradition based on supernatural forces: various diseases that afflict people are treated through a rite of exorcism known as *Sanni Yakuma* (*sanniya*: “ailment; *yakuma*: “demon ritual”). This is so because each demon is deemed responsible for causing a specific disease, as is the case of Kola, who dominates the body of the afflicted, causing pneumonia. The treatment can involve 20 participants, many of them wearing demon masks. But the minimal amount of people for the ceremony to take place is four: the percussionist who plays the ritualistic music, the masked dancer who incarnates the demon

to be exorcized, the exorcist who makes offers in the name of the afflicted and convinces the demon to leave him or her, and patients who participate in the dance and generally go into a trance, from which they emerge cured.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

POWER + SUPERNATURAL

CROCODILE

Judea Cora

MEXICO

For the ancient Mixtecas, the Earth was born from a crocodile who lived in the original ocean. The Maya origin myth follows similar lines: it tells of a great primordial crocodile that carried the Earth like a shell on its back. In Maya mythology, it can be represented with a U in its head (lunar symbol), where water lilies and corn sprouts bloom. Or it can have two heads, assuming the function of a guardian of pathways. Crafted by a Cora artisan, the mask on display here proves that the image of the crocodile continues to occupy a place in the region's cultural imagination. Examples like these are common in the celebration known as *Judea Cora*: a kind of syncretic Holy Week, which blends Christian and pre-Colombian references. Smeared with mud and paint, the revelers who play those persecuting Christ (or the god Sol Tayau) make their own masks, generally animalistic or beastly, and on the last day they bathe in the river, surrendering their masks to the currents.

Collection of the Rafael Coronel Museum, Zacatecas

SUPERNATURAL + CREATION

HANNYA

Bidou Yamaguchi [Contemporary artist]

JAPAN

In the repertoire of Noh Theater, the only character to change masks during the same show is the beautiful Kiyohime. She falls in love with a priest and insists on seducing him, so much so that he flees and hides in the temple underneath a large, bronze bell. Enraged by the rejection, she pursues him and eventually turns into a serpent which coils around the bell and melts it from the heat of her rage, killing her beloved as a result. It is at the height of her fury that Kiyohime dons the *Hannya* mask, which depicts a female demon possessed by jealousy and tormented by obsession. On the one hand, she is frightening, but on the other, she allows a fragile, pained aspect to shine through. In some versions of this mask, these different nuances vary according to angle: viewed from the front, her face appears demonic, but viewed from above, head down, it looks like she is crying. This version is the work of Bidou Yamaguchi, one of the most important contemporary sculptors of Noh masks, who followed the tradition of crafting them out of a single piece of Japanese cypress, adorned with gold coating.

Target Corporation Collection, Minneapolis

HYBRIDITY + TRANSGRESSION + POWER

TSONOQUA

Beau Dick [Contemporary artist of the Kwakwaka’wakw people, native to the Canadian west coast]

CANADA

According to Kwakwaka’wakw mythology, Tsonoqua is a monstrous, female being that lives in the woods. Having enormous breasts, magical treasures and great fortune, she is capable of knocking down trees and resuscitating the dead. She has the power to improve health and cure the wounded, but she is also feared for abducting children in order to devour them. Legend has it that a savage woman once stole a salmon from a hunter in the forest, and that he subsequently killed her son. Another man felt pity for her and took her to her son's body. After resurrecting her son, she rewarded the man with pelts, meat and a mask of her face, which he and his descendants could wear in rituals. A kind of Great Mother devourer, who cares for children, but is capable of swallowing them, as if wanting to reintroject her baby, Tsonoqua presents her mouth as open whispering “woo, woo,“ a sound resembling the wind, which she emits in order to attract the little ones.

Collection of the Fazakas Gallery, Vancouver

POWER + SUPERNATURAL + DEATH

KAISHAN

Nuo exorcism dances

CHINA

In the beginning, nothing existed in the universe except for chaos which was unified inside a cosmic egg for 18,000 years. Inside the egg, balanced between Yin and Yang, the first living being was born: the giant Pangu. With a swing of his axe, he separated the Earth (Yin) from the heavens (Yang). He had to use all his strength to keep them separate for another 18,000 years. When Pangu died, his breath was transformed into the wind and the clouds. His two eyes became the sun and the moon. And so on, until the entire world was created from the particles of the creator-god. One of the animalistic forms assumed by his spirit, *Kaishan* (“he who opens mountains”) is depicted with prominent canines and is included among the main gods invoked in Nuo exorcism rites, practiced in the Chinese province of Hunan. In the temples where these ceremonies are held, large masks representing the divinities are placed on the altar in hopes that they will serve the task of driving away evil spirits.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

CREATION + POWER + SUPERNATURAL

DARTH VADER

Cosplay [From the English for “costume + play”:

conventions of fans who dress up as characters from movies, TV shows and games]

USA

When filmmaker George Lucas read *The Hero with a Thousand Faces* by mythologist Joseph Campbell, he found the inspiration he had been looking for to tell an enchanting story. He used elements highlighted by Campbell as having repeated in the myths

of different peoples and from different ages to create the *Star Wars* saga, a kind of postmodern mythical narrative. In the series’ original trilogy, the mask is part of the armor that keeps the villain Darth Vader alive, with his robotic voice and wheezy breathing. Half man, half machine, he was seduced and corrupted by the dark side of the Force in his quest for unlimited power. But after he has wounded in a duel with his son Luke, he requests that he remove his mask, exposing his mortal, human face. Their final confrontation, in which each wields a lightsaber, represents two recurring themes in various mythologies: that of the oppressed who fights against the oppressor, and that of the son who de-thrones the father, moving the order of the generations forward.

Private collection

TRANSGRESSION + JUSTICE + POWER

LUZBEL

Fiesta de los Negritos

MEXICO

Popular in the Mexican state of Guanajuato, the *Fiesta de los Negritos* dramatizes a struggle between good and evil with religious roots, but already mixed with popular culture. Saint Michael, guardian of the child Jesus, counts on the help of allies to defend him against evil. Among these allies are the hermits, the *caporales* (taskmasters) and the *negritos* (slaves). On the evil side are three black devils named Astúcia, Pecado and Luzbel —“luz bela,” or Lucifer, the former angel fallen from heaven and condemned to Hell by God. In addition to threatening the child Jesus, the devils promote disorder on Earth. They dance in masks, chasing audience members who watch the show, until they are struck down by Saint Michael, who expels them from the church. From there, the devils continue to make mischief in the streets, accompanied by a musical band, followed by people in a pilgrimage from house to house until night fall.

Collection of the Rafael Coronel Museum, Zacatecas

SUPERNATURAL + TRANSGRESSION

KING KLANA

Wayang Topeng [Traditional Javanese mask theater]

INDONESIA

Once upon a time, there was a prince named Panji, of the Janggala kingdom, who needed to make a long journey in search of his fiancé, Princess Candra of the Kediri kingdom, who disappeared in the forest on their wedding day. Throughout his adventures, the prince has to overcome many obstacles and fight various rivals. But none of the fantastical figures he has to face are as malicious as King Klana, a proud foreign leader who threatened to occupy part of Java in the 12th century and ended up as a typical character in the traditional Javanese mask theater. The theater has as its main repertoire the fictional adventures of the loyal and heroic Prince Panji, combined with historical events that occurred on the islands of Java and Bali.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

TRANSGRESSION + POWER

TENGU

Tengu Festival

JAPAN

A magical character of Japanese folklore, the Tengu (“heavenly dog”) is a goblin martial arts fighter who uses his abilities to provoke disorder. He is known to play tricks on samurais who have turned arrogant, or priests who have turned haughty, flaunting his bad behavior in order to encourage good behavior in others. His long nose holds a connotation that wavers between the comical and sexual. He has the power to change his voice and his form, to teleport from one place to another, and even to enter people’s dreams. In the Tengu Festivals, the character is incarnated by a masked man who blends into the crowd and distributes random blows with a bat, provoking laughter and amusement.

Private collection

TRANSGRESSION + SEXUALITY + SUPERNATURAL

USOFUKI

Kyogen Theater [Style of comical Japanese theater, medieval in origin]

JAPAN

Traditional Kyogen Theater is less formal than other Japanese styles of dramatic art: it uses comedy to deal with the tragedy of the human condition. Its repertoire of plays includes around 30 masked characters, among them Usofuki (uso: “lie”; fuki: “to blow” or “to whistle”). An old man with a look of surprise in his eyes, but incapable of screaming to give voice to his fright, he limits himself to a cowardly whisper, a reference to the impotence of man and the meaningless of life. His exaggerated features confer upon him an aspect of caricature and amusement, which also can be applied to the representation of the spirits of plants, fish and insects, and which serves to ridicule important figures in society and nature, criticizing them by using humor.

Private collection

TRANSGRESSION

DEVIL

Corpus Christi festivals in Yare

VENEZUELA

In the Venezuelan city of San Francisco de Yare, legend has it that, in the mid-18th century, a group of farmers, driven to desperation by a severe drought, decide to dress up as demons and dance, begging for water. The result? That year, it rained more than ever before. Since then, mask-wearers known as *Diablos Danzantes* de Yare celebrate this occurrence every Thursday of *Corpus Christi*, 60 days after the Christian holiday of Easter in a celebration that blends religious and pagan elements. Each mask is unique, weighing up to 5 kilos, and represents a demonic or bestial image. The day before, the devils already start preparing with a vigil of chants and prayers led by the *Sociedad del Santísimo*, the oldest brotherhood in the Americas. At sunrise, they begin their procession to the door of a church, where the *Santísimo* faces off with the demons until they fall on the ground in exhaustion. Next, the dancers are blessed by a priest and go out, visiting 41 altars at different points of the city. The

procession is accompanied by devout women who, like the devils, wear red outfits, crucifixes and scapularies.

Collection of the Latin America Memorial, São Paulo

SUPERNATURAL

DEVIL

Dance of the Devils

COSTA RICA

The Boruca, who live in the southern region of Costa Rica, claim to be the only people in Central America to never have been conquered by the European colonizers. And they celebrate this resistance through the Dance of the Devils, also known as the Game of the Little Devils: a four-day festival held from December 30th to January 2nd, which dramatizes the fight between the Spanish and the Boruca, the former driven out by the latter. Famous for the sophisticated masks that they craft for the festival, they represent the colonizer as a great bull, keen on attacking others, and themselves as masked devils that resist him. The figure of the devil, in the dance, harks back to the European view that the religious beliefs of the natives that they found in Latin America were no more than contemptible superstitions. More than just simple fun, the game symbolizes the modern-day reality of indigenous peoples like the Boruca, who to this day need to fight against outside pressures to keep their traditions alive.

Private Collection

POWER + SUPERNATURAL

BATE-BOLA (CLÓVIS)

Carnival of Rio de Janeiro

BRAZIL

An heir of the characters of festivals brought over from Europe, the Bate-bolas spread joy and terror in Rio de Janeiro’s outer city limits during carnival. Also known as Clóvis, a distortion of the English word “clown,” revelers go out in groups, dressed identically in the same mask and the same costume, which grants them the sensation of liberty and that all is permitted. They maintain a tradition that began with the slaves, who donned masks to express their contained rage, forcefully beating ox bladders tied to sticks on the ground. In the contemporary version, in which the rubber balls are used instead, the aggressiveness remains a part of the party. It is not uncommon for the groups to intensify fear by setting off firecrackers and bursts of gunshots, before invading the streets of a neighborhood. Also not uncommon are reports of clashes between rival groups of Bate-bolas, resulting in serious injuries and even death for some revelers.

Private collection

TRANSGRESSION + POWER

UNTITLED

Stephan Doitschinoff [Contemporary artist]

BRAZIL

According to Brazilian artist Stephan Doitschinoff, the figure of the devil spread by Christianity is the fruit of one of the most elaborate acts of “symbolic hacking” in history. When Christians came to religious power in the Roman Empire, they began adul-

terating the sacred representations of conquered peoples, categorizing a large part of them as demons and enemies of Christ, in other words, Antichrists. As if in a puzzle, the image recognized as diabolical gradually accumulated parts of different cosmologies and religions: Neptune’s trident, Baphomet’s horns, not to mention elements of female divinities, such as breasts. In this context, the act of donning a devil’s mask, with eyes that represent death in the form of coffins, can take on political symbolism in defense of the freedom of worship, which comes from Doitschinoff’s work to reassign meaning to religious images, questioning the dogmas they impose, and thus provoking reflection and criticism.

Stephan Doitschinoff Collection

TRANSGRESSION + POWER + DEATH

ACUPE GRIMACE

Festival of independence of Bahia

BRAZIL

The arrival of July, the month in which the Portuguese left Brazil in 1823, is celebrated with a party in the in the Acupe district of the Recôncavo Baiano. The theme of the nation’s independence evokes the commemoration of the independence of the slaves. One of the most traditional rites is that of Nego Fugido [literally “Escaped Black”], a dramatization of the pursuit, capture and liberation of those who dared to run away. Also celebrated are the *Caretas de Acupe* [“Acupe Grimace”]: frightening masks worn by revelers who chase people in the alleys and streets, attempting to whip them. They say that freed slaves wore these sorts of masks to terrify slave owners, fueling the imagination that there were supernatural demons inhabiting those forests. However, the symbology of the whip seems to instead suggest that the demonic forces represented were the colonizers themselves.

Private collection

TRANSGRESSION + POWER

HARLEQUIN

Halloween

USA

One of the most famous love triangles in the world began in 16th century Venice, with the masked characters that appeared in the traveling street shows. In the performances of *Commedia dell’Arte*, a genre of popular theater with strong elements of circus and improvisation, spectators were enchanted by the story of the charming Colombina, divided between the seduction of Harlequin and the platonic love of Pierrot. First she runs away with Harlequin, then regrets her decision and marries Pierrot, but spends her life dreaming of reencountering her old flame at some carnival. Wearing a hat with bells on the tips, Harlequin is an informal and bold character, with touches of a court jester. His name is derived from the term *hellequin*, an Old French word used to designate a devil. Perhaps this is the inspiration for the piece displayed here: highlighting the diabolical features of the fool, the burlesque character turns frightening in this Halloween mask.

Luiz Filipe Carvalho Collection

TRANSGRESSION

ALTI DANTE

Carnival of Basil

SWITZERLAND

The embodiment of vulgar elegance, the *Alti Dante* (a variation on the German *Alte Tante*, “Old Aunt”) is the great dame of the Carnival of Basel. A caricature of an elderly upper class woman, the mask was created in the late 19th century, but when combined with the dress, hat and accessories, it comprises an outfit typical of the Biedermeier period (1815-1848). So it follows that the outfit was assembled by people of the lower classes, utilizing old out-of-fashion clothing that had no use. The mask of the Old Aunt allows an inversion not only of social classes, with poor people dressing up as the rich. It also allows for an inversion of gender roles, since it is also worn by men, representing the essential proposal of the carnival festivities: to dramatize the subversion of an established order.

Private collection

TRANSGRESSION

ELDERLY KING

Lhamo Theater [Classic style of dramatic Tibetan art involving music, theater and dance]

TIBET

In the 15th century, the mystic Tibetan Thangtong Gyalpo, while passing through the port of the Lhasa River, was moved to notice that many people wanted to cross the river but did not have money to pay to get across. He asked the captain of a watercraft if he would take them across for free. Instead, the captain assaulted him. Refusing to accept the situation, Gyalpo decided to dedicate himself to building bridges. In order to raise funds for their construction, he recruited seven sisters from the province of Lhoka, dressed in fine clothing, and began traveling with them to villages, organizing theatrical performances with musical number and dances. Fascinated, the audiences referred to them as “goddesses” (*lhamo*), which was said to be origin of the Lhamo theater, a style of Tibetan dramatic art that has hundreds of years old. With a repertoire that has changed little since the 15th century, the plays are based on Buddhist legends and romanticized versions of Tibetan history with figures distinguished by their colorful masks. The red masks, for example, are worn by kings, men of a certain age and those who hold positions of leadership and power.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

POWER

CLOWN POET (LITTLE GYPSY)

Folia de Reis

BRAZIL

Twelve days after the birth of Christ, three kings traveled to visit him, guided by the star of Bethlehem. Caspar, Balthazar and Melchior presented the newborn baby with gold, incense and myrrh, the origin behind the Catholic tradition of exchanging presents in honor of the Nativity. Celebrated in January, the *Folia de Reis* celebrates this bible passage with a parade of musicians, dancers and revelers. It was in-

troduced to Brazil in the 16th century by Jesuit priests, as part of the catechization of the indigenous peoples and the Africans after them. But it ended up incorporating pagan elements like the representation of frightening animals in the masks of the clown poets, who recite verses exalting kindness and Christian values. In Rio de Janeiro’s outer city limits, it is common for the clowns to go house-to-house exhibiting their colorful clothing, doing frenetic dances, greeting the residents, playing with the children and reciting songs.

Collection of the Cultural Department / University of the State of Rio de Janeiro

TRANSGRESSION

OLD MONK

South Korean Buddhist rites

SOUTH KOREA

Once upon a time, an Old Monk dedicated his life to the study and spread of Buddhist teachings. One day, he unexpectedly sees two young women dancing in a village and experiences a strong feeling of lust. The more they dance, the more the feeling grows, until he can no longer resist and decides to court them. The religious man is observed by Prodigal, a pupil who agreed to become a monk because he had no talents in life, but resents having renounced everyday pleasures. Filled with jealousy, Prodigal fights the master to win the attention of one of the dancers. With a mask dotted with white stains, symbolizing the fact that he was corrupted, the Old Monk refuses to give up: he ends up fleeing with the other woman. Plots that blend elements of humor with moral lessons are part of the repertoire of some South Korean Buddhist rites, as is the case in this famous fable, dramatized in the *Pyolsandae* mask dance, typical of the city of Yangju.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

TRANSGRESSION + SEXUALITY

KRISHNA

Chhau Dance of Saraikela

INDIA

One of the most revered deities among the Hindus, Krishna is the eighth and main form assumed by Vishnu, the god responsible for preserving the universe. Protector of life, at times represented as a young prankster, at others as an ideal lover, still others as a sacred hero. His blue body, entirely spiritual and incorruptible, is not subject to finitude and death. In the traditional Chhau Dance, a typical expression in the Indian district of Saraikela that incorporates martial arts movements and acrobatics, the masked man who represents Krishna often dances with another masked man in a peacock costume, the animal associated with god for its nobility and divine beauty. Derived from the word *chhaya* in Sanskrit, the name of the dance means “masks,” “shadow” or “image,” and its performances narrate the stories of the great epics of Hindu mythology.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

POWER + SUPERNATURAL

MUNGEMA

Rites of the Lega people

DEMOCRATIC REPUBLIC OF THE CONGO

Each Lega village has an initiation society known as *Bwami*, organized into a complex hierarchy in which men and women progress according to their knowledge and rites of initiation. This wisdom is transmitted orally through the poetic teachings of secret songs, accompanied by figures and masks of strong symbolic power. Perfumed and painted with white clay before being exhibited, these pieces can represent people (Mungema, for example, is the man who shouts at banquets), proverbs and legends. Each mask is kept by its owner and reveals their position in the stages of *Bwami* society. When a member dies, his or her ritual figures are preserved and transmitted by generations, proving the importance of ancestry to the Lega.

Private collection

POWER

SIDHA KARYA

Wayang Topeng [Traditional Javanese masked theater]

INDONESIA

The Balinese version of the *Wayang Topeng* mask theater, native to the island of Java, features a character that is at once irreverent and sacred to the local Hindu tradition. Sidha Karya (“he who completes the ritual work”) is portrayed as a man of advanced age, but engaged in a strong, hypnotic performance, generally the last of the spectacle. His presence is anxiously anticipated by children, because he usually invades the audience to chase after them, sometimes offering gifts to the little ones. Next, Sidha Karya blesses the public, driving away the evil spirits and reinforcing the religious character of the presentation. This character also occasionally participates in other sacred Balinese rites, such as weddings and cremation ceremonies.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

TRANSGRESSION + POWER + SUPERNATURAL

OKINA

Noh theater

Bidou Yamaguchi [Contemporary artist]

JAPAN

The oldest play in the Noh repertoire, probably dating from the 10th century, *Okina* has no set plot or characters: it toes the line between stage play and holy ceremony, held only on special occasions. The actors dance, representing divine figures, and recite prayers for peace, fertility and longevity. The actor who plays Okina goes through rites of purification before the beginning of the show, and only dons the mask after exposing his own face onstage. Once the performance has begun, it is followed by a liturgy that prohibits the public from entering or exiting. In the anteroom in the set, there is an altar with offerings, like sake and a box containing all the masks in the show. In crafting this piece, artist Bidou Yamaguchi chose materials that symbolize the solemnity of the mask, like the traditional Ja-

panese cypress, combined with alternative materials such as hemp and horse hair in reference to the ritual’s ethereal character.

Target Corporation Collection

SUPERNATURAL

CARETO STEAMPUNK

Miguel Moreira e Silva [Contemporary artist]

PORTUGAL

In the Portuguese spoken in Portugal, “careto” means “masked individual,” a recurring theme in the work of Miguel Moreira e Silva, the artist in residence at the Iberian Museum of Masks and Garments in Bragança. In this work, he took inspiration from the concept of *steampunk*, an offshoot of science fiction, known for transposing high-tech devices to the Victorian Era, at the height of the Industrial Revolution. Well-represented in the writings of French author Jules Verne, who imagined adventures in contraptions that would only come into existence decades later, the steampunk style was adopted by fans of fantastical narratives who frequent cosplay events. In the context of the work by Moreira e Silva, *Careto Steampunk* combines the main characteristics of the style: references to complex but still mechanical technology (with valves and gears typical of the steam-powered machinery of the 19th century), combining the old with the new, the modern and the obsolete, in a single object.

Miguel Moreira e Silva Collection

HYBRIDITY

SHIVA

Chhau Dance of Saraikela

INDIA

In the holy trinity of Hinduism, the god Shiva is a cosmic dancer who gives rhythm to the destruction and re-creation of life. His third eye, located on his forehead, is the symbol of knowledge, but he usually keeps it shut because when opened, it has the power to burn everything in its path. At times called *destroyer*, at others *transformer*, he is the one upon whom the universe’s cycles of renewal, created by Brahma and preserved by Vishnu, depend. Used in numerous sacred festivities in the different regions of the world where Hindu communities live, the mask of Shiva can assume aggressive or serene expressions. The latter is the case of the piece on display here, crafted in the style of the traditional Chhau Dance: a rite practiced in the Saraikela district in northeastern India which involves the manufacturing of instruments and masks as an homage to the main gods of the Hindu pantheon.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

CREATION + POWER + SUPERNATURAL + KNOWLEDGE + DEATH

NANĀ

Candomblé

BRAZIL

The Supreme God Olorum tasked Oxalá, the Creator orisha, with making the world and human beings. Oxalá tried to make

man out of air, and the man dissolved. He tried to make him out of fire, but the man consumed himself. He tried wood, stone, water, olive oil, even palm wine, and nothing worked. Until he received the help of Nanã, the orisha of the rain, mangroves and swamps. At the bottom of a lake she obtained the mud that Oxalá used to shape man, which Olorum blew on to give him a soul. But Nanã demanded back the material she had loaned to the man: when he dies, his body returns to the earth. Adorned with straw and shells, elements of the land and the waters, Nanã’s crown pays homage to the oldest of the orishas, guardian of the grains and the port of entry and exit for souls, represented as a Great Mother Earth, like the goddess Gaia in Greek mythology.

Private collection

CREATION + POWER + SUPERNATURAL + KNOWLEDGE + DEATH

DIAO CHAN

Dixi theater [Ritualistic opera from the province of Guizhou that exalts the feats of historical figures considered blessed]

CHINA

Possessing unmatched beauty, Diao Chan was raised by the minister Wang Yun as his daughter. He was concerned about the fate of the Han dynasty under the rule of Dong Zhuo, a tyrannical landlord who was practically untouchable because of his bodyguards, including the undefeated warrior Lü Bu. In order to help her stepfather, Diao Chan participates in a plan to defeat Dong Zhuo and Lü Bu by turning them against each other. First, the minister offers his daughter’s hand to the warrior, who is instantly overjoyed by the idea. Next, he offers her to the lord as a concubine, who also accepts the proposal. Whenever possible, Diao Chan takes the opportunity to complain to one that she is being courted by the another. Soon enough the two men engage in a physical dispute, and Lü Bu kills Dong Zhuo. This is plot of the classic *Romance of the Three Kingdoms*, written by Luo Guanzhong in the 14th century and later adapted for the Dixi theater. It is unknown whether Diao Chan actually existed, but her courage is exalted to this day in the performances, which combine historical facts and sacred, religious elements.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon

SEXUALITY + POWER + JUSTICE

KORE

Rites of the Bamana people

MALI

Though most of the Bamana people today are Muslim, many still worship their ancestors, often represented by sacred figures of animals or ones combining human and animal traits. These ceremonies have a relationship with a strongly hierarchical society that is ordered not only according to castes, but also by six age groups: N’domo, Komo, Tyi, Wara, Nama and Kore. The

first group, the N’domo, is open to children before they are circumcised, who must learn about the origin of mankind and their status in society. In the rite of passage to the next level, a representative of the last group, the Kore (who wear the style of mask on display here), fulfills the role of judging those who are about to move up to the next group, through the rite of circumcision. Characterized by cutting, sacrifices and tests of courage, these Bamana rites clearly demonstrate one aspect of rites of passage as a whole: something must die in order for something else to be born. And this process is symbolized by blood, pain and public demonstrations of power.

Ivani and Jorge Yunes Collection

HYBRIDITY + POWER + SUPERNATURAL + DEATH

TCHIWARA

Rites of the Bambara people

MALI

For the Bambara people, the antelope represents the spirit of Tchiwara, the wild animal of agriculture, considered a noble and essential occupation. The Bambara are organized into villages encircled by areas cultivated by groups of family cooperatives known as *flankuru*. Attached to a wicker support, the piece displayed here is used as a head ornament for the young people of the *flankuru*. In rites that celebrate the planting and harvesting of crops, they dance in pairs (some wearing female masks, others wearing male masks), imitating antelopes. The social organization of the Bambara involves six initiation societies which a man must go through to reach the highest level of understanding of ancestral wisdom. Each rite of initiation into a new society is accompanied by the use of masks, generally animal masks, the antelope belonging to the second highest level. The fact that it portrays a female carrying her young suggests the idea of fertility, involved in the rite of fertilizing the soil.

Private collection

CREATION + SEXUALITY + SUPERNATURAL

PANJI

Wayang Topeng [Traditional masked theater on the island of Java]

INDONESIA

The night before his wedding to the princess Candra Kirana, prince Panji discovers his fiancé has disappeared. Another woman appears, professing to be Candra, claiming that her appearance was altered by the god of death. According to her, the spell would be broken by their marriage. But the real princess has been exiled to the forest and instructed by the gods to disguise herself as a man and return to the palace. Unable to get in, she sends a message to her fiancé, warning him that the false bride is a dangerous female demon. After executing her, the prince goes out in search of his beloved, beginning a journey of great adventures. The journey culminates in a battle in which Panji and his army fight against soldiers commanded by Candra, still disguised as a man, and now the king of Bali. Just as they are



about to kill each other, the lovers recognize one another, making for a happy ending. Written in the 13th century, the stories of Panji were rewritten by various authors as they spread across Indonesia and neighboring countries like Vietnam and Thailand. To this day, they are adapted as plays in the traditional Javanese theater *Wayang Topeng*.

Private collection
POWER + JUSTICE

HANNIBAL LECTER Halloween

USA
In the feature film *The Silence of the Lambs* (dir.: Jonathan Demme, USA, 1991), Hannibal Lecter is a brilliant psychiatrist and also a serial killer cannibal, whose jaw had to be restrained by a sinister muzzle. The mask serves not only to curtail the killer's animal appetite, but also the danger of his manipulative words. Aside from devouring the flesh of his victims, Lecter delights in devouring their minds, hence the interest aroused by his mask, which has become popular prop at Halloween parties.

Private collection
TRANSGRESSION + POWER + KNOWLEDGE + DEATH

BAUTA Carnival of Venice

ITALY
Bauta, the mask most commonly worn during the Carnival of Venice, first became popular in the 17th and 18th centuries. Com-

bined with a black cape and triangular hat, it portrays an aristocratic figure, reinforced by the fact that the mask distorts the voice of the person wearing it, turning it haughty and imposing. But the costume is adopted by rich and poor alike, representing the very spirit of the Carnival of Venice, in which nobles and plebs can play side by side. Christened from the German verb *behüten*, which means "to protect" or "shield," *Bauta* preserves the identity of whoever wears it, covering the entire face, but leaving the mouth free to eat and drink freely. Characterized by games and excess, the Carnival of Venice was prohibited in 1797 by Napoleon Bonaparte when he occupied the city. Nearly two centuries later, in 1979, the tradition was revived, and with it the return of its more emblematic masks, associated with the garments of the 18th century.

Private collection
TRANSGRESSION + POWER

YANGBAN Korean Buddhist rites

THE KOREAS
In the South Korean region of Yangju, the tradition of the Sande dance is practiced, a rite of masks with Buddhist influences and touches of humor that intends not only to entertain audiences, but also to drive away demons and ask the gods to promote peace and happiness. Among the dance's typical characters is Yangban, one of the two aristocrats and aspiring poets, who, accompanied by the serf Maltugi, give life to one of the best-known plots of the Sande repertoire. After writing rhymes,

the aristocrats discuss them with a wise man, each insisting that their poem is better than those written by the other two. When a police officer arrives and asks Maltugi to point out a thief, the serf denounces the wise man, accusing him of stealing the wisdom of others. Offering an ironic treatment of the superiority of practical intelligence over erudite knowledge, the plot is also part of the cultural repertoire in North Korean regions like Pongsan, but its performance is currently outlawed by the communist government.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon
POWER

WOMAN'S FACE (Mfon) Rites of the Anang people

NIGERIA
The masks produced by the Anang people are the property of *Ekpo*, an association of men responsible for worshipping ancestors. After the yam harvest, the Anang dance to maintain the social order, evoking the spirits of their ancestors represented in the masks. Much like the spirits, the masks can be of two sorts. Some have grotesque features (*Idiok*) and are considered dangerous, though they can only be seen by members of the *Ekpo*. Others have beautiful, harmonious features (*Mfon*), able to be admired by all the Anang, as is the case of the Woman's Face on display here.

Private collection
SUPERNATURAL

GARUDA (KARURA) Gigaku Theater [Mute theater, involving music, miming and dance, imported from China to Japan between the 6th and 8th centuries and now seeing a revival] JAPAN

A recurring figure in various Asian mythologies, having originated in ancient Assyrian myths, Garuda is a large sun eagle, who serves as the vehicle mount for Vishnu (in Hindu mythology) or Buddha (in Buddhist mythology present in the Gigaku Theater). An enemy of the Nagas, a clan of serpents that imprisoned his mother, Garuda confronted gods and dragons to steal the water of immortality, which the serpents demanded as a ransom for their hostage. But after he rescued her, the gods recovered the water, defeating the Nagas. An icon of courage and power, Garuda is often depicted as subjugating a serpent in its claws. The duality between the eagle and the serpent, a creature that flies and one that slithers on the ground, also symbolizes the duality between heaven and earth.

Collection of the Media Art League, Tokyo, New York, Toronto
HYBRIDITY + POWER + SUPERNATURAL

MEDICO DELLA PESTE / DOTTORE Carnival of Venice / Commedia dell'Arte

ITALY
Since the 14th century, there are registers of masks worn by doctors during the plague epidemics in Europe, as part of a wardrobe that included hat, gloves, a long frock and a pair of special shoes. One of the most common masks functioned as a kind of respirator: it had two openings for the eyes covered by glass lenses, two orifices for the nostrils and a large curved beak. Inside the beak they would place a sponge soaked in vinegar or a handful of perfumed substances such as lavender, thyme, peppermint or cloves. The objective was to avoid the fetid odors exhaled by the sick (considered the cause that of epidemics), protecting the doctor from infections. The image of a masked doctor as a grotesque giant bird, associated with the ideas of disease and death, fed the popular imagination. The mask of the *Medico della Peste* was adopted by the revelers at the Carnival of Venice and by the performances of *Commedia dell'Arte*, a popular street theater tradition that originated in the 16th century in which the character was best known as *Dottore* or *Graziano*, a miserly old rich man and pseudo-intellectual.

Private collection
KNOWLEDGE + DEATH

ANTHROPO-ZOOMORPHIC MASK Rites of the Dan people

IVORY COAST
In the villages of the Dan people, initiation societies are responsible for maintaining order and ritual practices, controlling the craft and the use of various sorts of masks that serve as intermediaries between the natural and supernatural

worlds. Adorned with a long beak characteristic of a hybrid human/bird face, the piece displayed here could belong to the *Bagle* category, worn by those who dance accompanied by a musical choir. But it might also belong to the *Gunyege* category, typical of those competing in races, or the *Zakpege* category, for those who act to prevent fires. These possibilities denote the difficulty in being certain of the function of a Dan mask based solely on its appearance, isolated from its ritual context.

Private collection
HYBRIDITY + POWER + SUPERNATURAL

SAMURAI Japanese cultural heritage [Facial armor worn in the Boshin War (1868-1869), a historical milestone in the decline of samurai culture]

JAPAN
The word *samurai* (which means "those who serve") is used to designate a special class of virtually invincible warriors loyal to the landowners of medieval Japan. They maintained a strict code of conduct, guided by discipline and a mastery of the martial arts and bladed weapons. Should they fall into dishonor, they engaged in a slow and painful ritual suicide by slicing open their own abdomen, an act that made them timeless icons of courage and dignity. In São Paulo, the city that is home to the most Japanese people outside of Japan, the Day of the Samurai is celebrated every April 24th.

Collection of the Museum of the History of Japanese Immigration to Brazil, São Paulo
JUSTICE + POWER + KNOWLEDGE

RANRYO Bugaku dance [Traditional style of masked dance imported from China in the 8th century]

JAPAN
Once upon a time, a young Chinese prince blessed with a face so seductive that he had to enter the battlefield wearing a mask that inspired fear. His intuition was not only to terrify his enemies, but also to prevent his own allies from being distracted by his beauty. This is the story of Prince Lanling (Ranryo in Japanese), which dates back to the 6th century and serves as the inspiration for one of the typical choreographies of the Bugaku Dance, practiced only by nobles in Japanese courts for over 1000 years, before becoming popularized in the second half of the 20th century. With their sophisticated masks, the dancers incarnate birds, dragons and other natural and supernatural beings, through slow, precise and elegant movements, dramatizing legendary battles or meetings between mythical characters, often influenced by elements of Buddhist cosmology.

Fundação Oriente / Museum of the Orient, Kwok On Collection, Lisbon
POWER + SUPERNATURAL

IRON MAN Cosplay [From the English for "costume + play": conventions of fans who dress up as characters from movies, TV shows and games] USA

Created by author Stan Lee for a 1963 comic book, Iron Man is the identity assumed by billionaire Tony Stark upon donning the armored suit that gives him his superpowers. An ingenious scientist and businessman, Stark lost his parents in an accident and, at age 21, inherited their entire fortune, which he went on to invest in his research and inventions. During the Vietnam War, he was struck by grenade shrapnel which became lodged near his heart. Wounded and imprisoned, he was coerced to invent a powerful war machine by the villain Wong Chu. But instead, he secretly invented the armor that would save his life. Empowered by the armored suit, he was able to kill Chu and escape back to the US. Since then, Iron Man has been fine-tuning his suit, armed with superhuman strength and capable of flying and shooting repulser beams from his hands. His main enemies are communist leaders and spies, exemplifying the Cold War context that marked the cultural imagination in many countries in the second half of the 20th century.

Private collection
JUSTICE + POWER

BATMAN Cosplay [From the English for "costume + play": conventions of fans who dress up as characters from movies, TV shows and games] USA

Magnate Bruce Wayne holds a secret from his childhood: after witnessing his parents' murder, he swore to take vengeance on criminals and defend Gotham City against all forms of injustice. He made the black symbol of his mourning into the figure of the Dark Knight, who has no superpowers and thus uses his intelligence to strike fear into the hearts of his opponents. Like a just, protective but menacing father, Batman stands at the limits between hero and villain. Inspired by the creature that sleeps by day and moves about at night, he symbolizes the forces hidden in the darkness of caves and the underground.

Private collection
TRANSGRESSION + JUSTICE + POWER

SPIDERMAN Cosplay [From the English for "costume + play": conventions of fans who dress up as characters from movies, TV shows and games] USA

After getting bitten by a radioactive spider in a nuclear laboratory, student Peter Parker is amazed to see that he has acquired a set of arachnid powers, including the ability to climb walls and produce resistant and flexible strands of web. The murder of

his Uncle Ben, who raised him like his own son, led Peter to assume the persona of Spiderman to fight crime in New York City. An artisan by instinct and nature, weaving its web using the substance of its own body, the spider is a character featured in several mythologies. In Greek legend, it is the form assumed, as punishment, by the weaver Aracne, who attempted to prove that she was more skilled than the goddess Athena. Among some of the peoples of Africa and Micronesia, the spider is a primordial god, who actually created man. In the contemporary western world, the symbology of the web with its multiple connections inspired the name of the global network of computers, christened the World Wide Web (www).

Private collection

JUSTICE + POWER

EPA

Rites of the Ekiti-Yoruba people
NIGERIA

The *Epa* masks of the people who make up the Ekiti region in the Yoruba territory of Nigeria normally exalt glorious roles in the community, validating the authority of those who perform them, like their ancestors who once performed them. Warriors, hunters, priests and even mothers and elders can be honored along with an ancestral spirit. The former are generally depicted with their eyes open, viewing the physical world of the living, and the latter are generally portrayed with their eyes closed, signaling their metaphysical existence. Equestrian representations are also occasionally included in honor of the figure of the conquering hero, in a turbulent history of disputes and invasions. Worn in a variety of ceremonies, rites of passage and rituals of worship of the gods, *Epa* masks customarily provoke an imposing presence. Each one can weigh over 20 kilos, so wearing one is itself a test of strength and resistance, also because some rites can last as long as three days, involving performative dances and challenging jumps.

Ivani and Jorge Yunes Collection

POWER + SUPERNATURAL

TAMOKÓ

Rites of the Wayana people
BRAZIL

The Wayana inhabit the region of Pará by the border with Suriname and French Guiana. According to their mythology, one day some men went to hunt and, while awaiting their prey in hiding, they saw a group of Tamokós, supernatural spirits that look like people, eating fruits in the forest. One of them hit the smallest Tamokó with an arrow. The other hunters fled, but they were spotted by another Tamokó, who followed them to their village and took revenge by devouring by an indigenous person. The spirit warned that, if provoked again, the Tamokós would return to destroy all the huts. But if they were calmed by songs and dances, they would not allow anything bad to happen to the village. Therefore, the shaman sang and danced, firming a

friendship between the Tamokó and the Wayana. This is why, before the construction of a new hut, the Wayana realize a Cumeeira Festival, with men singing, dancing and wearing Tamokó masks.

Museum of the Indian Collection

SUPERNATURAL

DEVIL

Annual competition of masks in Teloloapan
MEXICO

Every September 16th, municipal Teloloapan in the Mexican state of Guerrero applauds the traditional procession of devils, the city's annual mask competition. In front of the Municipal Palace, around 20 or 30 competitors display their masks, generally quite elaborate, with a proliferation of horns of different sizes and colors, disputing the title of most grotesque mask of the year. Winners and losers alike, the *diablos* circulate through the streets in groups during the afternoons of the following week, chasing children with their whips and making grunting and howling sounds. Legend has it that, in the final days of the Mexican War for Independence in 1821, some insurgents dressed up as devils to scare off Spanish soldiers, who believed the rumors that demons haunted the lands near Teloloapan. This is why the *diablos* show up every September 16th, Mexico's Independence Day, a celebration of this subversive and liberating act.

Collection of the Rafael Coronel Museum, Zacatecas

TRANSGRESSION + SUPERNATURAL

AYA UMA

Inti Raymi [Religious festival in honor of Inti, the Sun-God of the Incas]

ECUADOR

Every winter solstice, the celebration of *Inti Raymi*, the most important Andean cultural festival, centers around the figure of Aya Uma (literally “spirit head” in the Quechua language spoken by the Incas), who leads the dances performed in thanks to Pachamama, the Inca earth mother, for another cycle of harvests. Erroneously conceived of as a demon, thanks to the influence of Catholic explorers who considered him a mere superstition, Aya Uma is a spiritual guide who helps maintain the cosmic order, because he is capable of concentrating the energies of Pachamama. The two-faced mask symbolizes the future that is to come and the past left behind, but its composition of embroidery or patches also represents the dismemberment of the local culture after the arrival of the Spanish. In one of his hands, Aya Uma grips a whip, a symbol for cure, power and authority, which becomes an icon of the indigenous resistance to European cultural domination. The mask is of such importance that it can only be worn by a responsible worker, respected by the community and considered worthy of this honor.

Collection of the Latin America Memorial, São Paulo

POWER + SUPERNATURAL

DEVIL

Xantolo [Feast of All Saints, celebrated in Huasteca on the Day of the Dead]

MEXICO

In the Mexican region of Huasteca Potosina, the most celebrated day of the year is the Feast of All Saints, known as *Xantolo*, a distortion of the Latin *Festum Omnium Sanctorum*. The fruit of a mixture of Christian and pre-Colombian roots, the celebration takes place between October 30th and November 2nd, along with the Day of the Dead. One of the most important ceremonies in the festival is the procession of *comparsas*: masked paraders who take to the streets singing and dancing. In one of the dances, a reveler with a devil's mask cracks a whip on the floor, opening the gate between the worlds of the living and the dead, and trying to carry the living over to the other side, but his antagonist, *Santa Muerte*, is there to stop him. In the end, the mask-wearers are stripped of their roles, handing their masks over to a Patriarch, who conducts a cleansing to “remove the dead” from each of their bodies.

Collection of the Rafael Coronel Museum, Zacatecas

SUPERNATURAL + DEATH

DEVIL

Diablada

BOLIVIA

The *Diablada*, or *Danza de Diablos*, is led by dancers wearing demon masks, combining references to Catholicism and religions followed by the pre-Colombian peoples who inhabited the Andes. To evangelize the Aimará people, for example, Spanish priests decided to overlap concepts of Heaven and Hell with the concepts of Alajpacha and Ukupacha, associating the devil with the figure of Anchanchu, the owner of mines who inhabits the underworld. But the Andean worldview doesn't permit a conception of Ukupacha as completely bad, much less an Anchanchu that is entirely malevolent. In this way, he was converted into a joking, funny being who left his influence on the variety of demonic representations that give form to the masks of the *Diablada*. The dance takes on special significance at the Carnival of Oruro in Bolivia, where it originated, but also at the *Fiesta de La Candelaria* in Peru and the *Fiesta de La Tirana* in Chile. Its cultural heritage is disputed by the three countries.

Collection of the Latin America Memorial, São Paulo

SUPERNATURAL



SANTANDER CULTURAL

DIRETORIA BOARD OF TRUSTEES

PRESIDENTE PRESIDENT
Marcos Madureira

VICE-PRESIDENTE VICE PRESIDENT
Carlos Rey de Vicente

DIRETOR EXECUTIVO EXECUTIVE DIRECTOR
Angel Santodomingo Martell

DIRETOR EXECUTIVO EXECUTIVE DIRECTOR
Carlos Rey de Vicente

DIRETOR EXECUTIVO EXECUTIVE DIRECTOR
Jean Pierre Dupui

DIRETOR-SUPERINTENDENTE
SUPERINTENDENT
Carlos Trevi

CONSELHO CURADOR CURATING COUNCIL

PRESIDENTE PRESIDENT
Marcos Madureira

CONSELHEIROS COUNCILORS
Carlos Trevi
Elly de Vries

EQUIPE EXECUTIVA EXECUTIVE MANAGEMENT

COORDENADOR GERAL
GENERAL COORDINATOR
André Severo

COORDENADORA INSTITUCIONAL
INSTITUTIONAL COODINATOR
Máriele Salgado Duran

ANALISTA FINANCEIRO
FINANCIAL ANALYST
Daniel Cardoso Vitt

ASSISTENTE INSTITUCIONAL
INSTITUTIONAL ASSISTANT
Lara Sosa Dias
[Poart Gerenciamento Cultural]

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO
COMMUNICATION COORDINATOR
Carolina Biberger Maia
[Poart Gerenciamento Cultural]

BIBLIOTECÁRIO LIBRARIAN
Rafael Antunes
[Poart Gerenciamento Cultural]

COORDENADOR DA AÇÃO EDUCATIVA
COORDINATOR OF EDUCATIONAL ACTIONS
Márcio Lima Melnitzki
[Poart Gerenciamento Cultural]

MEDIADORES MEDIATORS
Bruno Salvaterra
Lenira Costa dos Santos
Pedro Gomes Pereira
[Poart Gerenciamento Cultural]

COORDENADOR DE OPERAÇÃO
COORDINATOR OF OPERATIONS
Günther Natusch Vieira
[Poart Gerenciamento Cultural]

ASSISTENTE DE OPERAÇÃO OPERATIONS ASSISTANT
Sérgio Wagner Navarro Pimentel
[Poart Gerenciamento Cultural]

EQUIPE DE ATENDIMENTO
CUSTOMER SERVICE TEAM
Alisson dos Reis Morais
Christofer Kulmann
Estela Oliveira da Silva
Jhenefer Zimmermann Reis
[Poart Gerenciamento Cultural]

EQUIPE TÉCNICA TECHNICAL TEAM
Daniel Faria Villa Verde
Magnum Borini
Patrezi Carvalho da Silva
[Poart Gerenciamento Cultural]

CINE SANTANDER CULTURAL MOVIE THEATER
João Pedro Motta Teixeira
Alexandra Rodrigues Domingues
Odair Abreu Oliveira
[Prana Filmes]

SUPERVISOR DE SEGURANÇA SECURITY SUPERVISOR
Gustavo Nery Duzac
[G4S Vanguarda Segurança e Vigilância Ltda]

LÍDER DE SEGURANÇA SECURITY LEADER
Carlos Alberto Duarth
Jackson Ferreira
[G4S Vanguarda Segurança e Vigilância Ltda]

INSPETOR INSPECTOR
Jeferson Gonçalves
[G4S Vanguarda Segurança e Vigilância Ltda]

EQUIPE DE SEGURANÇA
SECURITY STAFF
Carlos Eduardo Garcia da Silva
Daniel dos Santos Saucedo
Dionanthan Duarte
Fabiano Alexandre de Oliveira
Jaime Eduardo Costa Fontoura
Luciano dos Santos Gonçalves
Rafael Machado
Rodrigo Pereira Queiroz
Rogerio Luis Abreu
Rose da Silva Pinto
Willian Rodrigues da Rocha
[G4S Vanguarda Segurança e Vigilância Ltda]

CONTROLADOR DE ACESSO
ACCESS CONTROLLER
Douglas Bernardi Orav
Hector Willian Puente Gouveia
Leandro Duarte Tavares
Ronaldo Araujo Rodrigues
Tharso Elias da Silva Teixeira
Vladimir Oliveira Evangelista
[G4S Interativa Service Ltda.]

EQUIPE DE BOMBEIROS
FIREMAN STAFF
Júlio Cesar Rodrigues
Mário Lucas da Silva Jr
Rogerio da Silva Pinto
Tatiane Vargas Cabejo
[G4S Interativa Service Ltda.]

EQUIPE DE RECEPÇÃO CORPORATIVA
CORPORATE RECEPTION TEAM
Fabiana Pereira
Cristiane Marques
[Manserv Facilities LTDA]

EQUIPE DE MANUTENÇÃO
MAINTENANCE STAFF
Mauricio Barreto
Amir Luciano Silva da Silveira
Anita Pressi
Vinicio Azambuja Rolim
Rodrigo Nazari
Giovani Oliveira

Franco Carvalho
Alvoir Miguel de Oliveira
Eliseu Filipe Elsenbruch
[Manserv Facilities LTDA]

EQUIPE DE LIMPEZA CLEANING STAFF
Cristina Stuczynfki
Zanandra Guedes Soares
Nilvania Fonseca
Eliane Ribeiro
Vanessa Borges
Ana Lucia Garibotti
Josiane Garcia
Patricia Elena Andrade
Roselaine de Avila Pereira
[Manserv Facilities Ltda.]

ETNOS – FACES DA DIVERSIDADE

CURADORIA CURATOR
Marcello Dantas

PRODUÇÃO PRODUCTION
Magnetoscópio

PRODUÇÃO EXECUTIVA EXECUTIVE PRODUCTION
MadaíArt | Angela Magdalena

PESQUISA E COORDENAÇÃO DE CONTEÚDO
RESEARCH AND CONTENT COORDINATION
Gisèle Bertin

PESQUISA E REDAÇÃO RESEARCH AND COPY EDITING
Fernanda Hamann de Oliveira

ESPECIALISTA EM ARTE AFRICANA E CURADOR DA COLEÇÃO IVANI E JORGE YUNES
SPECIALIST IN AFRICAN ART AND CURATOR OF THE IVANI AND JORGE YUNES COLLECTION
Renato Araújo

DESENVOLVIMENTO DE PROJETO
PROJECT DEVELOPMENT
Aline Carrer

COORDENAÇÃO DE PROJETO PROJECT
COORDINATION
Tarsila Riso

ARQUITETURA ARCHITECTURE
Estúdio gru | Jeanine Menezes

ASSISTENTE DE ARQUITETURA ARCHITECTURE
ASSISTANT
Lia Naomi G. Untem

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO PRODUCTION
COORDINATION
Lorena Oliveira Vilela

PRODUÇÃO PRODUCTION
Luiza Testa
Isabela Bevilacqua

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO PRODUCTION ASSISTANT
Sofia Gravina

COMUNICAÇÃO VISUAL VISUAL DESIGN
19 Design | Heloisa Faria

PESQUISA VIDEOGRÁFICA VIDEO RESEARCH
Luana Dias

EDIÇÃO DE VÍDEOS VIDEO EDITOR
Fernando Stutz

COORDENAÇÃO DE MONTAGEM DE OBRAS
ASSEMBLE COORDINATOR
Primeira Opção | Sergio Santos

MONTAGEM ASSEMBLE
Alexandre Moreira
Felipe Soranz
Jorge Garcia
Marcelo Moreira

MONTAGEM AUDIOVISUAL AUDIOVISUAL
INSTALLATION
Anderson Gelak Pedrozo

CONSERVAÇÃO CONSERVATION
Ângela Freitas
Sandra Sautter

ILUMINAÇÃO LIGHTING DESIGN
T19 Projetos
Dalton Camargos e
Caco Tomazzoli

CONCEPÇÃO 3D 3D DESIGN
Archimidia | André Wissenbach

FOTOGRAFIA PHOTOGRAPHY
Joana França
Luccas Villela

REVISÃO E TRADUÇÃO PROOFREADING
AND TRANSLATION
Cícero Oliveira
Matthew Rinaldi

SEGURO INSURANCE
Affinitê Consultoria e Corretagem de Seguros

ASSESSORIA JURÍDICA LEGAL ADVICE
Olivieri & Associados

TRANSPORTE TRANSPORTATION
Waiver Arts
Alves Tegam

CENOGRAFIA SCENOGRAPHY
Baldoino
Fake Cenografia | André Santos da Costa e
Daniel Pereira Cartana

APOIO ADMINISTRATIVO ADMINISTRATION SUPPORT
Dário Francisco
Rodrigo Marcel

MEDIADORES DO PROJETO EXHIBITION MEDIATORS
Andrei Moura do Santos
Andressa Gerlach Borba
Bruno da Rosa Lumertz
Caroline Lütckmeier

VIDEO: ACERVO/ARQUIVOS
VIDEO: COLLECTION/ARCHIVES
Alexandria Hammond e Ian Markiewicz
Amazon Picture/Cambará Filmes
Athene Films INc
Bikas Mishra
Björk
Bruno Villela e Sérgio Lobato
Carnaval de Barranquilla
Celso Brandão
Companhia Os Bondrés
Gary Mancuso
Gold Grippin
Jesús Pérez – Chuseto
Kyri Evangelou
LaTiesha Fazakas
Maykon Melo
Mask Collective
Natalie Boll
Palash Kumar Das
Prefeitura de Basel
Roger Walch
Stephan Doitschinoff
Stephen Russel
Tabea Buri

AGRADECIMENTOS ACKNOWLEDGEMENTS
Adriana Beretta
Alexandra Dias
Ana Carolina Delgado Vieira
Andrea Myers
Angela Nagai
Anthony Meyer
Associação Gaúcha de Dança do Leão e Dança do Dragão
Beatriz Yunes Guarita
Bel Flaksman
Bruna Santos da Silva
Camilo Francisco Ghorayeb
Carla Patrícia de Oliveira Lizaraso
Carlos Testa
Celso Brandão
Coleção Ivani e Jorge Yunes

Conceição Amaral
Media Art League
DAMSELFRAU
Dan Zimmerman
Departamento Cultural / UERJ
Eduardo Kobayashi
Eduardo Vaccari
Eric Lafforgue
Fazakas Gallery
Fernando Brandão
Flavio Luiz de Mello
Fundação Memorial da América Latina
Fundação Oriente / Museu do Oriente – Coleção Kwok On
Gabriela Chequer
Galleria Continua
Ione Couto
James Merry
Jens H. Jensen
Jonathan Júnior da Silva Mendes
Juan Rafael Coronel Rivera
Júlia Fontes
Karen Duffek
Kinley Wangchuk
Konan Kouakou David
Lara Dantas
LaTiesha Fazakas
Leonardo Guimarães de Oliveira – Grupo Enigma de Marechal Hermes
Luiz Filipe Carvalho
Manuel Júlio Vera del Carpio
Maria Catarina Duncan
Miguel Ángel Díaz Castorena
Miguel Moreira e Silva
Miro Ito
Museu Casa do Pontal
Museu do Índio
Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil
Museo Rafael Coronel
Pedro Reyes
Parthana Tagore
Regina Medeiros
Ricardo Azevedo Leitão
Rita Maria Erhart de Souza Dias
Rubens Lacerda
Ruth Levy
Susana Carrillo Le Roux
Stephan Doitschinoff
Stephan Winkler
Tabea Buri
Taïs Reganelli
Target Corporation
Tshering Choki

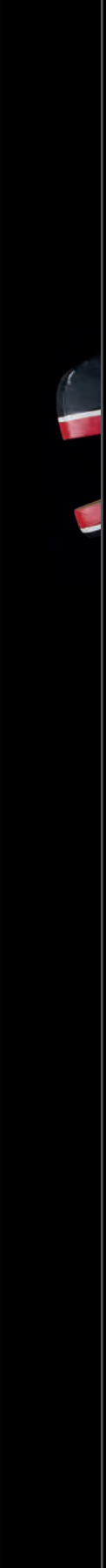


Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (Cip)
Elany Cristina Moreira da Silva (Bibliotecária CRB 11/863)

D192e Dantas, Marcello
Etnos – Faces da diversidade. / Marcello Dantas;
Catarina Duncan. Porto Alegre: RS, 2018.
108p.
ISBN 978-85-5697-656-7.
1. Arte. 2. Arte contemporânea. 3. Antiguidade.

I. Título.
CDU 7.036 CDD 700.1

Índices para catálogo sistemático
1. Arte contemporânea – Antiguidade – Arte 700/7





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (Cip)
Elany Cristina Moreira da Silva (Bibliotecária CRB 11/863)

D192e Dantas, Marcello
Etnos – Faces da diversidade. / Marcello Dantas;
Catarina Duncan. Porto Alegre: RS, 2018.
108p.
ISBN 978-85-5697-656-7.

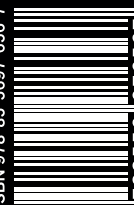
1. Arte. 2. Arte contemporânea. 3. Antiguidade.
I. Título.
CDU 7.036 CDD 700.1

Índices para catálogo sistemático
1. Arte contemporânea – Antiguidade – Arte 700/7





ISBN 978-85-5687-656-7



9 788556 976567

Patrocínio



Apoio



Produção

FUNDAÇÃO
ORIENTE
MUSEU

Magnetoscópi©

Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO
FEDERAL